

PINTANDO E BORDANDO SONHOS

JUCKLIN CELESTINO FILHO



Apresentado por

Meu Lado Poético 

Dedicatória

*Dedico este livro à minha família, em especial ,
minha mãe Maria do Socorro Cordeiro, ao inesquecível tio Vivaldo, meu predecessor poético , ao
meu saudoso irmão, Herbert Celestino que muito me incentivou, ao meu querido pai , saudoso*

Jucklin Celestino da Silva.

Agradecimentos

Agradeço a Deus, que me deu inspiração e tornou possível a realização de um sonho, a José Arnaldo Brito Moitinho, que sempre acreditou em mim e me incentivou para a publicação dos livros de poemas: Espelho do Tempo, pela editora Viseu , Contraponto (poesias) , Nas Vozes do Vento (haicais), pela Amazon, a participação na coletânea da Palavra é Arte, primeiro livro por mim publicado em antologia de vários autores, destacando o agradecimento ao professor Gilberto Martins, sem o qual, não seria possível essa realização.

Agradeço, em especial, ao Meu Lado Poético pela oportunidade da publicação do e-book.

Sobre o autor

Sou natural de Itabuna -- Ba , me formei em
Administração pela Universidade Estadual da
Bahia, sou servidor público, escrevo poesias desde
os 16 anos.Livros publicados por mim: Espelho do
Tempo e Contraponto , nas Vozes do
Vento(haicais)

resumo

O RETORNO

RECONHECIMENTO.

PÁSSARO TRISTE

PIRILAMPOS DE FOGO

A VIDA SEMPRE ENGANA

DANDO COMO PENHOR A ALMA

ALMA APRISIONADA

A MAIOR MENTIRA

VATE DELIRANTE

CHORA A NATUREZA

MERA ILUSÃO (ITABUNA, 1972)

NINGUÉM LEVA NADA PRA O TÚMULO

A JUSTIÇA NÃO TEM LADO

A PRÓPRIA MENTIRA

TRAGÉDIA ROMANA

AS FLORES MURCHAM

INDOMÁVEL PÁSSARO

A DOR QUE DO POETA AGASALHA A ALMA

MUNDO CÃO

LENHADOR DESALMADO

SENTENÇA DA VIDA

O ESTADISTA

LUZ PRÓPRIA

ENTRE FLORES E ESPINHOS

SOMBRAS DA MALDADE

QUE DIZEM OS ASTROS?

PATATIVA E / OU ROUXINOL

OS PAIS DA MENTIRA

LOUCO

A MÁSCARA DO FINGIMENTO

A ROSA QUE TE DEI

DESCE DO PEDESTAL

TURBULÊNCIA

É BEM MELHOR O SILÊNCIO

PAINEL DO FIRMAMENTO

JUSTIÇA DIVINA

GATO NA RATOEIRA

DERROTA DO MINOTAURO

A JUSTIÇA TARDA.MAS NÃO FALHA

A MAIS BELA DAS FLORES

TRIUNFO A QUE MEREÇA

DEVER DO ESTADO

NEM MESMO SEI QUAL É TEU NOME (ITABUNA, 79)

IMPUDICO RACISTA

DIGNIDADE NAO SE COMPRA

ODE AO AMOR

O ABORTO-DIFÍCIL DECISÃO (20/08/20)

AS FLORES QUE MURCHARAM

CACHORRADA

DITADURA DA SOLIDARIEDADE

VOZ DA JUSTIÇA

DINHEIRO NA BUNDA DO SENADOR (15/10/20)

DALILA

O PERDÃO TÃO ESPERADO

PORTAL DO TEMPO

O TEMPO NAO CORRE

INFAMIA (24/09/19)

MARIA EMBALA O FILHO

EU, PRESIDENTE

MONUMENTO À IMBECILIDADE (21/08/19)

LOBOS EM PELE DE CORDEIRO(16/07/19)

O PIOR VÍRUS, O DO IDIOTISMO (A QUEM CULPAR POR QUASE 160 MIL MORTES)?

NEM TUDO NA VIDA É DOCE

A COISA ESTÁ FEIA

ATROPELOS DA LEI

CANTO DORIDO

GIGANTE ADORMECIDO

O GADO E A VACINA

SATANÁS PREGANDO QUARESMA (!10/07/19)

DIA DOS FINADOS -- RÉQUIEM PELO FALECIMENTO DAS INSTITUIÇÕES BRASILEIRAS

O BRASIL QUE QUERO

PARIDADE DE ARMAS

ESCOLHA ENTRE O DIABO E O CAISA RUIM

NO LIXO DA HISTÓRIA (23/10/20)

NÃO IR PARA O MATADOURO (28/06/2020)

VÍSCERAS APODRECIDAS DA LAVA JATO

OPRÓBRIO

PÁSSAROS DE FOGO

CONCRETISMO

PASSANDO A BOIADA (20/10/20)

MEUS VERSOS, MINHAS PLANTAÇÕES, OS FANTASMAS DO CASTELO (17/03/2017)

ESTÁTUA DE PEDRA

MUNDO LOUCO

TÚMULO DA MALDADE

MIRAGEM DO EXISTIR

BRASIL, SUA BANDEIRA É VERMELHO-SANGUE (20/11/2020)

A ALMA ANSEIA A LIBERDADE

ENTRANHAS DA PODRIDÃO (28/06/19)

DESILUSÃO (ITABUNA, AGOSTO 79)

DELÍRIOS DE GRANDEZA

OS PÁSSAROS

NOVA ROMA

VAGABUNDAGEM

ROLO

O LIVRO DA CONJA

A CERTEZA QUE ME AMAS (15/11/1980)

DESCASO DO PODER PÚBLICO

A ROSA (1989)

A INDESEJADA

MERCADORES DA PALAVRA DE DEUS

CÍNICO DISFARCE (ITABUNA, 15/08/78)

CONFIDÊNCIAS DE UM EX-PRESIDENTE (30/12/17)

NÃO NOS AMOTINEMOS (17/11/20)

A FESTA

VISÕES DO OUTRO MUNDO

EU, TOTÓ

COITADO DE QUEM TEM POLÍTICO DE ESTIMAÇÃO

VALSA DOS 15 ANOS (ITABUNA, 18/10/77)

PERSEVERANÇA

A VOLTA DO CIPO DE AROEIRA

É LIVRE A COLHEITA

ESPIRITOS ETERNOS

A FONTE QUE SECOU (ITABUNA, 10/03/79)

O MUNDO DE DEUS -- VERDADEIRO TESOURO

DEFINIÇÃO

DANDO COMO PENHOR A ALMA

PARADOXO DA JUSTIÇA CEGA (03/03/2018)

PIRÂMIDES

PORTA ESCANCARADA

CEGO, SURDO E MUDO

30 MOEDAS DE OURO

PIOR DOS ANIMAIS

A MENSAGEM DA ESTÁTUA

CEGUEIRA, OU CORPORATIVISMO?

QUEM HOUVERA DE SABER?(02/07/19)

ANJO TORTO

SEGUNDO TRIUNVIRATO

AMANTE DA LUA

LEVIATÃ DA DESIGUALDADE

AS AREIAS DO CAMINHO

O QUE MEREÇA TER

O MONSTRO QUE PARIRAM

DEVER DE CONSCIÊNCIA

MATASTE O AMOR, A AMIZADE

TRIUFANTE CHEGADA

ÓRFÃOS DO PODER PÚBLICO

"VACINA NÃO TEM PRESSA"! A MORTE INTERESSA? (29/12/2020)

ODE À ALEGRIA

DIVINA CRIAÇÃO

CABRESTO

MONSTROS , PELO ELEITOR PARIDOS

NEGÓCIO LUCRATIVO (23/08/19)

FUJAMOS AO NAUFRÁGIO

O INDEFENSÁVEL (VITÓRIA DA CONQUISTA 12/02/21)

VERSO MUDO

VAI PASSAR

FANTASMA DE SI PRÓPRIO

CUIDADO COM AS PALAVRAS

PLANTAÇÃO

ESMOLA DO APRENDIZADO

MENTIROSO POR COMPULSÃO

JUSTIÇA MERCENÁRIA

PORTO SEGURO

COLHENDO ESPERANÇA

BOBA ALEGRE

LEMBRANÇA (ITABUNA, 12/06/79)

ORGULHO

A VERDADE SUPREMA

INIMIGO DE SI MESMO

O RETORNO

Bastaria uma palavra,
Um gesto,
A mão de amigo estendida,
E eu me teria entregue
De corpo e alma
A tão sublime afeto!
Tu não o fizeste.
E hoje me volves o rosto,
E me imploras perdão,
E retornas cabisbaixo
Ao nosso teto!...

Entra, filho. A casa é tua!
Vi que nada achaste na rua!...
Repara, na face desta tua velha,
Serena agora!
Acredita, a mãe não perde
O filho que se vai embora!...
Ela o tem no coração!
Tu não perdeste não !...

Mas se voltas em busca
Da riqueza
Que não te pude oferecer,
Ledo engano teu!
Continuo pobre como antes.
Se entretanto, voltas arrependido,
Ocupa teu lugar na mesa,
E não te esqueças, filho querido,
Do meu coração, nunca partiste!

RECONHECIMENTO.

De repente, no extenso horizonte ,
Assoma o fulgor de um clarão,
E tímido, qual navio soçobrando a medo,
Um raio tateia, e bem cedo
Entre as nuvens se encerra.
Mas num instante,
Num átimo de bravura, ousa dar a cara,
E retumbante escancara:
Há tantos seres arrogantes e maldosos,
Prepotentes e orgulhosos,
Que transitam pela terra
Em cúmulo de maldades,
Tendo em lugar do coração --
Uma pedra, e pretensiosos
Vão desfilando suas vaidades
No picadeiro da ilusão!...

II

Pobres iludidas criaturas ,
Luz alguma, suas mentes ilumina --
Excrescência, das excrescências,
Pensando tolamente
Serem vetores de grandiosidades,
E que tudo aos seus redores, circula,
Tendo as pessoas, qual moleque de picula
Calcadas aos pés,
E o mundo a lhes prestar culto,
Não vendo das brumas obscuras
De suas parcas consciências,
Foco de atrocidades ,
Ao revés,
Divisar um sacrossanto vulto
De tamanha grandeza,
De singular nobreza,

Cujo infinito amor é correnteza
Que verte água dos olhos,
Qual fonte cristalina,
No caudal da emoção.

III

Não ousa, ante minha
Pequenez de vivente
Declinar dessa augusta
Pessoa o nome.
Em hipótese alguma o farei.
Isso é algo que a razão
Se me consome,
Mas não vo-lo direi .
Nesse ínterim,
Uma voz intrépida,
Com estrondar uivante
Estruge noite afora:
Esse ser sublime,
Cujo amor infindo,
Num gesto lindo
Que somente o coração puro
De Santa exprime,
E que tu bem o fizeste,
Querido raio celeste,
De modo tão impogante --
Chamando-a de sacrossanto vulto,
Não distingue pompas,
Posição social, nem cor,
Pois a todos ama
Com o mesmo penhor.

IV

E eu, o vento errante,
Destemido viajante
Das longínquas plagas
Que desvirgino as matas,
Sacudindo as vagas,

Gemendo pelas fragas,
Encrespando as ondas do mar,
Livre como os versos do poeta,
Imortalizados na voz do estupendo
Agnaldo Timóteo, testemunha sou
Dessa ardente chama
De desvelado amor,
E unísono entoo agora:
Que é isto que ecoa no ar?
É o grito retumbante
Da Estrela Divina,
Da Santa Peregrina,
Que vive a clamar:
Senhores, a luta é árdua!
O sofrimento dos que
Necessitam ajuda, é atroz!
Vim pedir ajuda a vós,
Para aquele que já não
Sabe sorrir,
Que já não sabe cantar,
Que vive à margem do infortúnio!
V
Somente um coração desgraçado!
Um peito fechado
À caridade, ao amor,
Ficará indiferente a tanto lamento,
A tanta dor:
Senhora, abre a porta!
Dá-me abrigo!
Eu sei que és amiga do pobre,
Do mendigo!
Vês, eu trago o peito em chagas!...
Já palmilhei diversas plagas
À procura de arrimo:
Bati à porta do rico,
Do político,

Da sumidade!

Que tamanha impiedade!

Ninguém me acolheu!

São corações de pedra!

Túmulo fétido onde a semente

Do amor não medra,

E há muito, tudo de bom feneceu!

VI

Não podemos ficar indiferentes

À dor pungente

Que aflora o peito dessa pobre gente,

Em sua hora de extrema aflição!

Portanto, me ajudem, na difícil

Campanha, em prol do humilde,

E do necessitado ? que só têm

De seus ? o sofrimento e a resignação!

VII

Irmãos, eu não anseio por glória!

Não quero um castelo de ouro!

Não quero grandioso tesouro!

Minha maior vitória --

É a vitória do necessitado

Rogando-me auxílio,coitado,

Nas suas horas de tormento,

E eu possa atendê-lo,

Enfim, socorre-lo,

No seu momento

De acerbo sofrimento !

VIII

E assim essa incansável batalhadora,

Trabalha o dia inteiro,

Com inteirado fervor,

Provindo da ação arrebatadora

Do seu nobre coração, do amor --

Desvelado hospedeiro!...

Labora , sem descasar um minuto,

Tendo por tributo ?
O reconhecimento de quem
Precisa de ajuda, de uma mão amiga
Para socorrê-lo nas horas mais difíceis.
E sabe que nessa Santa, guarida, tem!

IX

Brademos ao firmamento,
O nome da nossa heroína:
A Estrela Divina,
A Santa Peregrina _--
Irmã Dulce!

Este poema foi composto em 1984. É uma pequena homenagem a quem de fato, foi uma Santa Peregrina. Irmã Dulce merecia o Prêmio Nobel da Paz. Mas ela já o ganhou lá no Céu, junto ao Bom Deus. E somente o Senhor Deus, para reconhecer os grandiosos serviços de uma Santa, que dedicou 40 anos de sua vida, aos pobres, às pessoas que diariamente a ela recorriam.

PÁSSARO TRISTE

Pássaro cego, que a liberdade
Alguém com maldade, viola!
E chora, e canta na soledade,
Enclausurado na gaiola!

Um instante pudesse enxergar,
Ao malvado dono perguntaria:
Moço, que faria ao levantar
Engaiolado, sem ver a luz do dia?

Decerto não teria ânimo pra cantar,
Só de tristeza preencheria as horas vazias,
Procurando luz, espaço para voar,
Sem poder distinguir noites ou dias!

Mas eu, cortado de dor, abandonado,
Cujos esplendores da luz não vejo,
Se pudesse ver-te cego, desolado,
Lamentaria. Dor alheia, não é meu desejo!

PIRILAMPOS DE FOGO

Não tenho nada com isso!
Dos marimbondos...
"Marimbondos de fogo"
Ao corisco vagabundo,
Riscando o céu em todo o mundo,
Do vaga-lume
Com seu lume ,
A acender, na retaguarda , o facho,
Da estrela cintilante
Ao sol itinerante,
Do luar, suspenso no horizonte ,
Das nuvens do arrebol que sobreveio,
Tudo é luz! Tudo resplandece
Em céu luzente!...
Todavia, em nota dissonante ,
Tolda o brilho
De encantos tantos,
Antevendo o incandescente rastilho --
Algo por demais cruel,
Onde ninguém se importa
De abrir a porta
Pois a "Inês é morta",
E da Justiça -- a balança entorta,
E as instituições, batendo
Cabeças, qual cego em tiroteio,
Não enxergam a verdade,
Relegam as normas,
Como se fora a Constituição Federal
Guardiã da Lei, letra morta !...
Não importa o Direito,
Estabelecidas provas, que impunham
Do acusado -- liberdade,
Se dão um jeito

De convicções sobrepreem-se às provas,
Bem sei, não importa!...
Contudo, entoo meu canto --
Um canto às vezes brisa, furacão,
Às vezes brando, às vezes fogo revel,
Pirimlampo indomável,
Que não é fogo, fogaréu, ou fogacho!...
Apenas pirilampos de fogo,
Num Brasil, tudo às avessas,
Semelhando a uma Torre de Babel !

A VIDA SEMPRE ENGANA

*A vida sempre engana
A quem busca viver de ilusão.
Já vi o ricaço cheio de grana,
Levar tombo, acabar sem um tostão!*

*Na correria desembestada do bacana
Ávido por poder, de viver forte emoção,
Nao vê que a vida sempre engana
A quem busca viver de ilusão!*

*Procurando prazeres que embotam a razão,
A pessoa a decência abandona,
O recato se vai, dominado pela ambição,
Não dando conta que tudo tenciona
A uma certeza: A vida sempre engana!*

DANDO COMO PENHOR A ALMA

Renegando as coisas boas não vês,
O que é melhor nesta vida!...
O delírio da embriaguez
Por grana deixa-te cega,querida!

O sonho de riqueza na insensatez
Alicias tua alma, Frida.
Renegando as coisas boas não vês
O que é melhor nesta vida!

A ânsia louca pelo vil cobre ,
Bem sei, te apegas, Valfrida,
Coisa que não te é honroso, nem nobre.
Renegando as coisas boas não vês
O que é melhor nesta vida!

ALMA APRISIONADA

Diz a planta queixosa:
Naquele monte nasci,
Entre cardos, espinhos e rosa,
Lírios e orquídeas cresci.
E agora,
Vem tu, senhora,
Em hora incerta,
A liberdade
Me viola,
Prendendo-me àquele jarro;
Tal artefato de barro,
Quais abrolhos
Em ilha deserta,
Aprisiona-me a alma,
Assim como a ave
Por Deus criada,
Quando por maldade
Do homem, que tem nos olhos
E coração uma trave,
Fica presa à gaiola,
Tem a alma aprisionada!

A MAIOR MENTIRA

A maior mentira é fingir:
Mentir que não está mentindo...!
E mentindo, vive da verdade a fugir -
Trapaceando, enganando, fingindo!

Agora, o queijo é que condena
O rato. O rato é que foge do queijo,
Fugindo ao que lhe impunham pena
Com artimanha e traqueijo!

Diz o rato: minha culpa é brincadeira
Em relação à de quem tem o queijo preparado.
Esse sim, é culpado : faz da mentira - a ratoeira!

E no laço do engodo, engendrado o crime,
A mentira com escusas pedidas não redime
Do mentiroso - o delito perpetrado!

VATE DELIRANTE

O vento bate
Nas procelas,
Acorda o vate
Que canta,
Enquanto o navio gigante
Eriçando as velas,
Aponta no mar distante!...
Sereias saltitantes,
Golfinhos na linha imaginária
Do horizonte!...
Em meio à tempestade
Que não apascenta ,
Canta o vate.
Prepara a lira!
Aguarda a brisa
Que cantando delira
Ao som plangente
Das ondas que quebram
Mar afora!
Poseidon amaina
A fúria do oceano!
Tudo delira!
Tudo é encanto e festa!
O sol enpresta
Seu rubro raio
Que se multiplica
Na mais encantadora e rica
Junção de sóis,
Clareando a terra!
Do céu, beleza aquela,
Painel, soberba tela
Do infinito !...
Tanto encanto

A lua encerra:

Beijando a terra,

Ondulando a praia,

A lua desmaia

No leito celeste tão bonito! ...

O vento gélido de maio

Assovia, solta a possante voz

Que ecoa

Por todo o firmamento!

O vate entoa

Seu delirante canto!

CHORA A NATUREZA

Fito o céu, embora repleto de lumes,
Ouço seus queixumes,
Sinto a tristeza
Da orbe celeste!...É que, choram as estrelas
Porque os cegos não podem vê-las;
Chora o astral, magoado o coração,
O peito ferido
Porque a fonte secou,
E ele não pode mirar-se nela,
A fonte bela,
Que de melancolia definhou;
Chora o vento amigo,
Gemendo pelas fragas,
Carpindo as mágoas
De um coração que chora
O pranto sentido
Porque as nuvens lhe negaram afeto;
Chora a madrugada
De pranto tão orvalhada
Porque seu poeta a abandonou;
Chora a tarde
Sentindo a mágoa que a invade
Porque a fada
Da floresta encantada
Perdeu o viço e se escondeu
Na mata fechada;
Chora a natureza,
Rolando o pranto
Qual correnteza
No caudal da emoção
Porque a tarde se despediu do dia,
E em prelúdio de nostalgia --
Divinal prece --

A noite entre a abóboda celeste aparece;
Chora o poeta, o pranto
Dorido tanto,
Porque sua alma entristeceu,
Graças à ingrata amada
Que não lhe escutou os versos,
E coração perverso,
Não lhe voltou a face, e nenhum gesto
De carinho, lhe dedicou então;
Chora também consigo,
A natureza, o pranto sentido,
Rolando tanto
Qual correnteza
No caudal da emoção
Porque seu poeta a abandonou!

MERA ILUSÃO (ITABUNA, 1972)

Mente, finge, me engana, Safira:
Digas sorrindo que és meu amor,
Mesmo que seja mentira,
Para não zombares da minha dor!
Deixas aberta a ilusória chama,
Engano de quem ama!

Safira, ou Sofia,
Não confundirei teu nome idolatrado:
Uma, é pedra preciosa de raro achado,
A outra, sabedoria
Que não tive ao ter amado
Alguém que não me queria.

Na inconsistência de um louco sonho,
Querer ter o céu, na terra estando,
Não pode o espinho, juntar-se à flor:
Um, fere a alma em tormento tamanho;
A outra, é encanto, o ambiente perfumando.
Mas logo esmaece. Perde o esplendor!

Fora mera ilusão, o que por ti sentira,
Desvairada cigana!
Segues, em busca, doidivana Safira,
De novas emoções!
A outros bobos engana!
Machuca, pisa, insensatos corações!

NINGUÉM LEVA NADA PRA O TÚMULO

A vaidade, juntando-se à avareza
De querer ganhar o mundo
Com falcatruas e esperteza,

Ver-se-a que não vale todo o esforço desprendido,
Pois é inútil todo o sonho de grandeza,
Tendo o elo de decência partido,

Levando-se em conta uma certeza:

Ninguém leva nada para o outro mundo!

A JUSTIÇA NÃO TEM LADO

Podem me prender,
Sou de mim mesmo - ladrão!
Não me oponho,
Nas mãos da Lei me ponho
No ato incontinenti de me render!
Sou culpado de um crime sem perdão:
Ter tido a crença de ser
Aquela badalada operação,
Isenta na luta contra a corrupção!

Como fora eu, um idiotizado,
Deixando-me pela malhas da ilusão
Inocentemente envolver,
Bobamente enredado
Ao não perceber
Que aquela turma estava
Dando trato à bola nada alvissareiro
Nos bastidores de uma fábula para iludir
Crédulos em falsos santarrões:
Alardeando que atacava
Ferrenha e tenazmente a corrupção
De todo sistema político brasileiro.
Na mentira agiram
Como encantadores de serpente
Ao ludibriarem tanta gente,
Que não se deu conta
Que na manobra dos fanfarrões,
Apenas um partido político era visado,
Por quem sempre teve lado.

O outro lado - aquele primaz lado,
Por mais que fizesse algo errado,
Era sempre poupado

Por quem sempre teve lado!
Nesta intrincada liça,
Pode-se ter lado,
O que há de errado?
Mas que esse lado
Fique do lado
Da verdadeira Justiça!

O lado que falta com o dever
De na querela não ter lado,
Prejudica o outro lado.
E esse lado que protege
A determinado lado,
A Justiça não faz valer
O equilíbrio da balança -
Ao reverso, na injustiça avança -
Perseguindo o outro lado.
Chamamos de larápio, o magistrado
Que tem lado!
A verdade
É que a Justiça deve
Só ter um lado: o lado
Da imparcialidade!

A PRÓPRIA MENTIRA

Tudo no império da falsidade,
Construído na mentira,
Na mentira desmorona!
Logo ao mentiroso abandona !
Desmascara sua mentira,
Revelando a verdade!

Outros falsetes criara.
Mas toda mentira escancara
Quando a verdade é revelada!
E inclemente mostra a cara
De quem cinicamente mente.
Mente...tão descaradamente!

Dizia com propriedade, tia Jandira :
É impossível ao contumaz mentiroso
Por mais que tente, da mentira, fugir!
Depois do primeiro ato indecoroso
De mentir, mentindo só por mentir,
Não mais se desvencilha da mentira!

O pior na mentira, não é a boba mentira!
É a mentira, na maldade construída!
Premeditada para que a alguém fira!
Estava certa, minha querida tia Jandira:
É impossível ao mentiroso, da mentira
Fugir, por ser ele, a própria mentira!

TRAGÉDIA ROMANA

TRAGÉDIA ROMANA

PRIMEIRA PARTE ? O PODERIO DE ROMA

I

Como a alma anseia a liberdade,
Alçar-se à imensidade,
Do infinito ver deslumbrantes paisagens,
Mundos nunca imaginados!...
Visões etéreas de antepassados,
Vaporosos vultos:
Fantasmas, assombrações vagando
Pelas ruínas de passadas eras,
Buscando na memória
Grande parte de Roma:
"A Domus Transitória,
As suntuosas edificações do Platino,
O antigo Templo de Júpiter Estator,
O Lar das Virgens Vestais",
As cercanias da cidade,
Todo esplendor
Que fora destruído pelo fogo.
Fantasmas queridos
Vagam perdidos
No tempo, no espaço,
Ainda tentando desatar o laço
Que os prendem ao passado,
Vendo assomar lado a lado
Personagens do mais atroz
Drama que viveram
Perpetrado em sua essência
Por um louco assassino.
Inda os vejo, majestosos,
No visor do pensamento:

Ligia, Marcos Vinicius,
Petrônio, Nero, Popeia Sabina,
Chilón Chilonides, Eunícia,
Paulo de Tarso, Pedro, Aulo Pláucio
Tigelino, Pompônia Grecina,
Acte, Ursus, Sêneca,
E outros figurões que por terem
A fortuna lhes sorrido,
Pensavam serem eternos,
A quem a morte não alcançaria jamais.
Mero engano!
Por mais grandiosos,
Desmorona-se prédios suntuosos ,
Portentosos tronos !
Tudo tem seu termo final,
E na morte, todos são iguais.
Deixemos escoar
Das brumas do passado,
Uma história milenar
De tragédia, perseguição,
Fé inabalável,
Complô, bajulação, traição,
Amor, esse, sempre iluminado,
Sobre todas as coisas, insuperável,
Quebrando peias, rompendo grilhões,
Chegando a outrora
Intransponíveis corações,
Forte, definitivo, triunfal!
II
Rasgando o véu do tempo,
Vislumbra, minha retina pasma,
Roma em toda opulência
Dos césaes, dos bacanais,
Dos burburinhos infernais
Onde a orgia corria solta, querência
Do Platino, regadas a beberagens,

A libertinagens,
À custa de lascívias, no mais infame covil,
Cuja virtude, naqueles tempos sombrios,
Era tão escassa,
Onde grassava todo tipo de depravação:
Deslumbrantes mulheres,
Mimos desfrutáveis,
Ínfimas mercadorias apreciáveis,
Ali expostas, nas pândegas palacianas,
Ao som de luxuriantes
Requebros sensuais,
Dança do Ventre,
E outras maneirices sexuais
Para deleite dos convivas.
Nesse ínterim,
Surge a figura rotunda de Nero,
Balançando a pança,
Sorrindo bestialmente,
Exibindo suas escravas,
Comercializando-as a preço vil
No festim desenfreado!...
Praxe na sua vida tão devassa!
Ao lado,
Na Tribuna de Honra,
Petrônio, o "Arbitro da Elegância,"
E seu sobrinho recém-chegado
Das batalhas vencidas,
De tantas honrarias incendidas,
De desprendidos brios,
O Tribuno Marcos Vinicius, tão loureado!
Cesar, voltendo os olhos para belíssima
Jovem que dançava, aponta:
- Vinicius, olha! Que esplendor!
Que bela escrava! Beleza assim,
Não te espanta?!
O fascínio dela não entonta

Até mesmo a mim,
Teu Imperador?!
Se a queres?
Dar-te-ei a ti!
O moço contrapõe a sorrir:
Divino, vosso presente, muito me apraz!
Não quero ir de encontro à vossa divina graça.
Não é desfeita,
Compreendeis, à vossa deidade.
Mas declino de tamanha honrabilidade.
Já tenho minha eleita!...
Um anjo, a quem as estrelas,
o céu e o luar, prestam culto,
Fascinados com seu gracioso vulto!...
Enquanto isso, descansa
O sol no horizonte.
Por detrás
Dos montes,
As nuvens se tingem de vermelho sangue.
Um contraste de beleza,
E ao mesmo tempo trágico,
O sol pintado de rubro,
Empresta encanto à natureza,
Confundindo-se com as rubras chamas
Que devoram a Cidade Eterna,
Templo dos rutilantes
Césares romanos,
A quem o mundo beijava os pés ,
Prostrando-se de joelhos
Ante a poderosa Roma,
O Império mais portentoso, mais vetusto!
Que sabidamente não era uma virtuosa vestal!
Estava mais para meretriz universal!...
"Rainha e cortesã",
Libertina e pagã,
Permissiva e corrupta,

Tendo a luxúria como bestial diversão
Naquele antro de perdição,
Por um louco assassino presidido,
Cujos mais poderosos tronos
Tremiam ante o poderio romano!

SEGUNDA PARTE ? A TRAGÉDIA

I
No cenário aterrador,
Qual Dante, no inferno redivivo,
Revejo um quadro medonho,
Um dantesco sonho,
Terrível pesadelo:
Sofrimento! Dor!
Ais de agonia!
Frenética correria!
Caos reinante
Nas vascas do pavor!...
As chamas quais serpentes em espirais
Lambendo tudo, com suas linguas de fogo
No serpentear de horrores inauditos:
Fumaça. Fumo. Dores infernais.
Labaredas descomunais crepitando.
O fogaréu crescendo, aumentando,
Tingindo mais e mais de vermelho o horizonte!
A loucura imperando.
O fogo fazendo destrutível trabalho:
Casas, prédios, desmoronando,
Gente desesperada
Na correria desembestada,
O juízo perdido, desnorteada,
Plena de loucura --
Já sem domínio de si própria,
Enlouquecida de amargura --
Uma, a outra atropelando;
Na terra vermelha de sangue e labaredas,

Os mortos vão acumulando;
Choros, ranger de dentes,
Tormentos de agonia,
Alaridos de pânico tomando
Conta de uma Roma assolada,
Pelo medo apavorada;
A calamidade massacrante,
Exasperante,
O escarcéu,
Um pobre povo à mercê de um monstro tirano!...
E o fogo crescendo... crescendo...
O incêndio a tudo destruindo.
Inclusive, as provisões
De abastecimentos alimentares
Da acuada cidade,
Circundada pelo fogaréu
Que ganhava mais intensidade!...
E as chamas lambiam,
Devoravam,
Destruíam;
Prédios, casas, casebres, cabanas,
Miseras choupanas,
Desmoronavam,
Caíam,
Como se fora castelos de papelão;
Pessoas espavoridas fugiam,
Se atropelavam
Na grande tragédia romana.

II

Do Platino, contemplando sua obra pavorosa,
Ao som de gargalhar sinistro, horripilante,
Surge a medonha, monstruosa,
Grotesca, bizarra criatura,
Nero, protótipo de pessoa, uma aberração,
A mais horrenda figura:
Pescoço de ganso,

Olhos de serpente pronta a dá o bote!

Besta fera ornada de brilhantes,

Ametistas e diamantes,

As mais preciosas pedras,

Que ao invés de o embelezarem,

Mais enfeiavam

A figura caricata,

Exagerado em artefatos de ouro,

Ostentando seu rico tesouro,

Assistindo indiferente

À tragédia por ele perpetrada.

III

Do alto, descortina-se Roma inteira,

A poderosa cidade,

Cujo mundo não podia mensurar,

Sequer imaginar,

Sua imensa grandiosidade,

Facetada por brilhantismo

E obscurantismo!...

Em meio à tanta pompa,

Era viciada, corrompida,

Tendo cidades, reis e reinados,

Aos seus pés calcados

Por um Cesar louco, assassino, sanguinário,

Uma besta amante da devassidão,

Das orgias, dos bacanais desenfreados,

Um ser de instintos perversos, deletérios,

Atitudes monstruosas,

Que não poupou nem a mãe, nem a mulher,

Nem o irmão,

Fera que dominava a terra inteira

Sob o signo do terror,

Escudado por 30 guarnições

De legionários bem treinados,

E um séquito de compassas

:Bajuladores, celerados, cortesãos e libertos

,De ouro e estofos impecáveis cobertos,
E aqueles que, para não serem sentenciados
À execração pública e à morte,
De sorte,
Tinham que aquiescer,
À base de risadas e gracejos, concordando
Com as sandices nerianas;
Outros mais,
Dignitários patrícios, ou castelãos,
Na esbornia palaciana refestelados,
Exibindo-se a reboque de liteiras suntuosas;
À parte, os plebeus ("destituídos de direitos políticos"),
Considerados a ralé pobre da cidade;
Por fim, as preferidas
Vítimas da sanha de César, os cristãos,
A quem fora atribuída a tragédia
Do incêndio romano!

TERCEIRA PARTE ? PERSEGUIÇÃO AOS CRISTÃOS

I
O incêndio destruiu a cidade
Quase que inteiramente,
A devastando também, economicamente.
Juntando os cacos da hecatombe,
Petrônio chama a si a responsabilidade
De os ânimos acalmar:
-- Divino César, para esse imbróglio, ao qual
Inadvertidamente te meteste, só há um jeito,
E só tu, por seres Imperador, tens o direito
De fazê-lo, embora incorra
Em uma infâmia sem precedentes --
Espalha o boato que foram os cristãos
Que atearam fogo em Roma.
-- Bravo, Petrônio. Você nunca me abandona!
De você, uma solução sempre vem à tona!
É perfeito, o ardil a preparar!

Beleza! Os cristãos serão acusados
De o incêndio terem provocado.
Anda... corre... do palácio desce.
Já me apercebi...
O perigo de onde vem vi!
A onda humana cresce,
A populaça
Já toma a praça!
Vai ter com essa gentalha!
Antes que essa praga, o palácio tome!
Não demora, Petrônio! O boato espalha!
Vou trabalhar os castigos a eles infligir.
A forma de execução
A conduzir,
Com seu consócio
"Árbitro da Elegância",
Em prática porei!...
As mais acerbadas atrocidades.
Improvisando nas maldades --
Cruentas execuções
Com parcimônia engendrarei!
Há! Há! Nossos leões
E animais selvagens um banquete terão!

II

O burburinho crescia.
A multidão sedenta de sangue
Gritava, urrava,
Freneticamente incentivava
Torturas e mais torturas!...
Queriam ver mais sangue.
Mais agonia!
Mais aflições!
Mais desventuras!
Queriam um espetáculo
De sangue e morte!
E as feras agitadas bramiam.

Há dias comida não viam!
As pessoas ensandecidas:
Soltem os leões!
Morte aos cristãos!
As jaulas foram abertas.
As feras soltas, despertadas,
De fome, enlouquecidas,
Farejando,
Urrando,
Sentindo o cheiro de carne humana
Partem pra cima dos reféns, irmãos em Cristo!
-- Que é isto?
Que coisa inusitada!
Nem um aí! Nem um lamento!
Nada!
Que povo!
Que pessoas destituídas de medo!
Que temperança!
Que destemor!
Vai para a matança
Cantando hinos de louvor
Ao Deus que cultuam,
Um chamado Jeová!
Admiro a bravura
Dessa gente, ante tanto sofrimento,
Sua fé não abandona!
-- Sêneca, suas palavras tolas
Nos meus ouvidos flutuam,
Como monumento à burrice!
Não o repita! Para com isso, já!
Deus, só eu, Nero! Outro, que se arvorar
A tal, reputo, como grande impostor!
Aquele Deus que dizem reinar
Nos céus, acima das estrelas reverberar,
Não existe. É boba credence
Daqueles fanáticos cristãos!

III

Nero perfila-se no auge da loucura!
Declamando versos,
Castigando a lira!
Sua verve ruim, sobressaia,
A Petrônio enfurecia!
-- Divino, seria de bom alvitre,
Que não prosseguisses!
Tua poesia é destemperada!...
Versos pífios, desconexos,
Que não levam a nada!
De um acentuado mau gosto! -
Exclama o "Árbitro da Elegância",
Com a raiva anuviando-lhe o rosto.
Aí de mim, escutar, sempre, essa excrecência,
Que o estomago me revira!
Há que se ter, muita tolerância!
-- Vai, César, toma da pena.
A morte me decreta!
-- Oh, Petrônio! Por quem me toma?
Em toda a Roma,
Sabe-se do apreço que a ti, dedico!
Jamais, minha pena
Assinará sentença tua!
Convém, entretanto, que não ouças,
Buchicho da rua,
E nem acredites, em maledicente futrico.
-Certo, César!
Mas prepara outro poema
De versos mais apazíveis.
-- Petrônio, já o prepare!
Vo-lo colocarei
A par de uma obra-prima!
-- Que seja, divino!
Mas o faça, de forma discreta!
Sem os espalhafatos costumeiros! --

Volveu Petrônio!
Depois de um enfadonho poema recitado.
Fiquei a matutar:
Não se cogitava pensar que o acervo de maldades
De Nero, tinha acabado,
E seu arsenal de atrocidades finado,
Estranhava-se, outrossim,
O tempo por ele dado
Numa quadra de alguns meses sem agir.
Mas veio logo a resposta:
A deletéria criatura
Na surdina trabalhava,
Um plano bem mais infame engendrava,
Concebido por sua mente conturbada:
Tinha ele, ainda, um projeto diabólico derradeiro
A executar contra os cristãos.

IV

Por meses, pelos cantos da cidade
A percorrer desesperados,
Vasculhando cada ruela, cada cantinho,
Procuraram os abnegados
Servos de Cristo por Calina,
Sem saber que a moça definhava,
Acerbamente delirava,
Nos estertores de tormentos
Aos poucos morrendo,
Tristemente padecendo:
O corpo quase destituído de carne,
Encerrada num mísero quartinho
Da prisão do palácio de Nero.
De repente,
O clamor!
A multidão grita, urra!
Queda-se imediatamente
Em estupefação!...
Nero, não podia ser mais infame!

Ergue o dedo.
Ordena soltar a fera ?
Um gigantesco touro selvagem,
Há dias sem comer,
Enfurecido de fome!...
A multidão ansiosa espera...
No instante
Em que cambaleante,
Sem um resquício de temor,
Cantando hinos de louvor
Ao Criador,
Entra na arena,
Bela, serena,
Mesmo ante tantos sofrimentos,
Ligia, ossos e pele apenas!...
Todos se levantam,
Pasmos de horror,
Transidos de medo!
Um misto de loucura e admiração
Frente à passagem
Daquela encantadora criatura,
Singular personagem.
Outra personagem entra em cena,
Para furor da plateia.
Vendo sua princesa ligiana
"Atada aos chifres do touro selvagem,
Ursus, até então humilde, submisso",
Transforma-se, qual leão,
Quando tentam na mata, lhe furtar
O alimento: Com os pulsos retesados,
Cinde-se animallescamente,
Numa estranha mutação ---
Ao mesmo tempo homem e fera;
Detendo, seguro pelos chifres, o animal...
Homem e fera forças medindo,
A multidão perplexa assistindo

Àquela refrega desigual,
Sedenta de sangue ? um delírio de horrores:
Animal e homem no limite de suas forças.
Ursus, num esforço sobre-humano,
Quase a romper
A coluna vertebral...!
Os circunstantes deliravam...
De repente, da arena, de espanto
Escuta-se um alarido.
A terrível fera tomba, vencida.
Ao ligiano, a plateia enlouquecida
Aclama, erguendo o dedo em positivo,
Pedindo pela vida do seu novo herói:
Ursus! Ursus! Vida a Ursus!
Nero teve que ceder à turba enfurecida.

QUARTA PARTE ? QUEDA DE NERO

I

Sabia Petrônio por amigos mais próximos,
Que seu momento havia chegado.
O ato condenatório já estava por Nero assinado.
Para não dar a César o gosto de sua execução,
"O "Árbitro da Elegância "deliberou
E em propícia ocasião,
Uma grande festa planejou!...
E no ápice dos festejos,
Frustrando os mesquinhos desejos
De Nero presenciar
Sua morte,
Chamou a ex-escrava Eunicia,
A quem tomara por consorte
E participou:
-- Amor, é chegada a nossa hora!
Não darei ao infame
Que tem um rótulo de besta fincado na testa,
O regozijo de tripudiar,

Ordenando nossas mortes!
Vem, não demora!
É termo final à pomposa festa,
Despedida merencória
De quem está indo embora!

II

O tempo corria
Para os dos amados...
Petrônio, cuja voz tremia,
Semblante carregado,
Num sopro de voz balbucia:
-- Doutor, vem!
Tempo já não há!
Num impulso:
Faz o que deve já!
Aqui está:
"Estende-lhe o pulso.
O cirurgião rasga-lhe a artéria.
Eunícia, bela, serena,
Longe de estar tristonha,
Face discretamente risonha,
Repete o gesto do amado.
Tombam os dos abraçados!"

III

Por testemunha,
A deusa dos namorados, a lua:
Aquele que dispunha
Da vida alheia,
A distribuir sentenças
À mão cheia,
Como capricho de tirania,
Apequenava-se, tremia,
Ante a própria sentença tua!
Ele, chamado de divino César,
Que manejava
Qual marionete os cordéis

Da vida e destino alheios,
Chorava feio, lastimava
A sentença que lhe fora imposta.
Vendo a guarnição
De Galba bater à porta,
Phaon alerta:
Não há mais nada a fazer, divino!
Está cercado o Platino.
Morre com honra,
Grande Nero!
Não cabe prestígio, a um Imperador
De vossa cepa, chorar a dor
De um revés, ante um inimigo fero!
Tira-vos, a própria vida!
Num assomo de loucura,
Frente à morte que se avizinhava, Nero,
Num ato de fingida bravura,
Como se estivera representando
O último ato da vida,
Exclama: "que artista,
Vai o mundo perder!"
Apagou-se então,
Os lumes que o prendiam à vida.
De César, estava selada a sorte,
Uma inglória morte!
Phaon com um golpe seco do punhal,
Finda-lhe a história,
Capítulo triste da tragédia romana,
Perpetuada por séculos na memória.

AS FLORES MURCHAM

As flores murcham
Nos vergeis da vida,
Deixam feridas
Que nunca cicatrizam;
Mas ao afago
Do beijo da brisa,
Logo esquecem
As mágoas doridas!...
No tempo morrem
Amores, sonhos
E lembranças
Tão queridas;
Lembra, entretanto,
O vento, com saudade,
Desses amores
E lembranças perdidas .
É assim a vida :
Ora flores, adornando os passos,
Ora os espinhos dessas mesmas flores -
Matando amores
Que pareciam tão perfeitos!...
Diz o vendaval da alma:
As flores murcham
Nos vergeis da vida,
Deixam feridas
Que nunca cicatrizam!

INDOMÁVEL PÁSSARO

Nesta inconstância de viver
Incertos passos,
Arrastando vagões de ilusórios trilhos,
Minha alma vai seguindo sem aprumo,
Procurando dentre diversas
Trilhas - o rumo,
Buscando nos sonhos -
O arcabouço, de caminhos risonhos,
Arrastando aos milhares,
Carradas de ilusão.
Nesta hora, entregue à meditação,
Os pensamentos
São meus diletos filhos,
Que por momentos
Se desprendem - voam,
Galgam infindos espaços,
Qual indomável pássaro que anseia
Liberdade - livre de peias,
Solto na amplidão!

A DOR QUE DO POETA AGASALHA A ALMA

Por que brilha o sol, aquecendo
Toda criatura na face da terra?
Será que o ser humano, merece esta Dádiva do Criador?

II

É o homem, o pior dos animais:
O único macho que maltrata a fêmea,
O único que rouba e mata por dinheiro!

III

Os chamados Animais racionais
Deleitam-se com a desdita do próximo,
Graças à sua natureza perversa,
Mesquinha e oportunista,

Porque a vaidade

É que alenta-lhes a alma!

O preconceito e a arrogância

É o que lhes dá prazer!

Querem mais e mais

O que pertence aos outros!

Querem mais e mais

Pisotear pessoas!

E para conseguir

Objetivos seus escusos,

Não importa a quem

Vão atingir!...

Se ao pai, a mãe, ao irmão, a filha...

Não importa!

O mundo é mau por excelência!

IV

Quem a qualquer momento, pessoa

Em quem você muito confia,

E pensa ser seu amigo,

Lhe dará um golpe rasteiro,

Arrando-lhe do peito - o coração?

Pois escondida à traição a fera
Que dentro de cada um habita -
Espreita, espera,
Trama na surdina,
A hora propicia pra lhe cravar
As garras!

V

Desconfie às vezes, do beijo
Que lhe foi dado na face,
Do aperto de mão, das palavras
De consolo, de tanta gentileza!
Desconfie, porque sua alma
Desconfia que tanta bondade
Pode encobrir a essência
Da maquinação, da maldade!
A qualquer momento,
Pode vir a punhalada!

VI

Por que se fez triste de repente,
O poeta às vezes sensível, às vezes lírico,
Às vezes mordaz, às vezes ardente?
O que lhe tolda a face?
Por que a tristeza lhe agasalha a alma?
Quer dar um sorriso,
Mas sua alma é triste!
Quer entoar seu canto,
No entanto,
Lhe vem o pranto!
Mas que suprema ironia!
Tudo não é festa?!
Finda o ano, embalado pelos festejos:
Muitos abraços, bastante beijos,
Sorrisos à beça , a mesa farta,
Votos de paz, prosperidade
E felicidade

Para o ano vindoro!
Quanta hipocrisia!
Depois que passa o fulgor
Da festança, da euforia,
Dos votos de felicidade,
Dos tapinhas nas costas
Ao som de desejo-lhes tudo de bom,
Uma vida melhor,
Volta nua e crua a realidade
Para cobrar seu preço:
É cada um por si!
E que o mundo exploda,
Girando indiferente a tudo!

MUNDO CÃO

I

Deus, tu que fizeste o céu estrelado,
Que deste teu Filho,
Para tirar do mundo o pecado,
Que puniste Sodoma e Gomorra
Devido à orgia,
Que fazes o sol nascer todo dia!
Senhor, não permitas,
Que homens cruéis
Tomem conta do mundo !
Meu coração alucinado palpita!....
Suas cordas de violão plangente
Se agitam...
A qualquer momento vão estourar...!
Vão estourar, pois já
Não podem suportar
O quadro de miséria que campeia!...
Vejo que fizeram da crueldade -
Uma bandeira!
Do amor - já não falam,
Está quase a perecer!...
Vejo sangue do mesmo
Sangue que se odeia,
Brigar até morrer!

II

Em meio à tempestade de maldade,
Tu, Pai, fizeste um anjo baixar à terra -
O Santo Padre!
Mas o homem, animal traiçoeiro!
Abutre carniceiro!
Túmulo fétido onde encerra
Toda podridão e atrocidade,
Tentou tirar a vida do bondoso Papa

João Paulo II , que ainda o perdoou!

III

Vejo Natal que se aproxima.

Festa sublime que rima:

Com alegria, paz e amor!

Vejo muitos nadarem em ouro!

Colocarem as mãos no tesouro!

Viverem em palácios deslumbrantes !

Enquanto a criança pobre,

Da casa de barro batido,

Onde só vigora a fome, o frio e a dor,

Não tem direito a nada.

Pra ela, Natal não existe!

É por demais triste,

Vermos em plena noite de Natal,

Uma criança que chora...

Pedir por amor de Deus

Uma esmola,

Um presente, um carinho...

Um pouco de atenção!

IV

Arrebenta, coração, arrebenta!

Tira de mim a tormenta!

Me fecha os olhos à maldade!

Quero esquecer o preconceito,

Amar meu irmão,

Ter por ele respeito,

Aos lábios - uma palavra de consolo!...

Quero esquecer a fera

Que dentro de nós age como pantera -

Sempre à traição,

E nos torna um ser mau!

V

Quero ver a criança,

Desfraudar a bandeira da esperança.

Que a vida lhe seja um esplendor:

Pão e conforto em sua casa,
Um futuro encantador!
Mas a realidade
É um algoz implacável
Que adora o crime, a maldade!...
E seus olhos cegos pela crueldade
Não enxergam inocentes crianças
Que pedem pão, carinho, compreensão!
Mas há de vir um dia,
Em que entoaremos
Na harpa da alegria -
A canção redentora!...
E não mais, minhas queridas crianças,
As verei sofrendo,
Chorando, se maldizendo!
Em suas casas,
Haverá abundância de alimentos!
A felicidade enfim, reinará!
VI
Foi bonito o meu sonho de poeta,
Que vê o mundo
Por um visor maravilhoso :
Sem dores, sem guerras,
Sem sofrimento!
Um paraíso, um encantamento!
No meu delírio,
Esqueci-me que em Roma,
Se prega o amor, a religião,
E em contradição
A Máfia, oriunda da Sicília,
Aterroriza o mundo que se assusta
Com tanta tirania!
As Nações vestem o emblema da paz.
Fala-se muito em amor ao próximo.
No entanto,
Vejo uma dama sanguinária

Que, indiferente às dores e prantos,
Prossegue na sua escalada sangrenta:
Matando pessoas inocentes,
Dízimando cidades,
Com requinte de perversidade!
Sabem o none dessa beldade
Que irá destruir a terra?
Chama-se a guerra!

VII

Arrebenta, coração, arrebenta!
Tira de mim a tormenta!
Tira de mim tanta aflição!
Me faz esquecer o mundo cão!
Chora, poeta, chora!
Jamais acabará seu tormento!
O mundo é mau por excelência -
Esbraveja a voz possante do vento!

LENHADOR DESALMADO

O lenhador malvado,
Golpeia o cedro, que tomba,
Mesmo de morte ferido,
Exclama o coitado:
Cruel desmatador atrevido,
Com teu assassino machado ,
Mataste a quem ao viandante cansado
Além do perfume, dava alento e sombra!

SENTENÇA DA VIDA

A inflexibilidade da morte,
Acolhe em seu leito sombrio,
Toda criatura!
Ensina, pois, lição
Tão dolorida:
Não adianta a posição
Social a que a pessoa pertença:
Se pobre, se juntou na terra tesouro,
De nada vale do cidadão
Todo o ouro,
Pois no termo final à sua vida,
Não há batalha que vença
Para burlar a morte:
Vai de sorte,
Para o sepulcro frio,
Sem nada levar a criatura!
A morte, mordaz, traicoeira,
Parece zombar
De quem amelha riqueza,
E pensa que por possuir dinheiro
Pode espezinhar o mundo inteiro,
Que nunca há de chegar
Sua hora derradeira !...
Mas de repente,
Indiferente
Ao mundo que gira
Na carretilha devastadora ,
A dama sombria
Que habita as catacumbas,
Que a quem visitar
Não escolhe,
Sua force mira!....
E de repente,

Tão de repente,
Lá se foi o poderoso,
Pessoa que se achava imorredoura,
Vivendo vaidoso
No seu reluzente trono
De desenfreada ostentação
Para a fria sepultura,
Cumprindo inexoravelmente
Sentença da vida:
A morte acolhe
Todo ser humano
Em seu leito sombrio,
Impondo uma certeza:
É igualitária a morte,
A toda criatura !

O ESTADISTA

Na faísca do giz,
No diz, não diz
Que deixa rastro
Mesmo apagado,
A verdade
Tem que se dita,
E a cartilha siga
Sem subterfúgios
Ou enrolação!...
O estadista
É aquele bem sabe-se,
Que tem equilíbrio
De ação -
Do fazer,
E saber fazer
Para acontecer!...
Não é o paraquedista
Que em determinado
Local cai...
E de enrolada
Em enrolada vai...
Sem o paraquedas abrir,
Pois nada de edificante fez!
Nem cogitará fazer,
Por faltar lastro
Para tal!
Estadista é aquele
Que sabe onde,
E quando intervir,
Tomando a si,
As rédeas do problema,
Para que tudo dê certo,
Em situação

Que impunha firme
E decido agir,
Diferente daquele
Que perde o bonde
Do momento,
E da coragem, se distancia:
Vive sempre enrolando,
De ideias , deserto,
Perdido em confusão mental,
Muito em voga hoje em dia!...
Não sabe separar
O joio do trigo:
O que é elogio, ou bajulação!...
O estadista
É um líder nato, que se impunha!
Não se dobra
A qualquer que seja o maior!...
Mostra com desenvoltura e altivez
Quem está no comando!
O estadista tem que ter grandeza,
Em suas atitudes - nobreza
E estatura de estadista!

LUZ PRÓPRIA

- Por que garbosa, de mim,
Tu te rias,
Deusa prateada?
Que te concebes, assim,
Dá-se tanta importância ?
É por que tens a face
Para a terra voltada,
A iluminar caminhos?
Bem, Deus, em terno amplexo,
Te permitiu dádiva tamanha!
Não me apraz, renegar portanto,
Soberana vontade de Jeová !
Mas te aprumas!
E pelo menos, se teu orgulho
O permite, reconheces
O mérito alheio,
Até porque não é vergonha
Nem feio,
Não possuires luz própria!
A luminosidade que irradias,
É de mim, que recebes
O reflexo.
Despe-se do sentimento inferior
De complexo.
Nem tudo que reluz é ouro!
E o que pensas ser teu tesouro,
É ouro de tolo!
II
Tudo que gira, palpita,
Vibra e vive, para o Criador,
Tem imenso valor.
Criaturas tantas há!
E de ninguém, esquece Jeová!

A todas, dispensa,
O mesmo amoroso abraço,
O mesmo afeto,
O mesmo gesto
De infinito amor.
Há tanta harmonia
Em torno da Obra de Deus,
Sincronizada perfeição
Entre o Criador
E as criaturas que criou,
Sem falhar um só dia...!
A terra - abraçando o céu;
O céu - a terra abraçando.
E no céu, e na terra, encantos mil !...
No céu, as estrelas,
Pontinhos luminosos
Adornando o firmamento,
As nuvens, parecendo flocos
De algodão, soltas no espaço!...
Na terra, a imensidão verdejante,
O deslumbramento:
Os lagos, riachos, rios e montes,
Mares e oceanos, campinas e prados,
Bosques e cachoeiras murmurantes!

III

Tu mesma, que te pavoneias,
Embora de outrem
Recebas o brilho,
Tens uma razão de ser.
Quanto a mim, não me pavoneio,
Nem declino minha serventia.
Deixo que outro o faça,
E vou meu desiderato seguindo,
No mister de vir todos os dias
Com meus raios solares
A terra aquecer,

Sem os quais, vida não existiria!

É só, amiga lua!

De repente, ouve-se soluçar

De plangente choro

Molhar a solitária rua:

- Perdão, infante loiro!

Não te quis humilhar!

Perdoa a tolice,

Pura sandice

De uma boba,

Que como bem disseste:

Não possui luz própria!

ENTRE FLORES E ESPINHOS

Outros cantos entoarei agora,
Mesmo que deles não me encante tanto,
Pois vale os versos sentidos
À melancolia
Do vazio pranto!...
Das flores - os espinhos
Na alma premidos
Retirarei de pronto ,
Sabendo embora
Que às vezes para colher flores,
Nos espinhos
Nos machucamos tanto!
Inda que a mágoa, o peito me doa,
Hei de seguir cantando,
Cardos e espinhos deparando
Pela estrada longa do viver!
Mas não me porei
Chorando,
Pela vida lamentando!
Bem sei
Que nem sempre flores
Havemos de encontrar
Pelos caminhos afora,
Todavia canto,
E me acompanha harmoniosa melodia
Que a voz do vento entoa,
Porque mais triste,
É não poder cantar,
Não ir em busca de novo alvorecer
Que tão belo existe!

SOMBRAS DA MALDADE

Olhar-se ao espelho
Não quereria!
Sua imagem desbotaria!
Veria na pádua retina,
A face de um vivo
Vermelho estampado,
Inclemente espelho
Perversa, diabólica criatura,
A que sua consciência
Pesada denuncia!
Foge, qual ladrão
Que corre espavorido
Após o furto,
Sem poder levar
O espúrio produto,
É a sombra do errado
A lhe fustigar
O vulto...!
Colhe agora, da própria sementeira
O amargo fruto!...
Assim o é , o prêmio concedido
Aos que na surdina
Praticam malfeitos,
E tentam fugir inutilmente
Da própria sombra
Que depunha contra seus defeitos,
Cujo fantasma, é a consciência
Que noite e dia
Implacavelmente
Os assombra
Sem tréguas, sem clemência !

QUE DIZEM OS ASTROS?

I

- Que dizem os astros, Maria,
Na noite tão fria,
Vazia de luas e estrelas?
Que dirão sobre nuvens escuras,
No véu de tantas amarguras,
Toldando o céu cor de anil
Do nosso querido Brasil?

II

Que traz este novo tempo de horrores?
Um tempo pejado de dores,
Tormento e atrocidade,
Cortando na carne tão fundo,
Semelhando o fim do mundo:
Uma nova era que foge aos preceitos
Da anormalidade!

III

- Não ouve, Maria,
Minha amada guria,
A voz lacrimajante,
Do sol itinerante
A confabular tristemente
Com o vento errante,
Na longa noite, trevosa e pungente?

IV

São dores que trazem,
Que fazem
Verterem-se lágrimas
Dos olhos do Astro-Rei no poente;
São vozes tão tristes, dolentes,
Cortantes, plangentes,
Que ferem a alma da gente;

V

São vozes de um novo tempo de agruras!
Um longo e tenebroso inverno ,
Cortando fundo na carne, triste, sofrido,
Macerando o angustioso momento
Deste novo tempo que temos vivido
Na longa noite de desventuras,
De perdição, de inferno!

PATATIVA E / OU ROUXINOL

Ouvindo as músicas desta época,
Algumas não se pode contextualizar
Em sendo algo com música parecido -
Letras e melodias sem sentido,
Poluição sonora
Que fere o ouvido,
Revertendo-nos a um oceano
De péssima musicalidade,
Dilúvio de maus intérpretes
E canções piores ainda,
Contrastando com a voz linda,
Realidade que não se pode olvidar,
Associada à ótima qualidade
De melodias
Que canta
E encanta,
Despertando grandes emoções,
Abrilhantadas
Pelas letras bem trabalhadas,
Primando pela perfeição poética,
Na voz canora,
Inigualável,
Nos transportando ao passado,
Um mundo encantado,
De doces fantasias,
Numa viagem de sonhos,
Pelos caminhos risonhos
Do coração,
Numa magistral
Interpretação,
Pelada de emoção,
Acordes sonoros
Que elevam o emocional,

Todo o romantidmo fluindo,
A alma enternecida
Aos páramos celestes subindo,
Embevecida
Pelas belíssimas canções
Interpretadas,
Na voz incomparável,
Do insuperável
Agnaldo Timóteo !
Fosse estadunidense,
Estátua na praça teria!
O rei dos reis seria!

OS PAIS DA MENTIRA

As regras do jogo viciadas,
Invalidam da partida -
A lisura do resultado .
O jogo jogado
Com artimanhas e mentiras,
Com mentira, se faz o resultado.
Não há Tonho,
Nem Totonho ,
Chico,
Ou Francisco ,
Que aguentem as cacetadas
De tanta mentira junta!
Até reclama a defunta,
E balança a cabeça o Capelão,
Incrédulo com as bordoadas.
Chateado, esbraveja o Sacristão:
- A mentira agora é moda.
É preciso que não a escondamos,
Tapando o sol com uma peneira!...
Já não se sabe
O que é mentira,
O que é verdade
Não se sabe.
No carrilhão que gira a roda,
O que mais cabe
De rolo nesta quadra absurda
Em que nos deparamos?

Não é brincadeira!
Quando a mentira é cínica
E vil aos bocados,
Dá nojo e asco escuta-la.
Mas não se pode dela fugir,

Por ter virado rotina a determinado
Grupo mentir!
Fala-se muito, muito se fala.
É falação à vontade:
Bastante bla bla e asneira
Despespejados -
Os mais esdrúxulos recados
Do ordenança ao general.
E quando o circo pega fogo,
E esquenta a fornalha,
E de um foguinho, torna-se um fogaréu .
Ainda gracejam os camaradas:
Que tem isso de ruim,
Em resenha nacional ?
Que tem, enfim?
Ora , é pura metáfora !
Simples brincadeirainha! -
De uma bobagem, fazem um escarcéu!
Dizem, deixando
Os que não entedem nada
Das suas bravatas,
Boca aberta, pasmados .

Responde o Sacristão
Ao sisudo Capelão:
- Não compreende mesmo , mano,
São simples trocinhas
Pra enganar Grego e Troiano,
Invencionices, gracinhas
À mão cheia disparadas,
Sandice tamanha!...
Não entendeu, irmão,
Qual o propósito da patranha?
São mumuias disfarçadas,
Lorotas, enrolação,
Como se trouxessem a veracidade

Dos fatos com empulhação...!

Apenas um título lhes cabe:

São os pais da mentira, bem se sabe,

Pois mentem, como mentem,

Por só terem

Para se contraporem à verdade ,

As mentiras que inventem!

LOUCO

Qual naufrago que mergulha
No vazio,
Peito, alma e coração
De emoções - desertos,
Teteando espaços,
No descompasso,
No laço de dementices,
No compasso desencontrado -
Perdido no vazio
O demente busca o imponderável,
No imponderável momento
A que não sabe o que encontrar!

Vai, louco! A estrada é longa.
O tempo é curto.
Desnortado busca desses limites
Que não tem limite
No tempo, no espaço, na imensidão ,
Com sofreguidão alcançar
O que não pode ser alcançado
No seu limitado horizonte
De caminhos intrincados
De desilusões!

Vai, a loucura alenta seu viver
De ânsias tresloucadas,
Em devaneios e delírios tantos
De alcançar o mundo, de no mundo
Ter desmedido poder,
Para o qual, não tem limites!
Sendo galardão e esteio seus:
Ganhar o mundo!
Vai louco! A estrada é longa.

O tempo é curto.

A MÁSCARA DO FINGIMENTO

A máscara do fingimento rasgou-se inexoravelmente,
Desnundando do embusteiro -- a hipocrisia!
O falso, mentiroso, nada mais que de repente,
Teve a máscara da sua falsidade rompida um dia.

Sempre blindado e protegido, viu rápida e incisivamente,
Desmoronar, o falsete da sua eleivosia!
A máscara do fingimento rasgou-se inexoravelmente,
Desnundo do embusteiro -- a hipocrisia!

O ídolo de barro , que suas falcatruas ardilosamente
Com o beneplácito da imprensa e parte
Do Judiciário escondia,
E que todos o bajulavam, e que sobejamente
O tinham como honesto, e que seus malfeitos encobria,
Viu a máscara do fingimento rasgar-se inexoravelmente!

21/10/2017

A ROSA QUE TE DEI

Os pássaros
Não vieram.
As nuvens
No horizonte
Escureceram.
A rua
Ficou deserta
E triste
Sem a cantoria
Matinal.
Olhei em torno.
Tudo deserto.
Deserto de alegria
Meu coração!
Foi-se o encanto!
O céu
Despiu-se de estrelas.
A terra
Perdeu o viço!
Murcharam as flores
Nos vergeis
Da vida.
Procurei por Rosa,
Nunca mais
A vi!
No jarro,
Murchada a rosa
Que a ela dei.
A única flor
Que não
Deveria murchar.
Mas de tristeza
Feneceu por não

Mais nos vir juntos!
Outra rosa,
Jurei ir buscar
Em jardim alhures.
Esqueceste a rosa
Que te dei!
Não te maldigo, não !
Passa o tempo.
Tudo muda:
Fenece a orquídea.
Murcha a flor.
Adeus, Rosa,
Minha rosa
Já fanada!

POEMA PUBLICADO EM DEZEMBRO, 1979
EM ITABUNA --BA

DESCE DO PEDESTAL

I

Você, que com arrogância,
Pura ignorância
Odeia pobres, mendigos e pretos,
Que com esnobe jeito,
Arraigado preconceito,
Humilha a pessoa
De maneira à toa,
E que movido
Por pretensa superioridade,
Tola vaidade,
Cultivada por sua prepotência
E imbecil banca,
Não ver que sua pele é branca,
Mas todo sangue é rubro!...

II

E que o sol, na Divina Sabedoria
De quem o impulsiona,
No seu itinerário
De todo dia ,
Do seu mister não esquece:
Aquecer a toda criatura
Na face da terra,
Dispensando tratamento igualitário
A pobres e ricos, plebeus e nobres,
E sem riscos abrasadores,
A não ser demasiada exposição solar,
Não nega seus raios solares
A todos os lares
Mundo afora,
Não se importando
Com a cor da pele,
Condição social, etnias e crenças,

Idistintamente aquece
Índios e brancos, mulatos,
Mistiços e negros -- toda a humana raça
Que por Divina Graça,
Camarada, é sua irmã,
Filha do mesmo Pai Celestial.

III

Você, carcomido por toda sorte
De excrescência mental,
Afeito a manias, a tolos caprichos,
Vícios e mazelas:
Intolerante,
Prepotente e arrogante,
Que não aceita as diferenças
Da vida que sempre existiram
E não sempre de existir
Desde os primórdios do tempo,
Onde há pobres e ricos,
Branco e negro,
E ninguém pode ser condenado
Pela religião que professa,
Pela camada social
A que pertença,
Pela opção sexual escolhida,
Pela família à qual foi gerado.

IV

Você, que ama a tudo
Que representa luxúria,
Ostentação de grandeza,
Espanjar avaramente sua riqueza,
Viver em desenfreada osbornia,
Olhando apenas para o umbigo,
Lembre que o mundo
Não gira apenas ao seu redor,
E que todos são iguais
Perante o Criador.

V

Você, que odeia criança de rua,
Que na estupidez sua
Detesta pobres, negros, tralhadores,
Servidores públicos,
Nordestinos, esses, espezinhadados,
Como seres diminutos tratados,
Que sequer é facultado,
Na deturpada ótica sua,
Ocupar o mesmo espaço seu,
E de todos aqueles pertencentes
Ao seu mesmo círculo social.

VI

Você, animal de bruta raça,
Que faz festança
Com a miséria alheia.
Que coisa feia!
Desce do pedestal!
Vem comigo,
Que lhe mostro
A cara horrenda da fome.
Já viu, o solo crestado,
A seca abrasante
Que como disse o poeta
"A tudo devora"...

Matando de sede bichos e gente,
Que para não morrer de fome,
Abandona tudo, vai embora?!

VII

Cara, já viu uma favela ? Sabe o que é?
Um barracão,
Um casebre desmoronar no chão,
Uma casa de taipa, uma palafita
(Suspensa a paus fincados
No mar, ao sabor
De ventos e tempestades)?

Já viu o desgosto
Vincado no rosto
Da pobre mãe,
Cuja face transida de dor depõe
A infinda tristeza de ela, impotente,
Coitada,
Chorar,
Por não ter nada
Para pôr na mesa e alimentar
Crianças famintas
Que não entendem nada.
Querem apenas o alimento, o pão?!

VIII

Você, que sonente para aparecer
Na fita,
Ou para lavar grana,
De nababescas obras, bacana,
É mecenas,
Por que não abre o cofre?
Um mísero gesto
De misericórdia apenas ,
Faria toda a diferença.
Vai, abre a bolsa!
Apenas uns trocados,
Dos seus bilhões guardados,
Valeria apena,
Alimentaria milhares
De bocas famintas.
Mas não !
Na sua concepção doentia,
Essa pobre gente,
Não é gente!
Como bichos , hão de ser tratados!

TURBULÊNCIA

Quis " navegar,
Por mares
Nunca dantes navegados, "
Fechou-me a as portas
Dos oceanos -- Jeová.
"Como navegar
Era preciso", segui,
Em longas braçadas ,
E no meu estuário,
Sofri
A influência
De turbulentas marés
Que me afastaram do
Desembocadoro;
Tentei, então transpor
As barras do tempo, navegando
Pelo rio intermitente, da colina
Azul do firmamento,
Embalde o fiz, não havia mais rio
No vértice do tempo,
Só o vazio
A me desesperar;
Me propus, porém, escalar,
Íngremes montanhas,
Bosques, prados
E campinas verdejantes,
Esbarrou na inconsistência
Do meu olhar,
E a fonte cristalina,
De águas límpidas, transparentes,
Turvou-se ante mim, ao tomar
As dores infligentes
Do mundo,

E o mundo
As dores não me tomar,
Em confluência
De dias de tamanhas
Turbulências no calendário
Da humana existência !

É BEM MELHOR O SILÊNCIO

Quando o silêncio
Fala mais do que palavras,
Quando palavras
Violentam o silêncio,
Melhor não tê-las ditas
Se canivetes ao vento!...
As frases ferinas,
Apunhalam o vento,
Qual punhal
Cortando a carne,
Ferindo a alma do tempo.
Vai! Corre! Apanha o gesto
No ato!
Declina da palavra
Que embora
Pareça inofensiva,
Traz no seu bojo,
Malícias ocultas!...
É bem melhor o silêncio,
Às frases que machucam!

PAINEL DO FIRMAMENTO

Vem ele prosa, sorrindo,
A cabeleira vasta
Ao vento sacudindo,
Rapidamente se afasta,

No horizonte sumindo.
Era o sol que da tarde se despedia,
Entre as nuvens se escondia,
No negror da noite já vindo!

Da minha janela extasiado via,
Descortinar-se belo momento --
Nuvens rubras fechando o dia!

O mágico instante vale uma vida,
Contemplar a formosura colorida
Do painel do firmamento!

JUSTIÇA DIVINA

Juiz existe,
Que igualitariamente
A todos assiste,
Que age sábia e corretamente
No mister de amparar ricos e pobres,
Plebeus e nobres,
Todos, queridos filhos seus,
Cujos céus e o astral
Se dobram
À sua Regência Divinal,
Em sintonia se desdobram
Ao Imperativo Comando
Da Justiça que nunca falha -- Deus,
Que a tudo vê.
Que a tudo ouve.
Que a tudo rege, ampara e cuida.

O Senhor dos Exércitos,
Graça não concebe
A jejum, nem prece,
Se o pedido for desabonador:
Tipificadas naquelas
Cínicas e deletérias preces --
Rogando de joelhos dobrados
Que o céu lhe ouça, e o favoreça
Para se dar bem,
Prejudicando a outrem;
Dos céus -- manjar não desce,
Por mais que seja a oferenda farta ,
Se não for justa a causa,
Porque só Ele, o Criador,
Na sua Onisciência,
Na sua Onipresença,

Na sua Vasta Sapiência ,
Sabe dirimir dúvidas
Às mais difíceis querelas!

Por ser Supremo Magistrado
Das corretas causas, Jeová
Não prolata sentença injusta,
Não se dobra à pressão que seja!...
A plateias, ou holofotes não se ajusta;
Não ouve, nem acata rogativa
Que não seja estritamente justa,
Que não venha prejudicar
A quem não é culpado,
Porque para Deus, fazer Justiça,
É a única prerrogativa!

GATO NA RATOEIRA

O idolo de barro,
No tempo das fraquejadas,
Qual avestrus esconde a cara,
E um odor de podridão isola!
Espavorido foge agora o gato,
Com medo do rato!
Que estranho. Que tranqueira!
O bichano ladino,
Em desatino,
Se debate, preso na armadilha,
Arapuca que ele próprio prepara
Na sua mesma camarilha!
Que suprema ironia!
Enquanto com artimanha e traquejo,
O rato gulosamente comia
Pelas beiradas
O saboroso manjar--
O apetitoso queijo,
O gato bobo, caia na rotoeira!

DERROTA DO MINOTAURO

I
Descendo arrojado do meu trono
Nas estrelas, eu o monarca
De Estrelinário ,
Huclino de Alembete,
Montado em meu Pégaso Rompinete,
Depois de um embate bárbaro
Travado por mim
Contra monstros lá no Tártaro,
Vou galopando pela Grécia antiga.
O que nesta hora me intriga,
É de Creta - as ruínas vê-las,
E dos escombros - quais esqueletos
Com os braços erguidos para a terra,
Vislumbro intacta,
Como se fora hoje construída,
A prisão à qual o Minotauro encerra!...
E da qual, um vulto trôpego,
Olhar perdido ,
Face transida de amargura
Em meio aos escombros assoma.
É Dédalo! O Grande Artesão
Que pasmo contempla alucinado
A sua pavorosa obra - o Labirinto!
Em mim, crescer sinto
O pesadelo que de assalto me toma
Ao ver como num filme de horror,
As mesmas crudelíssimas
Cenas de outrora,
Cujas personagens são as mesmas,
E o mesmo é o cenário,
Do qual surgem
Das cinzas do passado -

Ariadne, Dédalo, Teseu,
O Rei Minos e a bizarra criatura
Metade touro, metade homem ,
Que ali também se faz presente!...
De todos aqueles, a figura
Que mais me impressiona -- é Dédalo.
- Senhor Deus,
Perdeu o homem o juízo!...
Aquilo é um gigantesco
Par de asas que segura !
No Grande Artesão ,
Detenho mais o olhar!...
Refletida no semblante
Daquele homem singular,
Vejo a dor imensa
Que o consome
Depois do infeliz desenlace,
Que lhe vitimou Ícaro,
O filho amado!
Também se associa
À mesma hecatombe de aflição,
O Rei Minos,
Que de dores - enlouquece,
E mais e mais a razão
Se lhe enfraquece
Ao reavivar na mente,
O tormento ao qual passara
No pugilato
Travado contra Atenas!...
É que, no fragor da batalha
Que o levou ao desatino,
O cruel, mordaz destino,
Em paga às atrocidades
E golpes rasteiros
Por ele praticados,
Abri-la as asas

Nefastas do infortúnio,
Tecendo-lhe uma mortalha
Para ser usada naquele
A quem o Rei de Creta
Mais devotava afeto --
Seu filho - Androceu!
Foi terrível,
De Minos - a vingança:
Ordemou de forma cruel
E desumana, a matança
De de sete rapazes
E sete moças inocentes
Que todo ano
Eram enviados
Ao Labirinto para pelo
Minotauro serem devorados!

II

Dédalo que continuava
Envolto no seu transe...
Revia a cada instante,
O drama que culminara
Com a maior
Desdita em sua vida,
Logo após as asas que fizera
"Com penas de gaivota,
Cera de mel das abelhas",
E do Labirinto - fugir lograra,
Sem perceber
Que com aquela
Ação temerária,
Na mão do destino -
A vida do filho dera...
Ainda envolto
Nestes dolentes pensamentos,
Mais e mais se consumia
Em atroz tormentos!...

E das névoas da loucura,
Ver surgir Ícaro.
E de seu filho,
Escuta embevecido:
- Pai, perdoa-me
Ter sido atrevido,
E ter-te desobedecido,
Não te dando ouvidos...
Mas consegui voar...
Voar bem alto...
Dei um tremendo salto ...
Voei...voei...além da terra,
Além das serras,
Além do mar, além do sol.
Estou vivo.
Voei além do arrebol.
Condoído com
O atroz sofrimento
Do Grande Artesão,
Que estava
Em estado de loucura,
Chamo-o a razão:
- Acorda, Dédalo!
Ícaro está morto.
O que sua mente projeta,
É uma alucinação!...
Enquanto isso,
A tarde ia findando,
Com o céu encimado
Por um punhado
De nuvens vermelhas
Que assistiam
À desigual peleja
Do Minotauro contra Teseu,
Que se encontrava agora,
Totalmente encurralado

Naquele labirinto
Infernal, em Creta,
Do qual , não sabia
Como encontrar a saída.
Mas eis que de repente,
Num canto,
Avista a bizarra criatura ,
Que no momento,
Está entregue ao sono.
É a chance que tem Teseu,
De eliminar aquela ameaça
Em forma de monstro
Que vem aterrorizando
Creta há anos.
Como fazê-lo,
Se Ariadne demora,
Pondo-o ainda
Mais desesperado
Na luta pela vida?
Se matar a fera,
Não tem como
Sair do Labirinto.
De repente,
Muda-se o cenário!...
E o destino,
Cruel fadário,
Aponta a chegada
De uma nova personagem,
Que entra em cena.
Era Tântalo que se lamúria,
Inconformado com a sentença
Que lhe fora prolatada.
Não ! Não Zeus!
Não fui eu quem os traiu.
Na casa dos deuses
Eu jantava!

Por que logo eu,
A quem eles
Amizade devotava,
Iria traí-los,
Participando a meros mortais,
Segredos dos imortais?
Não , Zeus!
Nunca o iria trair!
Não merecia
A prisão a mim imposta,
Ou seja:
Ser condenado a viver
Sobre um monte
De terra, num lago,
No Mundo Inferior,
Convivendo com
A incomensurável dor
De ter tudo e nada ter,
Qual seja: preso à arvore
À qual me deste por cela,
Repleta de frutas, das quais ,
Não me era permitido usufruir,
E nem sonhar em água beber!
Zeus, tem dó de mim!
Ouve o que falo!
Abre-me novamente a porta!
Quem merece
Ser punido é Dédalo,
Que por inveja, assassinou
O próprio sobrinho Talo,
Porque ele
O estava suplantando
Na arte da invenção!
Não , Zeus!
Vejo por mais condenação
A que me impunhas,

Fazeres surgir à minha frente,
Aqueles monstros - as Gorgonas:
Esteno, Auriele e Medusa.
As serpentes nos cabelos
Delas me assustam!
E a mais terrível
Das irmãs, Medusa,
Provoca-me, de mim abusa,
Com o propósito
De transformar-me
Em pedra se fita-la ...
Zeus, o deus
Supremo do Olimpo,
Vestido de luzes
Em sua magestade,
Cujas estrelas
Lhe invejavam o brilho,
E cativas
Lhe seguiam o trilho,
Prostradas aos pés
Do todo-poderoso
Monarca olimpiano,
Assistia passivo,
Sem atender aquela súplica,
Tendo ao lado, no trono,
A belíssima esposa
E irmã , Hera,
Cuja beleza fascinava,
Qual mavioso
Canto de sereia
Que faz o nauta
Perder o rumo.
Já Poseidon,
Destemido deus do mar,
Lá no seu preferido canto -
O Santuário

Dos Golfinhos Cantores,
Tridente em punho,
Fazendo tremer
A terra, sacudir os oceanos,
Espargindo água
Qual dilúvio,
Assistia pasmo de espanto,
Àquela peleja tão singular -
Era eu, o Valoroso
Guerreiro Huclino,
Que ali me avultava,
E nas ruínas cretenses,
No Labirinto,
Ao Minoutauro,
Que acordara, enfrentava...
E por fim,
Depois de árdua batalha,
À qual as estrelas
Foram testemunhas,
Cabendo aos céus --
Coser uma mortalha
Para o monstrengo,
Que foi derrotado por mim,
Invencível Guerreiro Huclino...!
Teseu, que assistia perplexo
À minha arrojada investida,
Em paga aos préstimos meus,
Faz a mim, uma reverência,
E emocionado exclama:
- Caro Huclino,
Qual o soberano Zeus,
Também a ti, presto culto:
À tua valentia ,
Sabedoria e astúcia me inclino!
Nao se faz um herói apenas
Com palavras, e sim, com ação!

Daqui de Creta, do Labirinto,
Da tua presença,
Jamais apagar-se-á a chama!
Tenha certeza:
Hoje tu partes ...
Mas nunca - do meu coração!

S

A JUSTIÇA TARDA.MAS NÃO FALHA

Naquele reino ao Sul da América,

Terra das Palmeiras,

Reinado aos desvalidos da Lei inalcançável,

Severo Das Quantas Impagável ,

Dialoga, num diálogo intrigante

Com Dona Justa Justina:

- Senhora, não alucina!

Sem demora, vai! Prepara o retalho,

Assenta o cravo no malho,

Apanha a carta que restou do baralho.

Que deu errado,

Neste intrincado rescaldo?

O réu não podia ser inocentado!

- A Justiça, Severo Das Quantas Impagável,

Presumo, não é mesquinha e miserável,

Não labora por nenhum tesouro,

Não almeja ganhar 30 moedas de ouro!

- Caro Das Quantas, de sorte,

Que fazer justiça , é não ferir a Justiça de morte!

Thêmis, severa, salieta: A Justiça

Tarda.Mas não falha!

Corta preciso e contundente pelo fio da navalha!

De maneira cruel e pungente,

Deixa cicatrizes profundas na carne.

Prova que quem condenou um inocente,

É desonesto e covarde!

Reitera a deusa: A Justiça tarda. Mas não falha!

Não se presta a tácito tratado -

Condenar, ou inocentar qualquer que seja o réu,

Se não estiver estabelecido em lei, tal preceito,

Porque da Justiça, é dever, garantir do acusado,

Plena defesa, sendo da balança - o fiel,
Sustentáculo da Justiça que equilibra o Direito.
A Justiça é punhal! É afiada lâmina da navalha,
Corta implacável, profundo na carne,
De maneira cirúrgica e inclemente,
Ao desonesto e covarde,
Que condenou sem provas um inocente!

A MAIS BELA DAS FLORES

O cravo beija a face da rosa,
Que dengosa
Estremece,
Lânguida de amor,
A mulher,
A mais bela das flores,
Orquídea cheirosa,
Que no jardim desta vida,
Sempre florida,
É a mais encantadora flor,
Feita de amores,
Por ser requestada princesa --
Às vezes , orgulhosa,
No todo, caprichosa,
Mas que desfalece
Quando tratada com imenso carinho,
Declinando de sua autodefesa.
Porém, quando se zanga,
Fica vermelha como pitanga.
Cuidado com seus queixumes,
Pois seus ciúmes,
Tornam-se dolorosos espinhos,
Dessa flor, rosa-mulher!

TRIUNFO A QUE MEREÇA

Me percurso,
Me perjúrio,
A glória
Por mim conquistada
Sem apreço,
Se não mereço
Tal galardão - deitar-me
Em berço de ouro,
Ostentar os louros
De uma conquista imerecida!
Os triunfos, os quais merecer,
Por eles luto, para não cair
Na tentação
De vencer,
Por outrem
Ter-me facilitado
A vitória
Por meios ilícitos.
Não me apetece
Ver meu nome erguido
No pedestal da glória,
Como acontece
Ver-se muitos laureados
Por nobiliárquicos títulos,
Aos barbatões distribuídos.
Sabe-se que esses novos heróis
De capa e revista,
À primeira vista
Polidos, delicados,
Bons tratos,
Trejeitos de suma importância
Cuidadosamente estudados,
A maioria

Não merece
Tais adereços
De honrarias fabricadas,
Por lhes terem facilitado
A vitória,
Os transformando em paladinos
Da nobreza.
O rio corre no seu curso,
Seguindo a correnteza,
Não é direito,
Nem sonante,
O recurso
De desviar o curso
De um caudaloso rio,
Para correr no leito
De um inglório
Rio de águas rasas,
De quem
Talento não detém!

DEVER DO ESTADO

Um Estado se faz
Com território,
Povo e língua,
Com trabalhadores
Da iniciativa privada
E servidores públicos.
Mas tal pressuposto destoa
Quando não é dispensada
Ao povo a mesma linguagem,
Inda que em uma Nação
Formada por linhagem
De diferentes povos,
Acolhida pelo Pátrio-Chão
Brasileiro,
Sempre cordato e hospitaleiro!

Não se há falar em Pátria,
Quando falta o pão,
O alimento,
Quando falta emprego
Para sustento
O mínimo da família,
E o homem,
Sem emprego,
A família
Passando por privações,
Passando fome,
É diminuído,
Ferido
Em sua auto-estima,
Aí então,
Se desespera,
Se humilha.

E não há verso
Que encaixe a rima,
No retrocesso
De assistir passivamente
Aos desvalidos dos desgovernos
Famintos e humilhados,
Maltratados e espezinhados,
Órfãos do governo
Que impudente e maldosamente
Não cumpre o que dele se espera:
Zelar
Pelo bem-estar
Dos governados.

NEM MESMO SEI QUAL É TEU NOME (ITABUNA, 79)

Bastaria o fel
Do desgosto
Que me deste, o gesto
Cruel
De tratar-me qual um traste,
Um molambo a implorar-te
Migalhas de afeto,
E eu bobo, ter acreditado
Num engodo -- um falso amor
Que me juraste!
Falhei, pois, sim!
Deponho as armas contristado!
Deveria, outrossim,
Ter-te odiado tanto.
Porém, cego, iludido e tonto,
Caira aos pés do teu encanto!

Pássaro livre, quis voar
Aos mais altos píncaros,
Beija-flor apaixonado,
Ousei pousar,
Na flor mais linda do prado,
Fugiu-me dos sonhos --
A louca fantasia,
Quebrou-se o encanto --
Murchara no galho pendida,
A flor do campo, varrida
Pelo vendaval da ingratidão
De quem eu idolatrava tanto!...
É que, ao gorjeio do enamorado
Pássaro, te fecharas,
Zombaras então ,
Do sincero afeto que te dedicara,

Fingindo amor que não sentias!

Não te maldigo, não!

Cindira, ou Safira!

Nem mesmo sei

Qual é teu nome!

Tanta importância dei

Ficcioneado,

Pueril e tolo,

A um delírio, louca paixão,

Um mentira

Que por muito tempo alentei

No coração!

Agora livre de uma obsessão,

Resignado proclamo:

Adeus , Safira,

Ou Cindira!

Nem mesmo sei

Por qual nome te chamo?!...

IMPUDICO RACISTA

À infamia não me curvo!
De cínico pudor,
Não me cubro!
Não importa a cor
Da pele,
Todo sangue é rubro !
Ao preconceituoso racista,
Minha natureza repele,
Não importa a cor da pele,
Todo sangue é rubro!
Ao falso moralista,
Meu repúdio, meu desprezo,
Impudico, perverso racista,
Não importa a cor pele,
Todo sangue é rubro!

DIGNIDADE NAO SE COMPRA

A dignidade é um bem
Intangível precioso.
Não se compra
Com nenhuma moeda de ouro.
É o mais rico tesouro
Da pessoa que não se corrompa.
Quem tem honra, não se vende,
Nao se dobra à vantagem
Ilícita, que a dignidade lhe ofende,
Por não ser fruto
Podre, de árvore contaminada,
Diferente daquele,
Que tem hábito de corrupto,
E mudar,
É como se " um camelo passasse
Pelo fundo de uma agulha".

Já vi boi voar,
Cantando lindas toadas,
E a vaquejada
O acompanhar,
Cordata e mansa,
Enquanto devagar avança,
Seguindo a boiada
Rumo ao rio
Da bacia das almas,
Juntando-se ao restante
Da manada.
Só não vi, quem tem
Mau costume de malandragem,
Escapar da bandidagem!

De tudo vi, nos escaninhos

Do incompreensível,
No que é possível
Acreditar porque eu estava vendo.
Não nego nada...!
Já arranquei laranja
Em pé de jaca.
A galinha da vizinha,
Vi, coitadinha,
Cair na faca,
Virar canja,
Junto com os pintinhos
Na fraquejada.

De tudo já vi, no obituário
De indecência:
Assisti, a segredos inconfessáveis,
Até então intocáveis,
Mesmo guardados
A sete chaves, desmoronar,
Descortinando a lama
Sobre os quais encobria!
Nada me é surpresa!...
Assisti, pela mão do invisível,
Do imponderável,
Àqueles vazamentos inesperados ,
Sendo revelados,
Pondo as cartas na mesa,
Mostrando o aviltante
Jogo de cartas marcadas,
Uma tremenda marmelada,
Onde o juiz fazia
Suas apostas indecentes!...
Tinha todas as fichas na mão:
Bancava, comandava o jogo,
Sendo comandante em chefe,
Da execrável

Maquinação diabólica arquitetada,
E, numa só tacada,
Algo que excedia
Os preceitos da falta de pudor
E corrupção
Por abuso de poder -
Era árbitro, técnico e jogador
Do time adversário,
Na mais infame
Partida disputada!

Seguindo o roteiro pasmante,
Vislumbra-se a podridão
Que seu odor isala,
E a palavra implacável
E inflamante
Não se cala,
Desvela a verdade
Encoberta pelos escombros
Da descarração reinante,
Caída sobre os ombros,
De figuras carimbadas,
Na ancoragem
De proteção
A pessoas cujos nomes
Se dispuseram ocultar,
Numa clara obstinação
De blindagem
Aos que sempre foram
Da sua predileção
Político-partidária.

Nesta história cabulosa,
De cinismo e ação indecorosa,
Onde de tudo já se viu,
E na escumalha do absurdo,

As máscaras caíram,
Os castelos dos falsos moralistas ,
De repente, ruíram.
Logo eles que se diziam
Probos e combatentes ferrenhos
Na luta contra a corrupção.
Depois de aberto o boqueirão ,
Escancarar-se o alçapão,
E os nomes aparecerem nas listas
Da corrupção,
Enrolando-os nas malhas da Justiça,
Com provas abundantes
Que eram larápios contumazes,
Não o " vem ao caso, "punição!
Jabulão encabulado,
Balançando a cabeça me disse:
- " Poeta, não arrelia!
Não vê que tudo é cretinice?
Ninguém me soprou
Nos ouvidos.
Convicção tenho!...
A depender do acusado,
É cega, surda,
Preguiçosa e muda
A Justiça:
A balança dela enguiça!

ODE AO AMOR

Meu caminho é de flores.
É do tempo.
É do vento,
Nas órbitas dos elementos ,
Em comunhão
Com Deus e a natureza,
Onde tudo se complementa.

Busco flores
Onde há os que só veem espinhos,
Mesmo em meio a caminhos
De magia e encantamento ;
Busco encanto,
Onde só enxergam
Asperezas e dores,
Porque canto o amor,
Em essência pura.

Meu caminho é de pedra.
É de flores
Que" nascem sobre
Montes de pedras",
No milagre da vida
Misteriosa e bela,
Que se sefaz brisa,
Amenizando a tempestade;
Que se faz sol,
Na tarde chuvosa,
Se faz esplendor,
Onde o caos reinava,
Se faz calma,
Arrefecendo o furacão
De tempestuosos pensamentos

Que abalavam a alma.

Canto, um canto harmonioso,

Em louvor à vida.

Saúdo cada dia

Que me é dado,

Pelo Criador,

Agradecendo a dádiva

De estar vivendo.

Os versos que componho,

No meu mais singular sonho,

É um canto de amor

Em essência pura!

Um canto de louvor

Ao bem mais precioso: a vida!

O ABORTO-DIFÍCIL DECISÃO (20/08/20)

Viu-se o deblaterar virilento,
Violentando o momento,
Como se fora um pesadelo
Sem fim, que ora
Vivemos nestes tempos
De chumbo de agora,
Descortinando o abismo,
No aforismo
De absurdos ultimamente acontecidos,
Como se naturalizadas
Fossem coisas bárbaras
Que fogem à razão,
Depondo contra toscos pensamentos,
Ou ideologias quaisquer
Que sejam,
Que ensejam,
Malevolamente condenar
Uma criança a massacre
Midiático clamoroso,
A campanhas implementadas
Pelas redes sociais,
À desmedida pressão
Para que realizasse o aborto criminoso,
Apenas por condenar,
Por faltar
Plausíveis argumentos!

Não se detiveram
Na infâmia , fizeram
De forma cruel e bizarra,
Deturpada e monstruosa,
Numa algazarra
De bestas-feras enlouquecidas,

Ávidas por balbúrdia
E bandalheiras,
Um carnaval
Dos diabos,
Contra uma criança ainda,
Botão em flor, afinal,
Vítima de um animal
De bruta-raça
Que a maltratou,
A violentou,
Ainda em tenra idade, coitada !
Não se ouviu
Entretanto, um único pio,
Um único gesto de contrariedade
Daquela horda ensandecida:
Uma voz voz sequer se elevou
Para protestar
Contra o monstro que violentou
A menina,
Deixando-lhe terríveis sequelas,
Que talvez nem o tempo,
Consiga cura-las!

Queriam que fosse mulher feita,
Plena de responsabilidades, perfeita
Para gerar um filho, cria-lo, orienta-lo.
À sanha deste mundo infernal,
Impiedosamente entrega-lo,
E o rebento coitado,
Consigo levaria
Uma herança que dela se pudesse, teria
Aberto mão: ter sido gerado
Por um pai-monstro
Que a mãe dele violentou!
A delicada rosa, trataram-na
Como danosos espinhos,

Ao cruzarem
Seu caminho,
A desprezarem,
Tratando-lhe qual erva daninha!
A maltrataram com atitudes perversas e mesquinhas,
Não levando em conta , animais cavalares,
Que lidavam com uma criança
De 10 anos apenas, estuprada,
Vilipendiada em sua inocência!
Queria a turba aloprada,
Que morresse,
A fazer o aborto legal!

AS FLORES QUE MURCHARAM

Como as flores que brotam
Com frequência
Nos meses da primavera ,
E crescem rápidas
Ao sol, ao vento,
Precisando de alento --
Terra, água e luz pra vicejar;
Como a flor que medra
"Sobre monte de pedra",
No milagre da vida,
Assim somos nós -- folhas
E flores pendidas
Dos mesmos galhos da vida,
Que por Graça Divina,
Desabrocham ainda ,
Na bela campina,
Na doce quimera
Dos albores da existência.
Depois, sem devidamente
A flor regar,
Vivendo ao sol,
Às intempéries,
Aos açoites,
Aos vendavais da vida,
Vão murchando
Pouco a pouco
Com o descaso e a velhice...
E passada a plenitude
Desse tempo,
Nos lembramos
Com saudade,
Das folhas, flores
E frutos que murcharam.

CACHORRADA

Atitude do amigo cachorro,
É atitude sincera,
Nao se vê o fiel amigo canino,
Com a pachorra,
De ser cretino,
Com atitude cachorra,
Na hora de ao dono prover socorro!

São tantos os late... late...
Um arremate
De cachorros e cachorrada...!
Cachorros aos montes,
Um monte de cachorrada --
Cachorro, cadelada
Por todo canto,
Que nenhum cão aguenta
Na sua venta,
Tanto cachorro
E tanta cachorrada!

Já vi cachorro vadio, coitado,
No abandono,
Na esparrela,
Fugindo da cachorrada,
E no meio dos cachorros,
Algum cão na correria,
Co, medo doutro cachorro,
Que protegia
Sua amada cadela.
Nunca, porém, vi cachorro
Fugir, quando era pra defender o dono!

De cachorro em cachorrada,

Nunca vi o amigo cão,
Sendo um amigo cachorro : correr,
Na hora de ao dono, socorrer!
De cachorro em cachorrada:
Cachorro mais... cachorro menos...
Ladra a cachorrada!

DITADURA DA SOLIDARIEDADE

Se é pra vivermos a ditadura,
Vivamos com toda força...
A ditadura
Do amor incondicional
A toda criatura!...
Vivamos com toda ênfase
A batalha conflagrada
No fogo sacrossanto do amor
Que repudia o preconceito,
À pretensa superioridade
De classes!
Nossa revolução
É pelo amor em essência pura,
Sem tabus , limites e presunção
De querer tudo, sem oferecer nada ,
Que propugne:
Amemos uns aos outros,
Como a nós mesmos, amamos.
Assim como ensinou Jesus Cristo.

O amor é a única arma que vence
Bombas, canhões,
Artilharia pesada
E a guerra ,
Que faz,
Sem disparar um só tiro,
O desarme de possantes
Tanques de Guerra ,
E persuasivo, convence
Irresponsáveis e desumanos valentões ,
A propugnarem pela paz
Aqui na terra!

Vivamos a ditadura
Da igualdade social !
Abaixo à discriminação racial,
Que tanto deturpada,
Fere fundo, Machuca a alma
Da pessoa pelo racista maltratada!
Abaixo à segregação
Cruel, ordinária e estúpida,
Que implica na divisão
Inumana e bestial
De irmãos, num reclamo
Que impõe a vida:
Não importa a cor da pele,
Todo sangue é rubro;
Não importa a condição social
A que pessoa pertença.
A sentença
É igual a toda criatura ,
Quando chega a hora da partida:
Baixa à sepultura,
Sem levar nada!

A ditadura à qual ensejo,
E arduamente desejo
De todo coração:
É a ditadura
Do amor sem freio,
Onde não falte
O calor humano,
O abraço fraternal
Entre irmãos em Cristo,
Que enseje,
Um ao outro se abraçar,
Sem discriminação!

A ditadura que almejo ,

É que vivamos
Em comunhão
Com o Criador,
A Ditadura do Amor ,
Onde dividamos
Igualmente o pão,
Esperançosos, risonhos,
Onde, uns não tenham tudo,
Outros, nada tenham!

VOZ DA JUSTIÇA

Distintos senhores,
Luminares Lex Jus,
A Justiça não cogita
Que lhe ergam em praça
Pública um busto,
Nem que lhe guardem regalias
Às quais não mereça...!
Não se importa com a população
Que se agita,
Incontinente asevera:
Não se ajusta
A pagar
A custa
Em julgamento,
Ouvindo a voz das ruas!...
A única voz
Que deve ouvir,
Para ser isenta e justa,
É a própria voz da Justiça.
Assim, correta,
E com equanimidade
Cumprir
O que dela se espera:
Zelar
Pelo cumprimento
Das Leis, primando pela isenção,
De forma que haja paridade
De armas -- juiz imparcial e garantias
De julgamento ao réu -- justo,
No corolário
De equidistância
Entre Juízo e a Acusação,
Para que de mácula-- não pereça,

E não deixe a desejar,
Nos Tribunais de Primeiro Grau,
Superiores
E nas Instâncias do Poder Judiciário
Em que atua!

DINHEIRO NA BUNDA DO SENADOR (15/10/20)

-- Quantos dias sem corrupção.

Observa a nuvem cinzenta.

Exclama a lua em reclamo:

-- Prezada nuvem desgarrada,

Distinta senhora, escuta:

Não vê a tremenda arapuca?

Corrupção dizem não ter mais

Há quase dois anos,

E até deblateram com ênfase:

Esse troço , não acontece aqui !

Contrapõe o Infante Loiro:

-- Ora, Deusa Prateada!

Essa lenga-lenga que repetem

À exaustão,

Instantes a instantes,

Num traviar destrambelhado,

Olvidando "rachadinhas,

Rachadonas, (negócio familiar

De há muito tempo no ramo),

Imensas rachaduras,

Descomunais fissuras

Na base estrutural,

Descortinando o lodaçal

Do baixo-clero, a reverberar

Em todos os quadrantes,

Do Oiapoque ao Chauí!

E ainda, cínica

E desavergonhadamente

Batem o bumbo,

De serem fiéis escudeiros

Pela moralidade

E bons costumes,

Paladinos na luta

Contra a malversação pública !

-- Jabulão, você falastrão,
A deitar palavreado desconexo,
Por que ante tudo ,
Faz cara de paisagem, fica mudo?
O que aconteceu?
O circo pegou fogo,
Queimando mais,
Quem já estava queimado?
As labaredas levaram de rondão
A conversa mole que agora
Nao tinha mais corrupção,
Que viviamos em um paraíso,
Onde nao havia espaço para ladrão !

-- Ora, ora, Tidão !
As águas correm do rio
Para o mar,
Não do mar para rio.
Todo boqueirão
Rola impreterivelmente,
Rola seguramente,
Expondo, sem se importar
De quem seja a sujeira:
Se do pobre, do rico, ou do Rei!...
Vai rolando...rolando...ligeira!
Neste show de loucos, o que ocorreu,
Ao tirarem a prova dos nove fora?
Responde a brisa,
Suavemente soprando :
-- Além do dinheiro escondido
Na cueca , na bunda
Do parlamentar,
Também tinha muita grana
Sim senhor!
Que corra Antoquito,

Chore de vergonha, Raimunda!
No angu, deu bororó!
Que desatem o nó !...
Não foi encontrado
Apenas dindim na cueca. Foi achado
Também jabaculé , no bumbum
Do senador!

|

DALILA

- Cindira, tudo faria: Seria santo,
Se tu fosses anjo!
Mas não.Me enganara tanto!
Eras cruelissimo arcanjo!

Como fora louco! A brisa errante,
Quis ganhar um beijo da viração,
O simum dardejante,
Crestou-me os sonhos - perdição!

Buscava luzes, simples mariposa,
Ceguei-me entretanto,
Na luz de um falso astro, que repousa,
Na mentira, no ludibrio de encanto!

Como me enganei!Não eras anjo!
Eras Dalila, a me falsear,
E eu, aquele que tocava o banjo
Da inocência, ao em ti, acreditar!

O PERDÃO TÃO ESPERADO

Bem sabes que na quadra
Do momento, não poderás
Tomar à força, o que queres
De bom grado
Receber: ser amado!

Não podes olvidar
O que fizeste!
Não basta querereres
Que te amem,
E que de papai te chamem,
Impondo que te deem
O amor que aos teus
Filhos nunca deste.

Não se cura com tardio afago
No peito , a ferida!
Não te envergonhas,
Nunca teres demonstrado,
Um pouco de afeto,
Aos que sempre estiveram
Presentes em tua vida?
Renegaste aos que, devias
Ter amado
Com fervor,
Deixando-lhes órfãos de amor!

Se ainda insistes?
Não sei declamar versos
Lacrimajantes de piedade,
Nem dourar a pílula,
Amaiando a tempestade!

É morta a ilusão
De bem-querência,
Na incoerência
A que te aplicas com denodo,
O engodo
De deitares falatório tão piegas,
Jurando amor, coisa que renegas!

Por que arrancar do galho
Ainda molhada pelo orvalho,
A linda flor, se morrerá
Triste, abandonada,
No jarro, aprisionada?

De escárnio, não sorrias!
Bem sentes, pai , a dor
Da associação
Que teus filhos fazem do amor
Que a eles, negaste:
O fracasso da afeição
Que não sentias !

O tempo não corre desembestado,
Qual lebre veloz, audaciosa.
Não foge desesperado.
Se bem escolheres,
Ainda dá tempo de colheres,
Do perdão -- a linda rosa!

Vai!
É o gesto de ti, pelos teus
Filhos, há muito, almejado!
Pai ,
Eles ansiosamente o aguardam
De braços abertos ,
Para o perdão tão esperado!

PORTAL DO TEMPO

Sou silêncio, transmudado
Em palavras,
Não precisando a fala,
Pois a expressão fala
Desses sóis,
Dessas montanhas ,
Dessas cordilheiras
As quais escalo,
Escalando um mundo
De incontidos pensamentos.

Dentro em meu peito,
Um mar revolto,
Redemoinho de ideias
Embaralhadas, pensamentos
Conturbados, os quais,
Reprimir, não posso!...
E há céus, estrelas, nebulosas,
Mistérios insondáveis
De mundos inimagináveis,
Que descortinam
Meu mundo interior- oceano
De sonhos, ilusões e fantasias
Que desaguam em mim.

Meu olhar se perde na vastidão
De rios, lagos e mares,
Florestas, bosques e matas fechadas,
Em cujas florestas me embrenho,
E me desencontro,
Procurando, ainda, caminhos
Na mata serrada,
Enquanto as arreias

Do tempo escorrem,
E da ampulheta - a areia se move.
É preciso voltar.
Embalde a tentativa.
Não consigo divisar o portal do tempo,
A bússola avariada
Não me aponta o rumo.

O TEMPO NAO CORRE

Não queira correr,
Para pegar
Tempo ao tempo.
O tempo
Não corre.
Não foge.
Não voa.
Cronologicamente passa.
Mas não
Se precipita à toa!

Quem faz
Tudo à ligeireza,
Correndo destrambelhado,
A si próprio
Não comanda,
Atrasado sempre
Vai estar,
Porque na pressa
De querer
Chegar rápido...
Chega sempre atrasado !

INFAMIA (24/09/19)

Brasil, tomado
Pelo ódio,
Pela a irracionalidade
Dominado,
Pela maldade
Escravizado!
Aqui, a infamia explode
Qual rastilho
De pólvora!...
Enquanto um pobre filho
Do Altíssimo,
Um negro,
Num paradoxismo
Cruel, desumano,
É chicoteado,
Outro cidadão
Tão badalado,
Se arvora a ungido
Emissário
Do Criador!
No seu sacrário,
Cogita mais do que pode:
Embora não queira
Ser pregado
Na cruz,
Se compara a Jesus!
No seu desmedido orgulho,
Sonhava mais do que podia,
Afetado pelo deslumbre:
Sonhava
Lumes celestiais,
Planejava
Até ser senador!

Brasil, tomado
Por rancores e ódios irracionais,
Onde se idoltra
Falsos heróis da Justiça
E do decoro,
E não faz coro
Aos que deploram a crueldade
De brasileiros sendo chicoteados!

MARIA EMBALA O FILHO

O vento balança
A flor,
A flor balança
Ao vento;
O vento balança
Os cabelos de Maria
Que se enroscam
Na rede
Onde ela se balança;
Com ciúmes,
A brisa
Que do céu desliza,
Se derrama em pranto,
Queria tanto
A mimosa, balançar
A rede, beijar
As belas tranças de Maria!

Maria sonha acordada,
Deixando a boneca de lado.
Mudou-se a roda do tempo,
Foi-se embora
A fantasia,
A inocente guria
Deixou de ser criança.
Tem outros afazeres agora:
A casa, cuidar
Das longas madeixas ,
Que se esparramam
Qual cascata de ouro, quais ramos
De açucena, sobre o formoso
Colo caindo-lhe,
Emoldurado-lhe o belo rosto.

Ansiosa, com os olhos voltados
Para a estrada,
Espera Maria
O namorado.
Depois, com novo soprar
Do vento,
Na modelagem do tempo,
Vemos Maria,
Com ternura e intenso brilho
No olhar,
Embalar o querido filho!

EU, PRESIDENTE

Nao sei se fui,
Ou fiquei?
Minha obra
Inacabada,
Uma pingela
Para o nada,
Foi a herança
Que deixei!
Cheguei,
Onde não
Pensei chegar !
Fui, onde
Não pensei
Que fosse.
Fiz, o que não
Estava combinado
Fazer.
" Fi-lo, porque qui-lo",
Aquilo,
Os donos
Do negócio
Me intimaram
A fazer !
Eu, presidente e poeta
(De versos bissextos)!
Minha obra poética,
Até os versos,
De mim sorriem!...
Eu, presidente,
Que não sabia
O que presidia.
Fui, sem ter ido.
Cheguei,

Sem ter chegado.

Minha 'Ponte

Para o Futuro ",

Era um monturo,

Uma pinguela

Para o nada!

Eu, presidente,

Do "mantém isso aí "!

MONUMENTO À IMBECILIDADE (21/08/19)

A soberba, sentimento pretensu
De superioridade,
É um monumento à burrice,
Uma esparrela
Que encurrala
Quem com estuitice
Vivia alardeando moralidade:
Fazia suas peripécias,
Cogitando esculpir
À sua personalidade,
Uma escultura
Que resultou capenga -
Duas colunas caídas, padecendo
Do seu artífice-
Um mínimo de bom senso;
Uma terceira,
Que idealizava perfeita -
Em pé, simbolizando austeridade
Daquela propalada operação,
Mas que pecava
Na verdade,
Por ser uma aberração
Que não servia pra nada.
Felizmente, por seu parceiro
Na trampa, rejeitada -
Uma estátua erguida
No pedestal da vaidade!
Porém, com o correr dos dias,
A ancoragem
Do falso moralista
Foi desfeita!
Agora na lama resvala -
Desmorona, despenca,

Escancara sua corroída imagem,
Desnuda o lodo da sua falsidade !

LOBOS EM PELE DE CORDEIRO(16/07/19)

A ordem está invertida,
E a contrapartida
É se criar pretensos
Lumes da moralidade,
E os eleger heróis
De capa e revista!...
Quando, porém,
Por sortilégio do destino,
Se descobre,
Se toma ciência
No burburinho
Dos delitos inconfessáveis,
A lama que os encobre,
Se ver, a grande verdade:
São falsários escravos
Do dinheiro,
Falsete de santos do pau oco,
Cobertos de purpurina,
Manto de preclaros
Impudicamente impunham,
Ocultando seus
Crimes incontestáveis,
Agora, pouco a pouco
Sendo postos à vista!
De santos, nada compunham!...
São seres ignaros,
Parvos elementos,
Aves de rapina,
Que ambicionavam
Se darem bem,
Embusteiros de frases e ações
Estudadas, feições
Que encobriam

Sua verdadeira essência-
Lobos em pele de cordeiro !

O PIOR VÍRUS, O DO IDIOTISMO (A QUEM CULPAR POR QUASE 160 MIL MORTES)?

*A corrupção é um mal
Que precisa ser extirpado!
Mas cuidado
Com as palavras ao compará-la
Ao pior vírus que tem ao mundo
E ao nosso
Pais tanto assustado!
Tal afirmativa,
Que bobagem configura,
Diferentemente
O coronavirus, criatura,
Se manifesta,
Sem fazer
Alarde, silenciosamente.
Na sua ação patogênica,
Não escolhe cara, nem gente!*

*O corrupto, age na surdina,
Causa males, se sabe,
Porém, ser o pior vírus,
Não cabe
Tal comparação
A um agente patológico
De outra dimensão,
Cujos males são
De outros teores
E de grande sofisticação
Na montagem
Do artifício
Que lesa sobremaneira
Os cofres públicos,*

Quanto às pessoas,
As quais
Enganam malevolamente
Com promessas eleitoreiras,
Roubando-lhes
No mais sagrado -
A confiança que tinha
Nesses senhores!

Se conhece a fundo,
As personagens,
Enganadores do povo,
Denominados
Políticos profissionais ,
Alguns, tidos
Por bons moços,
De ilibada reputação!
Entretanto, quando a verdade
De uma maracutaia
Vem à tona,
E se descobre o embuste,
Ver-se logo, são mestres
Em trambicagens,
Artistas fluentes
No palavreado
Que seduz, ludibria,
Trapaceia tanta gente!
Ademais, quando
Pegos em corrupção,
Lhes dão
Um jeito de se safarem
Ilesos da confusão!...

Nada lhes acontece,
Por "não vir ao caso" punição!
Blindados que são,

*Escapam da prisão!...
(A depender do arranjo,
Se forem
Da mesma confraria:
Juízo e Acusação)!
O outro, um ser invisível,
Que se intalou de repente,
E foi se alastrando
Tão rapidamente,
De maneira incontrolável,
Causando danos terríveis!...*

*Graças ao timoneiro
Que temos, no nevoeiro
De alucinações perdido ,
Cuja inércia
E incompetência daquelas
Que fogem
Às raias da razão,
Jogam o Brasil
Ao desespero indizível,
Contabilizando hoje, 25/10/20,
A perda sofrível
De 157.952 mil vidas!
A quem culpar,
Nesta atual conjuntura,
Por tanto descaso e mazelas?!*

NEM TUDO NA VIDA É DOCE

Não fale de flores
Para rimar com dores!
As dores
Se trazes contigo,
Reajas de pronto.
Não alentes dissabores,
Nem rasgos,
Nem amargos travos
Dos dias passados!...
Se cruentos,
Ou angustiados,
Não os cultive,
Não os deixe
No peito fazer abrigo!

Só flores
Com amores
Rime no teu
Dia a dia!...
As rosas
Do jardim da vida
Em versos,
Em prosa,
As declame!...
Lágrimas não derrame,
Falando de flores
Para rimar com dores!
As dores
As abstraia
Sem mágoas, nem rancores!

Noutra quadra da vida,
Tristezas não cultives,

A chorar pelos cantos.
Não te vás como tantos,
Lamentando os percalços
Que de repente te chegam,
E abreviam tua
Inesperada descida!
Se fracassos, dissabores,
Inesperadas dores
Vierem-te chegando,
Não te apoquentes...Resistas!

Amigo, a vida é assim:
Hoje feliz, contente,
Um rosário enfim,
De belos sonhos
Pela frente,
Alvissareira esperança
Sorrindo-te!
Amanhã, quem sabe , entretanto,
Pode a desdita vir
Toldar teus dias de bonança?!
Pouco se te vás lamentar!
Viva o presente ,
Sabendo que a vida
Nem sempre é encanto!

A COISA ESTÁ FEIA

A coisa aqui está feia,
Em atípico acontecimento?
Ou a praxe a tudo enlameia?!
Sabe-se que há
Quem o que é justo, odeia,
Faz seu juízo de convencimento,
Isso lhe basta,
Todos os escrúpulos, de si, afasta!
O que importa, é o resultado!
Joga a chave do xadrez fora,
Aí do coitado!

Nesses dias tão trevosos,
Que faz corar Talião,
Virou tudo do avesso: bagulho,
Com entulho,
Alho,
Com bugalho!
A Justiça,
Com os olhos vendados,
Não enxerga, não escuta
Os apelos dos injustiçados
Que a ela recorrem.
É que, nessa intrincada liça,
Tudo está abaixo de arriba --
Vai empurrando com a barriga!...
Não se atem, à consciência
Do ladrão
Que a si próprio acusa,
E qualquer ruído, o assusta!

É mesmo bagulho,
Com entulho,

Alho,
Com bugalho...!
Juizos, que apropriam-se
Da Lei, à sua própria custa!
E nessa barafunda implica:
Está solto,
Quem roubou um milhão ;
Preso está,
Quem se apropriou de um pão!

O

ATROPELOS DA LEI

O aluno Sabino,
Ao sábio Justino:
-- Mestre, por quantos
Anda o Direito,
Em quais mãos, as leis,
Justamente foram postas?
Bater em quais portas,
Em vias do que chamamos Justiça,
A esses quanto dizem o Direito?

-- Aplicado aluno Sabino,
Sua pergunta é bem colocada
E pertinente,
Tristemente
A proferir me reverte,
Fazendo dura reflexão,
Nesses dias de então,
Que se olvida os preceitos da lei,
Confesso: o que é certo
Ou errado, já não sei!...
E quem o há de saber,
Sem tomar partido,
E se ater,
Estritamente, à imparcialidade?

-- Desacredita-se, pupilo,
No Ordenamento Jurídico,
Quando não se observa
Os princípios basilares do Direito:
Princípio da Presunção
De Inocência,
Observância às provas
Relegadas de pronto,

Em se referindo
A determinados acusados,
De caso premeditado,
Para se chegar
Ao desejado resultado,
E ainda, atropelo em relação
Aos prazos que deveriam
Ser assistidos
À defesa do réu,
Não esquecendo
O juiz natural,
A fim de garantir
A isenção
Do magistrado,
O direito de o acusado
Ser julgado
Em Instância de sua jurisdição!

-- Pontuo, querido aluno,
Algo bem mais agravante:
Atropelo de prazos recursais --
Passando uma quantidade
Imensa de processos,
À frente dos demais,
Para se perpetrar
O mau Direito,
E garantir logo, a condenação
De quem deveria estar
Sob a proteção
Da Justiça,
Na garantia de um julgamento
Justo, imparcial,
E o mais grave -- magistrado
Que é juiz
E parte da Acusação --
Investiga, acusa, condena!

Fez pequena pausa,
E continuou sisudo:
-- Ao revés, caro discípulo,
Tal procedimento
Do magistrado
É imoral, é indecente,
E não coaduna
Com o Estado Democrático
De Direito
A que a Norma Jurídica impunha
De imediato ser afastado
O processo viciado,
Nulo de pleno, por ilegal,
Quando se atém,
A juiz parcial
Que interfere decisivamente
Nas regras do jogo,
Por no processo, ter lado!
E tampouco, não se melidra,
E nem a consciência
O importuna,
De sua convicção
Substituir provas,
E a um inocente apena!

CANTO DORIDO

Gorjeia o Rouxinol, um canto
Melancólico, dorido tanto!...
Responde o Assum Preto,
Cortado de dor, coitado:
-- Rou, melhor um canto
Triste e sofrido,
À fé ter perdido!
Embora triste,
Padecendo agruras,
Noites e dias
De amarguras,
Em mim, ainda existe
Alento de viver...
Mesmo que uma
Existência tolhida -
Atormentado, engaiolado,
Cego, maltratado,
Num cantinho, no abandono,
Sem poder ver
Os esplendores
Da luz do dia,
Obrigado a cantar
Cheio de dores,
O preço este,
A que estou sujeito
A pagar,
Para continuar
Vivendo - soltar
O meu pungente canto,
Um lamento,
Um pranto,
Para alegria
Do meu perverso dono!

GIGANTE ADORMECIDO

A primeira vez,
Te maltrataram,
Nada reclamaste;
A segunda vez,
Te apunhalaram,
Ainda beijaste
A mão do agressor;
A terceira vez,
A porta
Da tua casa, arrombaram,
Não deste conta
De tal fato;
A quarta vez,
Te esbofetearam,
Te humilharam
E te roubaram,
Não esboçaste reação!
Que mais queres
Que te façam?!
Acorda. Levanta, Brasil,
"Gigante ainda adormecido"!

O GADO E A VACINA

-- O dilema azucrino:

Gado , ou vacina?

-- O que ao gado alucina?

Responde a fada Cristina:

-- Ora, "Boi-Bombeiro",

Não cai no jogo,

É um engodo!

Compreende, enfim,

O gado não quer vacina.

O gado logicamente

Quer pastar, comer sofregamente ,

Sua ração diária de capim

Que lhe cabe no repasto,

E seguir mansamente

A boiada,

Caminhando célere

Pro atoleiro!

Quanto mais pasta,

Não basta!

Mais aparece gado

E mais pasto!

Gado experto,

Sempre por perto

Do trouxa e vacilão gado,

Para lhe fazer a cabeça

A não aceitar a vacina!

Da Cochinchina,

Ou da China?

Que importância tem

Donde vem

A vacina?

Prefere morrer,

A ter
A chance de viver,
Se for a vacina
Da China!

É gado pra todo lado!...
Gado pé duro,
Ou de fino trato,
Os mais destacáveis
Bovinos do rebanho
Da pajelança do gado-mor!
É gado de todo tipo:
Bovino manso,
Bovino brabo;
Gado enfezado,
Gado letrado,
Bovino tirado
A sabichão ,
Pobre gado!...
Tem ruminante
Pra todo gosto:
O sabido-besta,
Que se faz de sabidão ,
E é bovino tolinho,
Tão idiota de dá dó !
Nao sabe nada
Da embrulhada
Em que se metera,
E mesmo assim,
Entra com tudo na cilada --
E facilmente é manipulado,
E cativo e amestrado,
Se deixa arrastar
No carrilhão
De manipuláveis,
Por uma cambada

De espertalhão,
Que fez do bovino bobinho,
Idiota útil, gado de manipulação!

SATANÁS PREGANDO QUARESMA (!10/07/19)

O ser humano é o único animal
Capaz das maiores atrocidades,
Movido pela gula do vil metal!...
Há aquele que manda matar
Quem no íntimo era seu desafeto,
Pessoa de quem dizia ser amigo,
E até junto a ele conviveu
No mesmo teto,
(Por esse o ter
Favorecido com um abrigo).
Depois , vai ao sepultamento.
Em frente do caixão chora,
Fingindo estar pesaroso,
A viúva consola,
Abraça a coitada,
(Partida de padecimento)!...
Nesta mesma toada,
Há aquele das faces rosadas,
Todo prosa e falastrão,
Fervoroso sacristão,
Daqueles de se azoelhar,
Se prostrar
No chão,
Fazer penitência, jejuar,
Farta oferecenda
Aos pés do altar deitar,
Braços levantados em clamor,
Rogando aos céus
Que o Criador
Atendesse seu insólito pedido:
Que seu precioso troféu
Continuasse encarcerado!
Lógico que o Senhor Deus

Só concede benevolência,
A um justo pedido!
Nada como um dia após o outro:
Logo veio o trouco!
O reverteres da vida,
Através Vaza Jato,
Abriu o bueiro da podridão,
Escancarando as entranhas
Putrefatas da Lava Jato,
Mostrando dentre outros,
De fato , nesta trama
Infame, urdida,
Quem é de fato culpado,
Ao arquitetar com seus
Cúmplices, uma trama
Tacanha e suja,
Um golpe planejado
E executado
Com o beneplácito
Da mídia corporativa,
Acusação e juízo,
Para sua presa preferida
Ter prendido!
Te escondes?
Olhos invisíveis te veem!
Foges? Tua sombra te persegue!
Negas tua culpa!
A consciência te acusa!

DIA DOS FINADOS -- RÉQUIEM PELO FALECIMENTO DAS INSTITUIÇÕES BRASILEIRAS

Dia 2 de novembro, 2020,
Venho pôr flores
No túmulo da democracia
Que faleceu ainda tão jovem.
Não sei se descansará em paz...!

Neste dia de luto, tão sagrado
Para as famílias,
Pranteia-se a morte de 160
Mil brasileiros pela covid--19,
Deposita-se, pois, flores de dor,
De saudade,
Nas lápides dessas pessoas,
Vítimas da fatalidade,
Ou em algumas situações,
Descaso governamental?

Neste momento de consternação,
Quando se faz homenagem
Aos mortos, venho, pois , pôr
Flores no túmulo do Judiciário.
Não sei se descansará em paz!...

Para não fazer injustiça,
Ao deixar de lembrar,
Por lapso de memória ,
Algum insigne falecido,
Declino os nomes
Das instituições brasileiras
Que tiveram mortes
Celebrais por falências múltiplas,

E, infelizmente, os órgãos
Não podem ser aproveitados:
Ministério Público , PF,
STF e Tribunais Superiores !

Jabulão me aviva a memória:
-- Caro poeta Juclito, esqueceste
De dares os pêsames e depositares
Flores nos túmulos dos falecidos:
Salário mínimo,
Com perda de valor aquisitivo,
Salário dos trabalhadores
E Servidores Públicos ,
Sem reposição salarial
Pelas perdas inflacionárias,
Previdência Social,
Direitos trabalhistas
Solopados com a infame
Reforma Trabalhista,
Assassinato cruel, desumano ,
E rastaqueiro da CLT
(Consolidação das Leis Trabalhistas)!

Balancei a cabeça,
Concordando com Jabu , e acresci:
-- Nada mais me surpreende,
Jabulão de Lás Quantas,
Neste país, de tantos
Precedentes absurdos
Que envergonham até
A alma de quem não a tem:
A ação traiçoeira
Do ex-presidente golpista,
MT, que "conta em seu livro,
A Escolha, como conspirou
Com militares das mais

Altas patentes , enquanto
Ainda era era vice-presidente,
Recebendo esses senhores
Mais de uma vez, em reuniões
Nada republicanas, em 2015,
Para derrubar Dilma.
Não se há, relativizar,
O ato dessa triste personagem,
Em razão de o mesmo,
Ser um morto-vivo,
Já no lixo da história !

Há muito, foram mortos
A pauladas : a oferta de empregos,
Contabilizando mais de 14%
De desempregados,
Os indicadores econômicos pífios,
Balança comercial deficitária,
Em uma economia
Que nem se fala:
Padeceu de inanição.
O "Posto Ipiranga"
A sepultou no jazigo
Da incompetência.

Neste dia de finados,
Cumpro dolorosa missão --
Ministrar um réquiem
No túmulo de Pindorama
Que se deixou amedrontar ,
E não reagiu às medidas
Por demais cruéis,
Perversas, contra
Os trabalhadores , Servidores
Públicos e o povo
Pobre brasileiro ,

Ao tacão de política de arrocho
Fiscal , retiradas de direitos
Trabalhistas, sucateamento
Do patrimônio público,
Dentre os quais, a Petrobrás
E grandes empresas estatais,
Aprovação de pautas-bomba,
Para deleite da burguesia,
Prática política de entreguismo
Dos nossos principais ativos
Estatais -- reservas cambiais,
O pré-sal, e o mais aviltante:
O beija mão, ao imperialismo
Americano, para o qual,
Fica de quatro.

-- E o governo, está vivo e forte?
Pergunta Lá Quantas ,
Fazendo ouvido de mouco
Ao que eu expusera,
Ao que respondo:
-- Ora, pois, que pergunta, Jabu,
Logo você, que não é gado,
Suscetível à manipulação?!
Já viu matar, quem já está morto?
Trata-se de uma criança
Que já nasceu morta!

O BRASIL QUE QUERO

I

O Brasil que quero:

É um Brasil

Sem fome,

Com oportunidade

Para todos.

II

Vamos dividir o pão

Para que em alguma

Casa não falte alimento.

III

O Brasil que quero:

É Brasil que a criança

Não chore por não

Ter o que comer.

IV

Esse Brasil existe,

Se houver

Menos egoísmo,

E sobrar

Um pouco

De humanidade.

V

Vamos dividir o pão

Com a criança de rua,

Com o pobre

Pai de família.

VI

O Brasil que quero :

Deixemos de hipocrisia:

É o Brasil que não

Fale em caridade

Apenas de boca pra fora,

E o coração

Negue solidariedade.

VII

O Brasil que quero:

Não é o Brasil

Do preconceito,

Da segregação

De classes.

VIII

O Brasil que quero:

É o Brasil que respeite

O pobre, o índio,

O nordestino, o nortista,

O mestiço, o mulato, o negro.

IX

O Brasil que quero:

É o Brasil em que não haja

Divisionismo entre

As regiões que formam

O todo -- União da República

Federativa do Brasil.

X

O Brasil que quero:

É o Brasil unido em todos

Os quadrantes do País.

XI

Vamos dividir o pão

Com quem tem fome;

Vamos prover

Condições de trabalho

Aos desempregados.

XII

Vamos dividir o pão

Sem matar o campo;

Vamos saciar a sede

Sem poluir os rios;

Vamos semear a terra
Sem destruí-la;
Vamos com todo zelo
Cuidar da lavoura,
Para que produza
Frutos abundantemente.

XIII

Vamos tratar bem
Nosso País,
Porque dele,
Nunca desistiremos.

XIV

O Brasil que quero...
E que ao rair de uma
Aurora de esperança,
Alcançar espero um dia:
É o Brasil com Educação,
Moradia, trabalho,
Segurança, bem-estar,
E que não falte alimento,
Seja em qualquer lar!

XV

O Brasil que quero:
É o Brasil para todos
Os brasileiros,
E que continue sendo,
Aos que vêm nos visitar,
Ou procurar abrigo
Neste Pátrio Solo,
Sempre hospitaleiro !

PARIDADE DE ARMAS

Na guerra,
Tem que haver
Paridade de armas!
Ninguém retesa a fecha,
Se não for ligeira a seta,
E o alvo não estiver
Tão longe!
Tudo haverá
De ser mensurado
Com correto cálculo!...
Não pode o pigmeu
Lutar contra o gigante,
Nem o gigante
Se voltar contra o pigmeu.
Fica desproporcional a força:
Um, será massacrado;
O outro, pagará de covarde!
Na paridade,
Nao poderá haver vantagem!
A igualdade
Se estabelece, entre as ambas
As partes!

ESCOLHA ENTRE O DIABO E O CAISA RUIM

A quem cabe a culpa
Dos desenganos
Dos eleitores
Que de 4 em 4 anos,
Comete as mesmas mancadas?
Votam nas mesmas
Figuras carimbadas ,
Que quais abelhas no mel,
Ervas daninhas
Que brotam em tempo de eleição,
Vêm derramar seu fel,
Prometendo mundos
E fundos --
Falácia política, afago
Maledicente de escorpião --
Mentiras que tais profissionais
Da política semeiam ,
E mais uma vez, engabelado,
O eleitor cai na lábria
Do falso salvador
Da pátria
Que mais uma vez, o ludibria
Cinicamente
Com mirabolantes planos
De alvissareiro governo.
Um dia,
O iludido que vota em demagogo,
Em candidato corrupto,
Descobre decepcionado,
Que caira num engodo,
Recebendo o traiçoeiro beijo
De Judas, cujo alto preço
Terá que ser pago

Pelo voto errado!
-- E nesse desiderato,
Da pessima escolha
A quem deste o voto,
Quem resgatará, a ti , Jalão ,
O que tinhas
De melhor em escolhas,
E escolheste o pior?
-- Agora, bobão, colhas
Da tua sementeira ,
O fruto podre o qual
Semeaste iludidamente.
Avisos tinhas,
Insensata criatura,
Em quantidade imensa!
Até o vento,
Resoluto e incontente,
Tentou elertar-te,
Chamar-te
À razão!
Preferiste o silêncio,
À voz do vento,
Que te admoestaste:
-- Jalo, por que
Procedeste assim?
Ficaste mudo,
Inerte a tudo
Que vias,
E que escutavas,
E não percebias
O alcance de tais aleivosias
Em termos de grosserias,
Descomposturas, despreparo,
Agressões verbais e ofensas!...
Contudo, embora não estivesses
Dentre primores, a postulantes

A cargos públicos, votaste
No mais truculento,
Irracível, incompetente
E inepto candidato,
Quando tinhas
A opção ,
De votares no melhor,
Ou menos pior,
Por não estares, na tua escolha,
"Entre o diabo e o coisa ruim"!

NO LIXO DA HISTÓRIA (23/10/20)

Já vi muitos nos crepúsculos
Das carreiras, impingirem
Derrotas, à glória
Que detinham -- derraparem
Nos seus atos derradeiros,
Quando deles,
O melhor se aguardava --
Senão brilhantes,
Mas com a certeza
Do dever terem cumprido,
Sem atentarem
Para pressões externas
Quais sejam,
Laborando com isenção
E justeza
De ofício,
Nos seus atos derradeiros!
É o que acontece, quando cria-se
Heróis de capa e revista,
Os tendo por grandes na escala
De importantes personagens,
Aos olhos e ouvidos de quantos,
E tantos
Cegos, deslumbrados!...
À primeira vista,
Ver-se logo, o quão
Estavam enganados!
Os heróis que criaram,
De pronto, demonstraram,
De que estopa pequenina
Eram formados,
Quando o mínimo
Deles, se esperava:

Uma atitude proativa,
A assertiva
De serem ouvidos,
E algo deliberarem,
Para deslinde
De uma questão
De monta,
Que a Corte Suprema
Se defronta,
Não a covardia
De fugirem do problema,
Deixa-lo morrer
Sem solução!
Ponhamos as cartas na mesa,
Sem empulhação ,
Sem se abster
Do dilema!...
Reitera-se: sem fugirem
Do problema!...
Não me é surpesa,
Já vi alguns
Desses heróis fabricados
Na oficina da insensatez,
Em grande escala,
Fraquejarem por mais de vezes,
Na hora do voto decisivo!...
E a históriografia
Dos fatos implacável
Não se cala:
Contudente, inflexível
E ligeira, na cara, o dedo aponta!...
E cai a máscara do engodo:
Os heróis de mentirinha,
Vão para o lodo --
O lixo da história!

NÃO IR PARA O MATADOURO (28/06/2020)

Gente há, que
Brinca com a realidade
Da pandemia,
Não entende
A gravidade
Da Covid--19,
Uma molestia inclemente,
E advoga a gente
Ir para o matadouro,
Qual gado, morrer.
Finge, ou é burro mesmo ,
Ao não entender
Que não enfrentar
O Coronavirus de peito aberto,
Não é decerto,
Ser covarde.
É preservar a própria vida,
Antes que seja tarde!

VÍSCERAS APODRECIDAS DA LAVA JATO

Nunca direi aquilo que não sei!
Não passo recibo do que me é feio,
E que um dia, se arvorou falsete de rei!
Os fins, não justificam o meio!

Aviso tinha. Todavia, ninguém queria saber!
Não se antevia, que algo, sem se esperar
Iria a imagem de bom moço derreter,
Desnudando toda imundície, na lama a rolar!

É que, para o Senhor Deus, nada se esconde.
O fosso das conversas inconfessáveis, extreme,
Nos bastidores da Vaza Jato se expande
E em cada divulgação do Intercept, o homem treme!

Não se mensurava o potencial da hecatombe!...
Havia muita munição a detonar que mais assombre!
Em pequenas doses cuidadosamente adicionadas,
Paciente e caprichosamente dia a dia preparadas!...

Não se olvidava : as vísceras apodrecidas da Lava Jato
Pouco a pouco, foram sendo reveladas: a Vaza Jato
Passo a passo escancarava, mostrava toda a podridão
Dos escombros das entranhas da famigerada operação!

OPRÓBRIO

Opróbrio

Não poderiam abaixarem-se tanto,
Se não fosse inerente
A certos homens, humilharem-se, tanto,
Para no poder, seguirem em frente!

O poder conseguido a qualquer preço,
Tem seu custo avaliado
No em a honra ter negociado,
A fim de angariar prestígio a qualquer preço!

Mais opróbrio a que o camarada passe ,
Não se lhe quebra a vaidade,
O amor próprio não lhe fere a dignidade
A honra ter vendido, por mais opróbrio que passe!

Conheço desses , que por mais que seja espezinhado,
Não deixa de ser um capacho coitado,
Não depõe as armas, ao ser tao humilhado!
Nao sai de cena, por mais que seja espezinhado!

PÁSSAROS DE FOGO

Da minha torre de comando,
Espio a medo,
Os pássaros de fogo,
Num voejar desembestado,
Cruzarem o espaço,
Em vôos rasantes,
Despejando destruição e mortes.
Tento abstrair, da minha
Retina pasma, o horror
De ver cruzando o espaço,
Gigantescos pássaros de aço,
Concebidos para o bem,
Projetados para voar,
Galgar o infinito,
Conduzindo pessoas
A seguros itinerários ,
Transmudados hoje , porém,
Em aves de mau-agouro,
Mochos funerários
Que da tormenta -- indiferentes
Às dores e lamentos,
Assistem passivamente,
Aos aís de tormentos,
Aos clamores pungentes,
Ao ecoar de terrível grito!
É que, sacode-se na campa,
Freme de dor,
Santos Dumont, seu inventor,
Morrendo novamente,
Aos vê-los , desvirtuados,
Pássaros malvados,
Despejando bombas
Sobre pessoas inocentes!

CONCRETISMO

CONCRETISMO

O canto não
A quebra
A pedra,
A pedra
Não quebra
O canto!
Por que
O espanto?
Montanhas já
Não há,
A transpô-las.
Se foram
Velozmente
Nas asas
Do tempo.
Florestas,
Capoeiras,
Canaviais,
Mudaram-se
No curso do rio,
Embrenhando-se
Pela Serra
Dos Jequitibás,
Que geme
Assustada
Pelo ronco
Da motosserra.

Jequitibás
Já não há,

E nem a serra.
Em seu lugar
Desponta,
Portentosa
Arquitetura
Moderna
No templo
Do progresso!

Como mudar
A ordem
Do tempo,
Mover do
Seu eixo,
Os elementos?
Como escalar
O vento?
Pegar passagem
No tempo?
Nem tanto
O vento,
Os elementos,
Nem o tempo,
Dão passagem
No vértice.
Já está posta
A engrenagem
Que a tudo fenece ,
Ou transforma.

O silêncio
De pedras,
Vergalhões,
Cimento,

Concreto,
Fala tanto
Dessas ruas,
Dessas avenidas ,
Dessas praças!...
Tanta história
Contida
Nos muros
De pedras ,
No silêncio
De bronze
Das estátuas ,
Dos monumentos
Espalhados
Pelas praças!
Em cada pedra,
Em cada
paralelepípedo
Fincado,
A saudade
Do que fora
Antes
Um povoado...!

A rua
Não é mais
A mesma,
A mesma
Não é mais
A casa,
O povoado
Agora é cidade,
Tomada por
Vultosas obras,
O progresso
Imperando ,

Os arranha-céus
Tomaram impulso:
A cidade virou
Selva de pedra!

PASSANDO A BOIADA (20/10/20)

Uns pastam,
Por pastar querem,
Por serem,
Sem o perceberem,
Massa de manobra,
Bovinos manipuláveis;
Outros, em vis objetivos
De si próprios
Se desdobram
Em atitudes execráveis:
Quanto mais se humilham,
Mais cativos
Ficam, de quem os humilharam ,
Convictos então,
Que era preciso,
Mais e mais se humilharem...
Enquanto passava rapidamente
A boiada,
E o gado seguia mansamente
A manada!

MEUS VERSOS, MINHAS PLANTAÇÕES, OS FANTASMAS DO CASTELO (17/03/2017)

ESSE CAMARADA, A QUE ME REFIRO NO POEMA, JAMAIS SONHOU CHEGAR TÃO LONGE:
PRESIDENTE DO BRASIL

FICA NA HISTÓRIA, COMO

UMA PERSONAGEM DE TRISTE

MEMÓRIA : O TRAIADOR MICHEL TEMER.

I

Por rabiscar versos

Num guardanapo,

Sou poeta.

Não me importa

Rimas ricas, pobres,

Raras e preciosas,

Nem métricas,

Nem sentido

Dos versos.

Nada presta.

A não ser, engatar

Nas palavras o verso.

Basta. Sou poeta.

II

A planta que plantei,

Murchou;

A semente que no solo joguei,

Não germinou;

A transposição do rio

Que outro fez, inaugurei.

III

A "ponte do futuro "

Que planejei construir,

O projeto terminou por ruir,

Surgindo em seu lugar,

Uma pinguela para o nada,
Um monturo!
IV
Naquele suntuoso castelo,
Vistoso e tão belo
Que mandei reformar,
Para com a família morar,
Não pude fazê-lo.
Mesmo com todo desvelo
Por mim empregado,
Não sabia
Que atormentar-me-ia
Com os fantasmas
Daquela morada,
Que em altas horas da madrugada
Ali estavam a me assombrar,
A me apoquentar,
Escorraçando a mim
E a minha família,
Daquele medonho lugar!

ESTÁTUA DE PEDRA

Nas areias do deserto,
Na imensidão
A perder de vista,
"A estátua colossal
De pedra",
Fita a tarde
Morna de Tebas,
Sonhando todos
Os louros
E glórias passados,
A se esconder ,
No véu
Da noite chegada!
Chora o titã
A lembrança
De incedidas vitórias
No campo de batalha.
Hoje, o colosso jaz
Nas ruínas derrocadas!...
Soluça, ante seu
Monumento destroçado!

MUNDO LOUCO

Mais um verso disparado
Ao vento!
Esse tormento
De falar de mim,
Coisas assim,
Que me desfiguram,
E me remetem
A desventuras
De um viver
Que é louco!...
Quem me dera
O pouco,
À loucura
De procurar o nada,
Na inconsistência
Do meu olhar
Que é vago,
Ao afago
Do beijo da brisa
Que chega rapidamente,
Trazendo lembranças
De plagas distantes,
Muito além dos rubros montes,
E fugazmente ,
No horizonte desliza,
Sem eu poder eternizar
O mágico instante
Que se perde no olvidar
Do pensamento!
Que importa
Sonhos, loucuras,
Devaneios, frenético correr
Para abrir

A porta,
Se está fechada
No vértice do tempo,
Na incongruência
Do momento?
Fugir quisera
Ter conseguido,
Ao frenesi
De um mundo
Cada vez mais louco ,
Todo mundo doido,
Envolto em falsa realeza,
Ganância, torpezas,
Em abarcar o mundo
Em avarezas
Cada vez mais infames,
Na correria desembestada
A que se aventuram
Em busca de mais ouro,
Quando a paz na alma --
É o mais importante tesouro,
E a consciência livre,
A maior riqueza !

TÚMULO DA MALDADE

Construiste tua fortaleza
De vaidade,
A deixando na encosta!
Dizia ser uma beleza,
Um encanto de obra:
Segura e portentosa,
Que nem o vento,
Nela encostar-se-ia.
Mas veio inesperada ventania,
Varreu inclemente,
A imponente
Moradia!
Todo aquele monumento
De pedra,
Jaz morto, sepultado,
Túmulo da maldade,
Onde nada de bom medra!

MIRAGEM DO EXISTIR

Deixei o tempo
Me levar
No barco
Da ilusão!
E hoje volto
Ao mesmo lugar
Sem nada
Na bagagem.
Bem sei
Foi bobagem,
Buscar
Em terras distantes,
Da felicidade --
Alguns fugazes instantes,
Que só os tinha,
Na imaginação.

Errante viandante,
Vaguei na ilusão
De a bem-querenciência
Encontrar!
Tolice. Machuquei
O coração,
Vendo triste
E desolado,
Murchar
Em meu caminho,
A rosa
Da esperança!
E nessa inconsistência
De chegar
Não sei aonde...
Me fugiu

O sol,
As luzes
Do arrebol,
Fugiu-me
Os dias
De bonança!

No afã
De sonhos buscar,
Ao partir,
Não sei pra quê...
Só deparei
Decepção
Em minha vida,
Esperança perdida!...
Agora, a alma
Desiludida,
Sei:
Foi tudo
Um oasis, miragem
Do existir!
Hoje volto
Ao ponto
De partida:
Sem nada
Na bagagem !

BRASIL, SUA BANDEIRA É VERMELHO-SANGUE (20/11/2020)

Que bandeira havemos
De hastear na "gávea"?
Dizem que "nossa bandeira
Jamais será vermelha".
Mas é rubra de vergonha
De tanto sangue derramado
De irmãos
Da "Patria Amada Brasil!"
Chora , geme,
De dor -- freme
A brisa!
Não mais o anelo
De um cantar
Vibrante e belo,
A sussurar
Na tarde amena,
Ao vento errante acena
A musa que, encimesmada
E triste,
A medo assiste,
O pavilhão
Verde e amarelo
Manchar-se
Em vermelho-sangue.
O rubro que jorra
Das vergastadas
Infamamente aplicadas
No lombo de mais um filho
Deste pátrio-chão,
Covardemente surrado,
Ate a morte asfixiado!

Brasil, que infâmia, pais

Que não pode ,
No concerto da história,
Depois de ter enlameado
Sua gloriosa trajetória,
Ser chamado
De justo, hospitaleiro,
De pátria
De todos os brasileiros!...
A tormenta explode!
Edita-se o quadro cruelissimo ,
Por demais infame,
De horror que sobremaneira
Qual peste se alastra
Sobre a terra brasileira --
Um novo
"Porão,
Apertado,
Infecto, imundo, o arrasta
No turbilhão
De misérias
Ao Navio Negreiro"
Da época inglória
Da escravidão,
Que a memória
Deste torrão avilta -
E à gente pobre brasileira,
Escrava desta triste nação,
Continua ainda,
Gigante adormecido
Aos queixumes !...
O pobre povo
Sofre, coitado:
Amordaçado, manietado,
Entregue à própria sorte --
Acorrentado à sua infeliz
Sina

De um viver que é morte
Em vida --
Padecendo de fome,
Sucumbindo à privação
De necessidades
Básicas em danação
Que embrutece, alucina!....
Impotente ,
Escravizado,
Que não vive, vegeta,
Enquanto mais infâmias
Se projeta
Contra essa pobre gente!

Pindorama , vivendo
Ainda na escravidão!
Dando margem
À perpetuação
De crueldades!
Seu pavilhão
Auriverde,
Transmudou-se em rubro,
Vermelho-sangue
De alguns filhos
Deste pátrio-chão ,
Chicoteados ate a morte,
Ou assassinados
Por asfixiação,
Enquanto assiste passivamente
À tamanha atrocidade
Que aqui campeia
Vez ou outra, e enlameia
Sua história Brasil:
Manchada pelo
Sangue inocente,
De sua pobre gente!

A ALMA ANSEIA A LIBERDADE

A alma anseia a liberdade,
Como o pássaro a amplidão.
Ver na natureza musicalidade
Em cada manifestação!...

Em sintonia com a Excelsa
Bondade
De quem a criou à sua feição,
A alma anseia a liberdade
Como o pássaro a amplidão!

O homem, preso a peias,
perde a civilidade,
Embrutece, sente-se igual a um
enlaidado leão,
que perdeu a liberdade,
E sem poder se soltar,
perdida a expansão,
A alma anseia a liberdade !

ENTRANHAS DA PODRIDÃO (28/06/19)

As asperezas do tempo,
O próprio tempo cura.
Não dá o tempo,
Tempo de ocultar
Maledicências, ferindo
O âmago do tempo:
Mentiras! Necropsiado
De maldades !...
Maquinação diabólica
Nas escumalhas
De suas parcas consciências,
Conscientes das atrocidades
praticadas com o fito de
prejudicar outrem!
E quando acontece
De o tempo
Ser amiúde molestado,
E incomodado na sua verdade,
Inclemente, vaza, e lê-se
Nas entrelinhas do tempo --
O novo -- o intrigante tempo,
A desvendar tanta sujeira,
Até então embuçada!

Caindo no abismo
Do inconfessável engendrado,
Nos escaninhos amoitados,
Nada se esconde por muito tempo,
Em tempo que aos poucos
Vem à tona, toda a lama urdida,
Desnudando o véu
Do descaramento ,
Podridão e hipocrisia escondidos,

No tempo em que em propício
Tempo, a Vaza Jato
Denunciou o que nunca
Se cogitava vir à lume:
As entranhas apodrecidas
Da Lava Jato!

Quem é que tem o condão
De tudo saber?
Quem possui as chaves das coisas
Bem guardadas?
Quem detém o código
Que desvenda mistérios,
Senão o Senhor Deus,
Que a tudo vê,
E sem distinção,
A todos assiste?
O Criador, a jejum,
À farta oferenda, não atende,
Se for desabonador o pedido.
E no seu crivo de Justiça,
Revela quem é de fato o culpado,
A quem deve julgar
Sob o bastião da Divina Justiça!

DESILUSÃO (ITABUNA, AGOSTO 79)

-- Sofia, não te maldigo, não !
Eu é que fora louco!...
Busquei ver estrela,
Em falsa constelação!
Teu amor foi fantasia,
Ressaca de noite de São João,
Que felizmente pouco a pouco
Foi se dissipando,
Na fumaça se condensando,
Fora apenas ilusão!

.

DELÍRIOS DE GRANDEZA

"Eu sei onde as baratas ramificam",
Porque sou como o espinho,
Que para ser bom,
Já nasce com a ponta.
Conheço da ciência
Todos os meandros:
Observar, testificar, comprovar.
E tudo, porque Deus assim o concebeu,
Sendo o princípio de todas as coisas
Que neste mundo foram criadas.

Sou o deus do meu próprio convencimento,
Porque ninguém me convence do que eu não queira ser convencido.
E ninguém incute na minha mente
Ideias pré-estabelecidas.
Sei de todas as verdades, crenças e postulados ,
Pois trago em mim retratados
Experiências e ensinamentos
De vidas passadas.
Não precisa, pois, que alguém me prove algo.
A verdade que sei, e que acredito,
É que alguém não cria nada.
Apenas copia o que outro fizera.

Tal pensamento grandioso,
Atribuído à determinada pessoa,
Não é, decerto, dessa pessoa,
O crédito que se apregoa!
Tudo por mais estupendo que seja,
Não enseja
Para sempre glória,
Pois tudo na vida morre na poeira do esquecimento!

Desconfio de tudo, ou quase tudo,
Por não aceitar receita pronta!
Analisar a bula é preciso, para aplicar a dosagem certa à cura da moléstia,
Pois não careço padecer por omissão ou deisleixo!...

Não dou crédito a certos gênios
Que não sabem utilizar a genialidade
Para a prática da bondade!
Gênio é aquele que só edifica para o bem!
Que sua obra perpetua para ajudar a humanidade!

OS PÁSSAROS

Pássaros falarão
De pássaros.
Nuvens falarão
De nuvens.
Pássaros e nuvens
Unidos no espaço
Num único abraço.

Pássaro de aço
E outros pássaros
Cruzam o espaço.
É intenso o tráfego --
Pássaros disputando
Com pássaros
De aço e de acrílico
O mesmo espaço.

O céu é o espaço
Dos astros,
Dos seres alados,
Do pássaro de aço
Que cruza o espaço.

Pássaros e nuvens
No espaço
Se unirão...
No laço,
No abraço,
Da imensidão!

NOVA ROMA

Neste melodrama,
Tragédia romana incendiada,
Novo Nero de feições
E atitudes enlouquecidas,
Alteia a já ardente chama
Sobre a nova Roma,
O Brasil, País acuado,
Sua gente rendida,
Atarentada,
E o outrora gigante
Altaneiro, pujante,
Hoje, amedrontado,
Não reage ,
Pusilânime, não age
Em defesa de seu povo,
Que pasmo ver reeditar-se de novo,
Os mais cruentos anos os quais
Passou a Nação brasileira,
Incendiada Roma,
Subjugada aos desmandos
Dos governantes golpistas
Cujas dores fundas,
No céu de tormentos assoma,
Batendo na alma em agonias profundas ,
Martirizando o povo pobre que agoniza:
Pandemia e outras mazelas,
Anátema cruelíssimo que se eterniza,
Tributo
Às mais acerbadas maldades
Perpetradas por governo que alardeia há dois anos

Não ter corrupção ,
Mas que padece sustentação
Tal afirmativa , por estar
Suspenso na brocha das "rachadinhas"-
Negócio de família,
E a história cabulosa de dinheiro
No bumbum do senador
Que repentinamente eclodiu, vindo à tona,
Que não se detém
Na prática
De atrocidades
Contra o pobre povo,
Que sente os danosos efeitos
De ataques aos direitos
Trabalhistas,
Desmonte do patrimônio público,
Aniquilamento de programas sociais !
E o Brasil, dentre tantos absurdos mais,
Rever um filme tão infame,
Retrocedendo aos dias de Atraso,
Os quais,
Se quer olvidar:
O povo sofrendo
A retirada de direitos,
Desemprego abundante,
Jovens padecendo o ócio
De não ter outra saída: Que fazer?
Falta-lhes espaços,
Oportunidades de trabalho,
E tal sistema rebotalho
Não resiste à retórica construída,
Pois a verdade nua e crua
É que o Brasil claudica:
A economia em frangalho,
Coisa que por mais que maquie,
Não se consegue esconder,

Combinada drasticamente,
Com a volta inapelável do pobre,
Ao mapa da fome!
Mas dizem que o Brasil vai bem.
Em que País estamos vivendo?

VAGABUNDAGEM

O uso
Frequente da palavra
"Vagabundo",
Não sei se em todo
O mundo,
Tem a mesma conotação...!
Mas aqui no Brasil,
Transfigura em nuances mil:
Vagabundo
Nao é apenas o ladrão
Que lhe rouba,
Que lhe bate a carteira,
Que na sacanagem,
Lhe aplica
Uma rasteira,
O maltrata,
Para algo lhe tirar
À força;
Vagabundo
Também é,
O de terno e gravata,
Envolto em falcatruas,
Em corrupção;
Vagabundo
Também o é,
Quem faz trambicagem:
Vive na corriqueira
Vagabundagem
De utilizar
Do expediente
Da empulhação,
Do infame abuso
De a pessoa inocente

Trapacear--
Ardilosamente
A acusa
De algo que não fez,
E a implica
De vez,
Em crime
Sem delito,
Por carecer
De provas.
Isso hoje em dia,
Tão frequente;
Vagabundo
Sem dúvida,
Se qualifica,
Na essência
Mais moderada
Da palavra -- aquele
Que vive batendo pernas,
Prejudica
Mais a si,
Do que aos outros;
Vagabundo,
Na acepção
Mais dura
Da palavra:
É a criatura
Deletéria que mente,
Tão-somente,
Para prejudicar alguém!
Esse, bem
Mais do que todos,
Vagabundo!

ROLO

O bolo,
Do bololó,
Do bolo,
Do rolo
Que enrolou
O povo --
O envolvendo
No rolo,
Do bolo dividido
Entre a confraria
De rapinadores,
Contumazes enganadores
Do povo,
Costumeiros fazedores
De vãs promessas,
Verdadeiras trepeças
Aplicadas com requinte
Velho, que diziam
Ser novo,
Com intuito
De enganar,
Pois na verdade
Só lhes interessava xêpa!...
Meterem a mão
Na abundante grana,
Fazendo-se de probos,
De bacanas!
Mas só
A bestas enganam!

No íntimo,
Semelham
A cães

Que não
Largam o osso:
No rolo
Que chafurdou
O Brasil
Na patifaria,
No lodo --
Divisão
Do espúrio bolo!

O povo
Envolto no rolo,
Feito de bobo,
Não sabia
O que em seu
Entorno acontecia,
Não via
O bolo inchar,
Se agigantar
No escaninho
De tamanha
Patranha:
De bolinho
Virar bolão!
E a cada ladrão
Como lobos
Em esfaimada matilha,
Coube, enfim,
Na partilha
Do butim,
Grandes pedaços
Do bolo!

O bolo,
Pós o povo
No rolo:

Banquete,
Joguete
Nas mãos
De larápios,
Que o País
Com roubalheira
Afundaram,
O jogaram
Ao chão,
Puseram-no
De quatro,
Quando deram
Uma rasteira
No povo,
No mais
Infame rolo,
Que prostrou
Por terra
A Nação
Brasileira!

O LIVRO DA CONJA

Insurge-se o vento,
Com uivar de lamento :
Quanta lambança!
Cada vez mais,
A sujeira avança.
A podridão,
Aqui pulala,
Escancarando
As suas entranhas putrefatas ,
Cujo odor ainda exala
Em terras brasiliianas,
Envoltas de uns tantos,
Em ações e atitudes nefastas,
Algo nada republicano,
Nos bastidores
Da política, Judiciário, Tribunais Superiores,
MP e Instituições outras, infectando,
Ao que o sol reclama,
E as nuvens e a brisa e o luar pejados
De tristeza, muito mais de espantos,
Aos queixumes do Infante Loiro aderem
À pergunta que não cala:
O que mais há
De emergir, do mar
De lama?
A esse questionamento,
Interrogo os inclitos elementos
Que dos céus se manifestam
Em acerbos reclamos,
O faço, a pilula dourando:
-- O que de positivo traz,

O livro da Rosângela Moro?
Deve conter algo de bom,
Em resumo!
Maravilhas, presumo!
Maravilha, da maravilha!
A brisa olha-me sisuda
E responde em aziago tom,
A farfalhar,
Sorriso escarninho nos lábios a bailar:
-- Caro poeta, não és doidivanas,
Suponho. Sai dessa!
Não destrambelhes, fora do rumo!
Prezado, a inteligência
Tua, ao lixo não introduzas,
De ti mesmo, não abusas,
Não te enrodilhas!
Não sabes que naquele livro,
Coisas inconfessáveis,
Fora do crivo
Da decência,
Hão, que ferem
Os preceitos de decoro?!
Toma ciência!
Há em dobro, naquelas páginas,
coisas do "arco da velha" -- inacreditáveis,
Que só cabem num script muito louco!...
Ali, arriba,
Em tal escrito da escriba :
Aqui, acolá,
Em cada página, reproduz
Em síntese, amigo,
O ditado antigo:
Os maus por si próprios se destroem.
Hora virá, que se traem,
E na própria armadilha
Que aos outros prepararam, caem!

Naquele alfarrábio (livro novo,
Ideias velhas que descontroem
Os mais simples arrazoados,
Trazendo, em seu bojo,
A parcialidade do festejado
Casal curitibano !
Uma verdade infere,
Nesta troça, uma confissão):
A culpa condena !
A criatura nao apenas
Se entrega ,
Na bandeja oferece a cabeça
Do cônjuge, no que ela confessa:
Havia, por parte do ex-magistrado,
Uma insólita refrega
"Moro x Lula!"

A CERTEZA QUE ME AMAS (15/11/1980)

O sol no infinito desaparece.
As estrelas dos céus,
Enviam luminosidade à terra.
É a noite que sua presença reclama!
As nuvens se vestem
de neve.
A lua que clareia a noite escura,
Também reflete na lama.
A pérola em toda formosura sua
Que palpita, que encanta,
Que estua,
Surge do lodo.
O lírio, de impecável cor branca,
Nasce na charneca imunda.
Por que ages, assim,
Enganando a ti própria, criatura?
Teu orgulho e desmedida banca,
E pretenso desprezo por mim,
Que quando me vês, te inflamas,
É a certeza que me amas!

DESCASO DO PODER PÚBLICO

Que pouca vergonha!
Enquanto nas grandes cidades
Há banquetes por aí afora,
E os preciosos mimos
Nos balcões ostentatórios afloram,
Um grito de dor
Dos miseráveis
Pelas calçadas ecoa
Num cortejo triste, melancório,
De amontoados
De corpos sem identidade,
Sem rosto,
Massas esfarrapadas
De indigentes
Que, enlouquecidos
De sofrimentos
Perderam a fé, a esperança,
E entregues à fome que mata,
Que enlouquece,
Que humilha,
Comem restos de lixo,
Ou vivem da benevolência
De algumas almas caridosas
Que lhes dão alguns trocados !...
Assim, desalentados,
Vão seguindo sua sina
Em trapos enrolados ,
Qual molambo
Dormindo como bichos
Pelos cantos jogados.

Se alguma autoridade os vê,
Faz ouvido de mouco --
Passa ao largo.
Um questionamento
Impõe-se aos governantes:
Esses órfãos de auxílio
Do poder público,
São pessoas ou bichos?!

A ROSA (1989)

Rosa-menina,
Botão em flor,
Tão pequenina,
Cadê a rosa,
Que teu cabelo,
Com tanto zelo,
Embelezava?
E te enfeitavas,
E da varanda
De tua casa, sorridente
E fagueira,
Cheia de sonhos
Que no peito embalavas
Linda e cheirosa,
Querida Rosa,
E espiavas
A tarde que findava!

Rosa-cheirosa,
Que te engalnavas
Com tanta graça --
Tanta ternura
No olhar que expressava
O estado d'alma -- tão
Harmonioso, o coração
Em festa, transbordante
De alegria,
Por que deixaste
Murchar a rosa,
Que te enfeitava
Os negros cabelos
"Nas manhãs fagueiras,
Risonhas e belas",

Quanto te preparavas,
Sorrindo à vida,
Festejando um novo dia?!

Rosa-querida,
Passou o tempo.
E por pirraça,
Da inocência tua
Tirou a graça,
E a flor
Tão bela,
Pura e singela,
Como essas flores
Que nascem no campo
Ao sabor
Do vento
E logo esmaecem,
E em agruras -- sonhos fenecem,
E dos esplendores --
Morrem os anelos;
De desencantos -- amores
Mais puros e belos,
Na confluência
Do tempo, que a tudo fenece
E transforma,
Assim
Como despetala
Morre toda flor
Que adorna o jardim
Da vida!

Amada Rosa,
Perdeste o viço
Da juventude!
E com o passar
Do tempo,

A beleza
E a virtude
Se foram na correnteza
Dos dias,
Levando a inocência tua!...
Qual colibri,
Pousaste na inconsistência
De outro galho
A que não devias preferir!

Rosa-mulher,
A mais linda flor,
Mesmo fanada
Pela invernada
Dos vendavais
Da vida,
Dentre as flores
Do jardim da existência,
És a mais formosa,
Sempre por todos preferida,
Porque se veste,
Rosa querida,
De simplicidade e elevado amor!

Seja no prado,
No relvado,
No monte,
Na fonte,
Na serra,
Seja no galho,
Pelo orvalho
Despetalada,
Ou adornando
Algum jarro,
É sempre uma flor
Tão delicada,

Ornando tudo que a cerca,
Vencendo canhões,
Pois seus pendões
É não fazer a guerra!

A INDESEJADA

Quando é chegada
A hora,
Ninguém sabe
Se amanhã, se agora...!
Especular não nos cabe:
Sempre chega a hora
De a indesejada
Da gente,
Nos visitar tão de repente!...
E cumprida
Sua missão confrangente,
Vai embora,
Assim como chegou...
Tão de repente!

MERCADORES DA PALAVRA DE DEUS

Há aqueles que vivem
A se enganar,
Por quererem
Ser enganados,
Por terem
Lhes colocado
Cabresto de burro,
Por serem
Turros,
E terem
Passivamente aceitado
A brida que lhes puseram:
Ao acreditarem na leva
De falsários milagreiros
Que cada vez
Mais vem surgindo
Brasil afora,
Como erva daninha
Se alastrando,
E, de aventureiros
Reféns, se fazem crédulos,
Neles cegamente
Confianhando,
Não se dando conta
De tamanha afronta
Em que foram engrupidos.
Embora
Sendo ludibriados,
Fazem festa
A esses, a quem dão crédito,
Por santos tidos,
Na verdade,
São impostores ,

sabotadores da fé alheia:
Vendem o que entregar
Não podem: milagres aos tantos:
Curas mirabolantes
De moléstias,
E o que mais lhes resta
No balcão
Dos negócios sacrossantos:
Promessas de prosperidade,
Milagres prometidos
À mão cheia,
Do tipo -- extirpação
De vícios
Os mais nocivos ,
Empregos e bens
De primeiras necessidades
À disposição
Do varão
Da família!...

Tudo isso se reverte
Em disseminação
De uma farsa --
Engodo, empulhação ,
Manobra por dominação
De lavagem cerebral
De mentes e consciências:
A sistemática da maldade
Com requinte de perversidade
Perpetrada:
Mentiras despejadas
Com requintado engenho ,
O empenho
De disfarça-las
Em palavras bonitas,
Que soam benditas

Aos ouvidos
De gente
Que crê , e tem
Verdadeira adoração
A falsos pregadores
Da Palavra do Senhor,
Na malha de embromação
Envolvidos :
Caindo na ladainha
Do português fluente,
A ênfase calculada,
Num negócio
Muito lucrativo:
Vender Jesus
Cristo na cruz pregado
Por 30 moedas de ouro ,
Com intuito desabonador
De rapinagem ao cidadão,
Que inocentemente
Cai no laço do espertalhão,
Sendo roubado naquilo
Que lhe é mais sagrado -- a fé!

Que infâmia!
Que barbaridade!
Uma tramaio
Bem trabalhada,
Urdida arditosamente,
Algo assim,
Que o coisa ruim
Duvida até:
Enganar, explorar
O ponto fraco
De pessoas que, ante a vida
De dificuldades
E agruras prementes do dia a dia,

Se apegam
A qualquer crença religiosa
De que suas vidas
irão melhorar,
Que alcançarão
As benesses dos céus!
E os coitados,
Não percebem,
Que estão sendo explorados,
Surrupitados
Miseravelmente,
Por mercadores
Da palavra de Deus!

CÍNICO DISFARCE (ITABUNA, 15/08/78)

Silvia, a máscara embuçava-te e a face!
Teus gestos, tuas palavras meigas,
Tudo estudado: verniz do teu cínico disfarce,
E eu iludido, acreditei em ti, tolo , piegas!

No meu delírio, uma fada te idealizei!
Caí, porém, no canto da sereia,
Ao em ti acreditar!...
A fada transmudou-se em bruxa, bem sei --
A seduzir, a enfeitiçar!

Não guardo rancor a quem
Engênuo, chamava de querida.
No meu devaneio, a vagar
Pelo deserto da vida,
Sentimentalmente me deixei
Envolver, por uma miragem!
Criatura, teu encanto, tua beleza,
Por todos admirada,
É ouro de tolo, encanta aos olhos,
Mas não vale nada!...
Graças a Jeová, tirei do peito, um amor selvagem!

CONFIDÊNCIAS DE UM EX-PRESIDENTE (30/12/17)

Sei do que me chamam.
E de mim muito reclamam.
Pouco me importa
Tais adjetivações ,
Elucubrações
Apenas à minha pessoa ,
Que continua integra!
Não manchar-me ão
A imagem, o deblaterar
Em vão
De um palavreado
À toa!
Sou o que sou,
Porque sou,
Sem uma vírgula retirar,
Ou crescer
Ao meu nome.
Basta a senda
Do meu
Trilhar
Politico proficiente,
Para se enterver
Que em mim,
Já nasceu
Pronto.
Sou desses
Que, se pudesse
Não me aventuraria;
Se me aventurasse,
Continuaria;
Se tudo desse errado,
Não lamentaria.
Afinal, por que tentei

Aventurarar-me leso e tonto,
Em louca empresa,
Sem ter a certeza
Que êxito obteria ?
O fiz, não me arrependo,
A procência tendo,
Que não se abre uma porta,
Em seguida,
A fecha,
Quando o destino
Toca a flauta!...
E esse flautista
Do portal do tempo
Disse-me :Vai! Não demora.
É sua hora!
Não deixei passar
O cavalo selado:
O "vice decorativo",
Se fez presidente !
Até sorriu
Aos buchichos,
Às perguntas mudas,
Ou nos vãos
Das portas gritadas:
Quais são
As obras por mim,
Edificadas ?
Que deixei, assim,
De legado
Como presidente?
A confluência
Do tempo dirá mansa ,
Alegre e contente,
Inserindo-me no ror
Dos grandes homens:
Que estadista

Teve o Brasil !

Direis vós, tolos e piegas,

Que grande ironia!

Vo-lo rebaterei:

Não se abre uma porta,

Em seguida,

A fecha!

Não se deixa passar

O cavalo selado!

NÃO NOS AMOTINEMOS (17/11/20)

O correto

É não nos amotinarmos

Nesta hora tão extrema,

Quando se faz necessário

Ação proativa.

Ao revés,

Se agirmos

Fraca e temerariamente

No nosso itinerário,

No momento

Difícil em que vivemos,

A situação

Bem pior ficará.

Não podemos permitir,

Deixar atodos

Mãos e pés,

E nem nos mantermos

Impotentes ante algo

Bem pior

Do que nossa

Estopa aguenta .

Outrossim,

Não nos afugentemos

Na covardia

Relativizar

Ante um inimigo fero

Que surge

De repente,

E tão de repente

Vai deixando

Um rastro

De calamidade!

A nossa verdade,
Somos nós mesmos
Que a criamos,
Ao nos unirmos
Contra o invisível inimigo!
Só assim, o venceremos:
Nos elevando em cuidados,
Unidos , ainda,
E mais resistentes
Em nossa força de vontade,
Na fortaleza
De persistente quarentena !

A FESTA

Lembro-me da festa.
Era como um sonho
Que me embalava.
Hoje, 8 de dezembro, 2020,
30 anos depois,
Os versos que componho
São estrelas cintilantes ,
De um passado rutilante,
Que guardo
Como doce recordação!...
E vejo redivivos
Em minha memória :
Moças e rapazes bonitos
Trajados a rigor,
Graciosamente desfilando
Pelo salão
Ricamente adornado.
A dança.
Os pares entrelaçados...
Sorrisos às faces,
Alegria contagiante,
Promessas amorosas acalentadas
Nas mentes dos jovens
Que mesmo ali presentes
Estavam longe
Com o pensamento a voar
Qual pássaro livre, na amplidão,
Inebriados pelo ritmo melodioso
Da canção
Que a orquestra tocava.
II
No embalo em que estávamos,
Nem demos conta

Que já era alta madrugada.
A festa mais animada
Dava o tom
De euforia,
Casais furtivamente
Afastavam-se a fim
De trocarem beijos
E carícias recatadamente
No belíssimo jardim
Da mansão
Dos Patiole, sem que olhos
Abelhudos os pudessem ver,
E da falta de decoro reclamar.
Tímido, eu, Juclito, espiava,
A bela que dançava,
Embalada ao som
Da música dos Fevers.
Que timidez a minha -- pensava.
Ela estava ali, tão perto,
Ao mesmo tempo
Tão distante,
Pois o acanhamento
Que eu tinha,
Punha-me a perder.
Queria tanto, ensejava,
Arduamente desejava
Com a linda dançar-- refletia,
Olhos deslumbrados,
Fitos na angelical criatura,
Coração em festa!
Que encanto de mulher!
Que formosura! --
A mim nesmo dizia,
Voz embargada,
Presa a fala,
Cabeça rodopiante,

Dando voltas no salão,
Coração palpitando intensamente:
Será que ela aceita
Comigo dançar?
Aceitará, na próxima canção?
Não sei se devo...
Não me atrevo.
Não quero importotuná-la.
Ela não vai aceitar.

III

De repente, qual perversa troça
Do destino, rompeu-se em mim,
O dique da esperança:
Chorei, ao ver,
Que da diva requestada,
Aproximou-se rapaz
Elegante e vistoso,
Tirando-a pra dançar.
De ciúmes, eu me atormentava,
Pensando tristemente:
Que momento desditoso,
Ver juntinhos, os dois,
Sorrisos estampados
Nas faces que luziam.
Meus olhos,
Infelizes abrolhos
Em ilha deserta,
Que tristeza refletiam,
Me diziam
Para ir-me embora da festa.
Aqui não é meu lugar.
Pensando assim,
Fui me retirando de mansinho...
Quando inesperadamente
Vi surgir, como se fora um sonho,
O objeto do meu enlevo,

O anjo loiro que arrebatou
Meu coração.
-- Lindo, não te vás.
Dá-me a honra
Da próxima dança.
Soraia é meu nome.
Este com quem dançava,
Com quem animadamente
Conversava,
É Cícero, meu irmão --
Disse, a título de apresentação,
E prosseguiu,
Em meio a deslumbrante
Sorriso que nos lábios bailava:
-- Era meu desejo,
Que me tirasse pra dançar.
Como não o fizeste,
Eu mesma, tomei a mim,
A iniciativa de convidá-lo:
-- Vem, a noite agora é nossa!

VISÕES DO OUTRO MUNDO

Tudo acabado.
Termo final à existência!
Somente a consciência
Do que fora,
Guarda o espírito
De vidas passadas,
E um dia,
Haverá de recordar
Em hora propícia
Sua passagem
Pela terra!...
Quando do corpo,
Desprende a alma
Que o animava,
E do homem se vão
Todas as fantasias
E ilusões que o prendiam
À vida à hora
De à sepultura baixar,
Lembrar-se á
Que a morte chega de repente,
E tão de repente,
Leva os sonhos da gente!

Quando chegar
O triste dia
Do meu sepultamento,
E nada mais for urgente,
E perecer da vida -- o mistério
Que a envolvia,
E todo ouro
Que na cobiça
Eu tiver juntado,

Distribuam com os pobres,
Pois a mim, de nada valerá
Rico tesouro!...
E na fria catacumba
Que meu corpo acolherá,
No vale dos mortos --
O cemitério ,
Nem mais um alento,
Um suave soprar
Do vento,
Pedirei à campa fria,
Hospedária cruel,
Insensível às dores
E prantos de toda gente!

Da penumbra,
Tentarei me mover
Da apertada,
Sombria catacumba,
Antes que os germes,
"Operários das carnificinas",
O trabalho fúnebre,
Venham realizar,
No seu mister
De decompositores ,
E venham concluir
O serviço funerário: roer
O corpo meu,
A carne vorazmente
Devorar,
Os ossos triturar,
Saciarem-se no sangue
Do de cujos,
Que de tédio, faleceu!

Na minha partida,

Na sepultura inerte,
Cindida a alma
Do corpo,
O invólucro carnal no chão,
Preso ao mortuário caixão,
Proceder-se-á a decomposição
Do corpo meu,
E neste contristado momento,
Em que estarei
Entregue aos germes
E às bactérias ,
E aos fungos
E aos microscópicos
Organismos
Que incessantemente
Laboram na higidez da morte,
De sorte,
Que não pedirei calma
À sossegada alma,
Pois deixarei
Na terra,
Um turbilhão
De misérias
Que por lá encerra,
E que em alguns momentos
A visita tive.
No mundo invisível,
É crível
Que as malevolidades
Não encontram guarida,
E o desassossego
Por necessidades
Básicas e bens materiais
Não sobrevive.

Fechada-me a porta.

Mesmo sabendo
Que nada mais importa,
Digam que amei
E fui amado,
E que na terra
Não me detive
Em deixar
Um legado
De paz e de amor!...
E do túmulo, não permita
Deus que eu assista
Trasido de espanto,
Partido de dor,
As bactérias,
Operárias
Das hospedarias sepulcrais,
Realizarem o trabalho
Fúnebre de me devorarem
Os restos mortais!
E essas crudelíssimas
Operárias de além-túmulo,
Na avidez
Por sangue, ossos
E carnes putrefatas,
Me devorarão
Rápida e insaciavelmente,
Numa fome incomensurável:
A tudo devorando velozmente,
Com exceção, entretanto,
Da consciência,
Que não me poderão
Devorar,
Por viva, continuar.
Morre o corpo.
O espírito sobrevive!

EU, TOTÓ

Meu cachorro pensa,
Fala latindo
Que sou cachorro,
E que é meu dono.
Eu, o totó,
No abandono
Em que me encontro,
Acabo tendo
A certeza
Que sou cachorro
Sem dono,
Tentando desesperado
Fugir da cachorrada
Que ladra,
E que está em meu encaço!

COITADO DE QUEM TEM POLÍTICO DE ESTIMAÇÃO

Quem tem político
De estimação,
Vê aí a desgraceira:
É bordoadada
Por bordoadada
Entrando,
A ripa de rijo
No lombo dando...!
E aguenta,
Minha gente,
Centrinho,
Centrão,
Filho de reizinho,
Vira reizão,
E família
Que domina centrinho,
Centrão,
Está na mão
Do Centrão!...
E ainda da besteira
Do eleitor,
Faz troça:
Emprega sem pudor
A mulher,
Os parentes,
Os amigos,
Os amigos
Dos amigos,
Os aderentes
E os filhos ,
E o que mais lhe convier!...
Não é novidade
Que na seara política,

Uma imoralidade
Tamanha implica,
Uma verdade
Que logo se entende
A plenitude
Do escabroso negócio:
A coisa se estende
De pai
Para filho,
De irmão
Para irmão,
De marido
Para mulher.
Sabe como é?
Nesta canja
Também mete a colher,
Netos de políticos importantes
Que vivem da política
Enchendo a pança.
É cacique de sua pajelança ,
A politicamente reinar
Geração
Após geração!
Uma senda triste
Aqui insiste
E persiste
Em campear:
Familia que marcha unida
Na política, unida
Abocanha
Maiores pedaços do bolo!...
E há tolo
Que não enxerga
O que está ocorrendo
Na sua venta!...
Tanta bordoadá aguenta!

E aproveita o político ladino
A tolice do bobo
E mil peripécias inventa
Para ludibriar
Não apenas o tolo,
Vai de relapada
No bolo,
O pobre povo,
Que tolo,
Recebe a cacetada:
Balança
E verga
Para receber
No lombo a paulada
De novo!
O político artreiro,
Utilizando o trilho
Da safadeza,
Pensa que o brasileiro
É burro por natureza,
"Jeca" da roça,
Que gosta de apanhar
De político.
Quanto mais apanha.
Não arreganha!
Tem político de estimação!

VALSA DOS 15 ANOS (ITABUNA, 18/10/77)

Era a mesma
Não nego,
O anjo
Lindo a sorrir!...
Valsava,
Cantava,
De emoção
Vibrava
Enquanto
A orquestra
Em festa
Tocava.

Sorria
Sem pejo.
Que encanto!
Que enlevo!
Queria,
Se via
Na face luzente,
Apenas valsar,
Indiferente
À gente
Que rodeava
A bela a dançar!

-- Safira, não minta,
Sinta,
Meu peito
A fremir!

Era a mesma
Por quem

Meu peito vibrava,
Não nego,
A linda
Que pelo salão
Rodopiava,
E a quantos
Que a viam,
A mimosa morena,
Flor de açucena
Encantava...!

Hoje não nego,
Renego
O tempo a passar...
Ficando a saudade
Daquela pequena
Que cantava,
Rodopiava
Feliz a valsar!...
E a orquestra
Tocava
No compasso
Da festa...!

-- Safira, não minta,
Sinta,
Meu coração
A pulsar!

PERSEVERANÇA

Esperança, uma palavra
Alvissareira que nunca
Morre no olvidor.
A tenha sempre na lembrança.

Mesmo estando difícil aguentar
Agruras , e às vezes esmoreça,
À baixa auto-estima não desça.
Lembre-se de sempre, perseverar.

Nada pior do que o coitado
De si próprio duvidar,
Ao derrotismo se entregar,
Agir como um fraco derrotado!

As maiores vitórias se espera
Conseguir nos momentos mais
Difíceis, quando se supera
Obstáculos com perseverança !

Sabemos ser uma batalha mais
Do que árdua, a que travamos.
Mas o triunfo depende de nós
Mesmos -- de como nos portamos!

Sigamos com fé, com esperança,
Na preciosa escala
Do vencer , que iremos buscá-la
Com denodo e perseverança !

A VOLTA DO CIPO DE AROEIRA

Não dou
Recado do que não sou!
A minha riqueza
É não ter riqueza.
Ser pobre,
Não é vileza!
É nobre
Se contentar
Com o pouco que tenha!
Melhor é que não venha
Com o mantra escroto
De alardear
O combate a corrupto,
E ter sido pego em corrupção!
Cinismo , falsidade
E descarção computo,
A quem de fato,
Dá bola ao trato
De vestir-se de probo , e na verdade,
Não passa de um puto corrupto,
Vestido com o manto da moralidade,
E comendo pelas beiradas o queijo,
Com traquejo
De rato
De esgoto!...
Cuidado, para não cair na ratoeira!
Quando abre -se o boqueirão,
Não importa o palo,
Nem tico, nem falo,
É "a volta do cipó de aroeira
Em quem mandou

No lombo dos outros açoitar "!

É LIVRE A COLHEITA

Nas sentenças da vida, enfim,
Não há mal que perdure,
Nem bem , que pra sempre dure.
Tudo tem na hora certa, seu fim.

O destino é mau conselheiro
A quem pratica crueldade,
Sempre colhe o fruto podre ligeiro,
Quem sempre semeou maldade !

Por mais que tente esconder o errado,
Encobrir toda atrocidade,
Um dia, surge o rastro da maldade ,
Mostrando a cara do culpado!

Lei lógica da vida: toda crueldade
Por obra do destino, é logo desmascarada .
Não há segredo que dure uma eternidade.
Não tarda a verdade ser revelada .

E nem bem, nem maldade,
Que dure uma eternidade.
Tudo um dia termina.
É essa, da vida - a sina!

A colheita é livre, bem sabe.
Pedir desculpa não cabe,
E continuar enrolado '--
Fazendo tudo de novo errado!

Não adianta se prestar à negação

Depois de concluída a plantação.

Cuida, para fazer a coisa bem feita!

Bem sabe, é livre a colheita!

ESPIRITOS ETERNOS

Tenta o espírito fugir à rota incrível,
Quando a dor é comparável
À da sua alma tão triste no invisível,
No liames de um mundo incomparável...!

Mundo esse repleto de mistérios insondáveis,
Onde ninguém tem a chave dos segredos,
E não pode penetrar nas regiões imponderáveis,
Sem se furtar às dúvidas, receios e medos!

A alma, está presa ao calabouço profundo,
Sem poder divisar do invisível, o outro mundo!....
Se perde, se atrapalha, pensando ainda estar na carne!

E, na confusão em que o espírito se encontra,
Não percebe, que sua vida, a um aprendizado remonta
Há muitas eras: desencanar, voltar à carne!

A FONTE QUE SECOU (ITABUNA, 10/03/79)

Nosso amor era fonte
Tão bela e querida,
Que nossas almas
De luz inudou!...
E água cristalina
Do solo brotou,
E no chão
Da ilusão
A semente
Do enlevo
Germinou,
E a flor
De devoção
Com tanto carinho cultivada,
Era festa em alto relevo,
Revoada de pássaro a cantar,
O espaço infinito adejando,
Que de paz -- a alma serenou,
E irrigou
O nosso vale de amor...
Mas um dia,
Na internada
Do vento
Do norte,
Crestou-me dos sonhos --a sorte,
E a fonte secou,
O desgosto em minha alma deixando
Da ingratidão
De quem tanto eu queria!...
E a flor
Do tormento
Em meu coração
Se instalou!

Por maldade,
A flor
Da saudade
Meu peito feriu,
Só lembranças deixou
Do tempo em que da fonte
Jorrava águas cálidas de amor!
- E tu, Soraia, eras a luz
Que nosso amor iluminou,
E de repente,
No horizonte sumiu;
Eras a fonte de água cristalina
Que por descaso deixaste secar,
E hoje, tristemente
Termina
No olvidor
Da fonte da vida,
Que infelizmente
Secou!

O MUNDO DE DEUS -- VERDADEIRO TESOURO

Irmão, dá-me tua mão!
Eu, Jesus de Nazaré, te guiarei
Às plagas deslumbrantes
Do Mundo de meu Pai!...
Iremos lá, nas campinas verdejantes,
Onde a natureza com Ele dialoga
Num concerto de encantos!...
A terra abraçando os céus,
Os céus abraçando a terra!
Vem, ofereço-te mundos
Nunca dantes imaginados!
O meu Reinado, caro irmão,
Estende-se além da imensidão!
Iremos por uma vereda de sonhos,
De quimeras, de flores perfumadas,
As quais, tão belas, nunca viste!

Tenho luz, tenho estrelas,
Tenho sois, tenho céus,
Tenho nebulosas, tenho matas,
Tenho bosques, tenho regatas,
Tenho riachos ,
Tenho luas e tenho mares!
Tudo é teu! Toma!
Está ao alcance de tua vista!
Meu Pai que está no céu,
Deu-te luz aos olhos,
Pernas e braços que te sustentam,
Lábios para pronunciares
As palavras que bem quiseres...
De amor, de traição ou de injúria...
Fica ao teu critério proferi-las!

Deu-te ouvidos para escutar!

O coração que tens

No peito para pulsar

E alentar a vida tua !

Só venhas ao Mundo de meu Pai,

Se tiveres a alma pura,

O coração liberto de ganâncias,

De vaidades e bestiais egoísmos!

Não terão guarida em meu Reinado,

Os escravos da traição,

Da perfídia e da covardia,

Da maledicência e da maquinação

Diabólica -aves de negro coração ?

Porque não oferecem flores,

Pois só cultivam espinhos,

Não desejam a ninguém felicidade,

Porque em teus peitos de pedra ,

Aninham toda sorte de perversidade,

De golpes baixos!...

De rasteiras e de levar vantagens,

De triunfarem ante a desdita alheia!

Somente os puros de coração,

E aqueles que abdicarem do falso tesouro

Que oferece a terra, venham.

No mundo de meu pai, há muitas moradas!

DEFINIÇÃO

Defino-me como um grão
De areia,
Num infinito deserto,
Sorrindo daqueles
Que almejam
Ganhar o mundo,
Ir bem fundo
No afã idiotizado
De juntar
Tesouros na terra,
Não percebendo
Que na vida
Tudo encerra
A uma grande ilusão,
E que no fim
Da estrada,
Não lhe resta nada
Para levar
Para o túmulo,
E que o homem,
Por mais poderoso
Que seja,
Sem Deus, é um grão
De areia,
Perdido num infinito deserto,
A vagar
Por rumo incerto!

DANDO COMO PENHOR A ALMA

Pobres daqueles
Que se enganam
Com falsos
Prazeres mundanos!...
Que vivem de fanfarra ,
Deileitando-se
No balcão da vida,
Presas fáceis da ambição,
Onde tudo tem seu preço vil!...
Onde há pessoas que negociam
A alma ao diabo,
Por alguns trocados!
Permutando a honra,
Se lhes convier!...
Pouco se importando
Se de troco dão
Os filhos e a mulher...!
Contanto, que saiam vencedores
Na malsinada empresa
Em que deram
Como penhor -- a alma!

Reporto-me a criaturas
Desse naipe, como idiotas
Que se vangloriam
De serem os maiores!...
E vivem a desfilar
No pedestal da vaidade:
Dispondo de pessoas,
As manobrando,
Trazendo-as em rédeas curta,
A seu serviço, em nome
De sua pretensa superioridade !...

Esquecendo-se que angariar
Na terra um filão de ouro,
Não lhes servirá de tesouro
Quando baixarem à sepultura...!
Que na vida --
Só é certa a morte!...
Que de qualquer sorte,
Todo ser humano,
Terá como prenda,
No fim da existência--
Um caixão,
Com uma cruz erguida!

PARADOXO DA JUSTIÇA CEGA (03/03/2018)

Em que País estamos vivendo?
Em que paradoxo
Estão nos envolvendo?
Aqui, tudo está invertido:
O inocente
É condenado,
O culpado
Inocentado.
É indecente
Ver gente
De proa,
Costa larga de proteção,
Couraça de escudo,
Charfurdado na corrupção.
Não é fruto apenas de convicção!..
As provas são abundantes
E contundentes,
Com delitos comprovados.
Mas na ordem invertida,
Ao badalo
Do Judiciário,
A esse protegido,
Se faz cego, se faz mudo!...
Casos há, na Justiça,
Que excedem
Os preceitos da razão,
Pondo em descredito
A própria Justiça ,
Ao desnudar julgamentos
Escandalosamente morosos,
Que tanta contradição aponta,
E a inteligência
Nos afronta,

Exemplo do simulacro
De julgamento,
Um verdadeiro arremedo:
Para julgar
O Azeredo
Em primeira e segunda instâncias,
Comprovando a disparidade
Da gritante contradição
De procedimentos!...
Em contrapartida,
Em apenas seis meses,
Julga-se e condena,
Sem uma única prova
Que sustente a condenação
Ao escolhido
Para troféu lajatista,
O ex-presidente Lula,
Tipificadas nas escusas manobras:
Atropelo aos prazos recursais,
Passando mais
De duas centenas
De processos à frente
Dos demais,
Para garantir
Em tempo hábil,
Do réu-- a condenação,
Culminando com uma série
De atropelos aos
Princípios basilares
Da Lei:
Não garantia
Ao previamente
Sentenciado
Do juiz natural,
Relapada por rolo compressor
Ao princípio da imparcialidade,

Sonegação do direito
De defesa, ao maior líder
Popular brasileiro,
Com o propósito
De tirá-lo da eleição,
E o expor
À exacração
Pública com a pirotecnia
De sua prisão!

Este é o Brasil contrafeito,
Pejado de danosos precedentes
Aos quais , nos envergonhamos!...
Quem não lembra
Do "deputado fujão ",
Correndo destrambelhado,
Com a mala de dinheiro,
Tentando escondê-la em vão?
E o "mineirinho"acusado
De dois milhões
Ter abocanhado
Dos irmãos Batista!
Sumiu. Está
Em profundo mutismo!
Agora é deputado.
Aquele do -- "mantêm isso aí ",
O usurpador presidente.
Acusado de corrupção,
Fez tanto malabarismo
Para das denúncias
Da PGR escapar,
Correndo contra o tempo,
Dinheiro à mão
Cheia a esbanjar
Do povo brasileiro,
Afanando os cofres,

Comprando deputados
Com as famigeradas
Emendas parlamentarres,
Da sua própria confraria,
A preço de se livrar
Das acusações incontestáveis
No Congresso.

Brasil, País do retrocesso,
Dos absurdos incomparáveis,
Do imponderável
Que só aqui acontece,
Onde inverte-se a ordem
Das coisas, e cinicamente
Afirmam que as instituições
Estão funcionando
De forma admirável.
Mas como?
Se põem atrás
Das grades inocentes,
E são em demasia severos
Com pobres, prostitutas, pretos
E todo tipo de miseráveis!...
Enquanto há alguns bandidos
Soltos, gastando aos bocados
A grana rapinada,
Sem que os rigores
Da lei os alcancem!...
A outros ,
Sem crimes comprovados,
A lei endurece,
Os miseros padecem
A mais acerba perseguição,
Implacavelmente caçados,
Molestados qual presa rara,
Cujá sentença exara --

Não ter provas.
"Apenas "convicção,"
No novo Direito,
Com afeito,
Um enxerto
De anomalias,
Onde direitos
São usurpados
Todos os dias,
Num paradoxo
Da Justiça cega,
Que trata a uns --
Como adversários,
Lhes sendo inclemente!
A outros, os têm --
Como parceiros
Político-partidarios,
Sendo-lhes
Extremamente benevolentes!

PIRÂMIDES

À tardinha, debruçado
No portal do Cairo,
 Fito o sol,
Disco dourado, encimado
Por nuvens do arrebol!...
Neste instante ,
O Astro-Rei ,
Já se esconde ,
Quando a tarde se expande
No zênite,
Sumindo por detrás dos montes...!
Nesta hora de encanto,
Diviso as criações mais
Que perfeitas,
Pelo gênio humano concebidas,
Sombreadas defrontes,
Cuja imponente
 Necrópole de Gizé sobressai
Majestosa -- arquitetura
Primorosa e moderna
Para a prisca era, do antigo Egito ;
Mais à frente,
Minha vista extasiada
Depara o colosso --
A maior pirâmide
 Egípcia -- Quéops, "estrutura
De quase 140 metros"...!
Poeta solitário,
Sonhando os relicários
Da glória,
Na tarde morna do Cairo,
Testemunho deslumbrado,
Encantado tanto,

Espírito em bulício,
Alma em agito,
Fé
Redobrada na ciência ,
Na sapiência
E na engenhosidade
Do homem, "ser a única
Das sete maravilhas
Do mundo antigo,
Que ainda continua em pé"!....
Dos esplendores -- sigo
As trilhas --
E a pirâmide colossal
Confraterniza consigo,
Rindo-se da perfeição
De sua arquitetura milenar,
Que até o tempo,
Prostra-se de zoelho,
Ante tanta majestade,
À qual, não conseguiu sobrepujar!
Vislumbro na minha retina
Pasma de deslumbre,
As mais fantásticas
Construções milenares,
Obras de tamanha envergadura,
Tamanha grandiosidade,
No concerto universal
Da história
Da humanidade,
Legado dos antepassados
À posteridade ,
Cujas pilastras seculares,
Não ruíram ante a ação do tempo.
Diferente dos monumentos
De hoje, que sossobram
À ação dos ventos!

PORTA ESCANCARADA

Quando se escancara
A porta,
Nada mais a mascara:
O fio da navalha
Corta,
A faca não entorta,
O corte
Não falha!
De sorte
Que arrombada
A porta
Da casa,
Foge do ninho desnorteada
A ave, que quis voar bem alto,
E acabou dando precipitado salto:
Tombou, perdeu as asas,
Junto com a ninhada!

CEGO, SURDO E MUDO

O Bom não é aquele
Que dá presente.
Mas aquele
Que propicia o meio
De a pessoa
O próprio sustento ganhar.
Misericordioso não é aquele
Que se compadece
Do sofrimento alheio,
Todavia, nada faz pra ajudar.
Cego é aquele que malevolamente
Age com cinismo,
Falsa moralidade
E o dedo aponta,
Para criticar
Os deslizes dos outros!...
Ergue os olhos para enxergar
Os defeitos
Do irmão,
Mas não fica vermelho
Ao mirar-se no próprio espelho,
E vê refletidos
Os seus muitos defeitos;
Mudo é quem solta o vozeirão
Para denunciar
Alheios malfeitos,
E emudece,
Ante os próprios erros
Que cometeu;
Surdo é quem em profundo
Mutismo
Não escuta
A voz da consciência,

E não declina da vaidade,
Da prepotência
E do egoísmo,
Pensando que o mundo
Gira apenas em torno seu,
Não dando conta
Que muitos hão
Que anseiam
Uma voz amiga ouvir,
O afago sentir
De alguém que lhes dê carinho:
Da flor-- os espinhos retire,
Com ternura seu caminho
Pavimente com a flor
Da altissonante esperança
Que só o amor
Alcança
Ao prestar-lhes atenção:
Suas súplicas, escutando.
Somente isso querem de bonança!
Não é muito pedir!

30 MOEDAS DE OURO

O prêmio
Não cogito
Recebê-lo,
Senão
Por merecimento !
Dispenso
Favorecimento!
Minha honra
É meu tesouro!
Não vendo
Por 30 moedas
De ouro!

PIOR DOS ANIMAIS

Morre todo encanto e beleza
Quando o homem
Destrói a natureza,
Provoca catástrofes e fome!...
E nem mil pombas
Soltas, o espaço infinito
Adejando, no mais bonito
Sonho de irmandade,
Promove a paz,
Quando o chamado ser humano,
Pior dos animais,
Praga das pragas,
Uso catastrófico faz
Da inteligência
Que por Deus lhe foi legada,
Construindo artefatos
De destruição em massa,
E massacra
Cidades e povos,
Lançando sobre pessoas
Inocentes bombas,
Concebidas por engenhosidade
Nociva que abrem
No peito , chagas ;
N'alma, incuráveis feridas!...
E, em nome
De uma pretensa superioridade
Entre Nações, provoca a guerra,
Causando incomensurável
Sofrimento e agonia:
Ceifando vidas,
Destruindo a natureza,
Inutilizando a terra!

A MENSAGEM DA ESTÁTUA

Olhar arguto.
O silêncio
Diz tudo.
Nem uma palavra
A estátua
De bronze pronuncia.
Mas sua face pétrea
Expressa todas
As palavras que ouvira
Ecoar entre
As fissuras do tempo.
Olhar arguto.
Passos que não
Se movem
Na saliência do tempo
Que se movimenta
Mesmo estando parado.
A estátua, face pétrea,
Apenas move
O olhar de bronze!
Fita-me constrictada.
Ao seu olhar
Me detenho.
Ela perscruta-me a alma.
Reclama de eu bisbilhotá-la
Em seu silêncio
De bronze que perpassa
O tempo
E os elementos!
Contemporizo: entendo
Sua mensagem muda!

CEGUEIRA, OU CORPORATIVISMO?

Se fosse a ordem
Não deturpada --
A Justiça
Alguma vez
Não vista
Como uma
Dama de olhos
Vendados,
Fugindo a enxergar
A verdade,
Tudo seria
Diferente!...
Não existiria
Injustiça.
Quem cometesse
Erro,
Sem o ter
Querido cometer,
Deveria
Corrigi-lo,
Ou afastar-se
Da querela!
Doutra feita,
Quem infringisse
A Lei,
Praticasse delitos
De forma deliberada,
Para prejudicar
Outrem,
E, ainda,
Tirar proveito
Da condenação,
Teria de ser impedido

De continuar
Na função,
E ressarcir
Ao injustiçado.
No seu lugar
Deveria
Ser condenado!
E imediatamente
Ir pra prisão!

QUEM HOVERA DE SABER?(02/07/19)

Desfie o novelo
Se é que lhe importa!...
Não sabia,
Que a esfinge erigida
No bronze da vaidade,
Na iniquidade construída
Nos escaninhos da maldade,
Por muito não
Se esconde no breu?
A impunidade
Por mais bem guardada,
Não passa ilesa
Aos olhos de quem tudo vê!
Não se há, fechar uma porta,
Se Deus não o permitir.
Não cai uma folha do pé,
Ou fio de cabelo,
Se o Criador não estiver
No comando.
A "Garganta Profunda "
Foi fogo amigo
Que deteve a fonte consigo,
A sete chaves intocada?
Quem houvera de saber?

ANJO TORTO

Gestos caricatos.

O rosto, a cara

Que escancara

As feições

De uma personagem intrigante,

Que se apresenta

De modo intrigante ,

Como intrigante o é!

Tudo nele é instigante,

É extravagante.

Tudo normal.

Tudo natural,

Porque naturaliza

O anormal,

Como se normal fosse.

Embora às vezes, alguns gestos

E atitudes dele sejam estudados,

Isto é uma representação.

Ele é a essência do que é --

Um mau-sujeito,

Afeito a toda sorte de maldades

E trapalhadas,

E isso deixa claro,

Em suas aparições

Toscas e desmedidas,

Protagonizando shows

De xingamentos

E agressões verbais,

Agredindo, ferindo

Com bordoadas

De impropérios,

A quem lhe vá de encontro,

Ou a quem gratuitamente detesta.

É o papel de homem mau
Que desempenha?
Ou o mal está intrínseco nele?
Essa personagem,
Nunca teve o propósito
Que inserisse gente
No contexto.
O seu propósito
Sempre foi o despropósito.
Caiu como um meteorito
Onde ninguém cogitava
Que caísse.
E, como um mau-augúrio,
Foi minando o campo em que
Caira de paraquedas,
Tornando-o terra arrasada.
É o verbo conjugado
Em primeira pessoa
Dos absurdos que perpetra --
Coisas absurdas e deletérias
Que propola,
Mas que servem
A um desiderato,
A uma direção apontada.

Nele, o normal,
É ser o não normal.
O anti-social.
O anti-tudo.
Diverge, só por divergir,
Porque carece
De sustentação
Argumentativa em qualquer
Assunto levantado,

"Eis a questão ".
Da ciência
Zomba, sem base para tal.
E a gente fica refém
Do descaso e ingerência
Dessa lamentável criatura
Que escarnece do sofrimento
Das pessoas e das milhares
De perdas de preciosas vidas,
Carentes da vacina,
Enquanto grande parte
Do mundo se humaniza
E já imuniza
Sua população.
Dirá, ainda, ante tudo,
A turma que cegamente
O segue, ser ele o anjo
Bom que a conduz.
A história inclemente
Cravará : é o anjo torto
Que tanto mal propaga!

SEGUNDO TRIUNVIRATO

43 a.C., Roma em toda
Sua opulência.
-- Tribunos da Plebe , corram!
A areia do tempo
Pelos dedos do vento escoo.
Nem um segundo mais a perder.
Júlio Cesar foi assssinado
A facadas no Senado,
Pelo próprio filho Brutos.
-- Marco António, adianta-te!
Otávio já a ti, chega,
E também Lépidio.
Prepara-te. Ages
Sem mais delongas !
O consórcio dos três
Está posto:
O Segundo Triunvirato
Romano não espera.
-- Antônio, junta-te
À Cleópatra no Egito,
Enquanto a areia
Do tempo lentamente escoo!

AMANTE DA LUA

O ébrio trôpego pela rua,
Pensa que a lua,
Pálida e nua,
Radiante e bela,
Toda ela,
Encanto e resplendor,
No céu flutua,
Exibindo-se para ele
Que, ébrio de amor,
Louco de paixão,
Se entrega à doce ilusão
De que a lua é amante dele.

LEVIATÃ DA DESIGUALDADE

Colhes as flores que não plantaste.
Comes o pão cujo trigo
A semente não semeaste.
Te vanglorias de seres rico, amigo!

Esta é a logica do capital financeiro:
Do suor alheio se sustenta!
Quanto mais explora, mais ganha dinheiro,
E a fortuna exponencialmente aumenta.

O leviatã vai a desigualdade aumentando.
Na ânsia de abocanhar mais riqueza,
Vai impiedosamente gerando mais pobreza!

Na sanha desumana do capital financeiro,
O que conta é ganhar rios de dinheiro,
Pouco importa que mais pobres vá gerando!

AS AREIAS DO CAMINHO

Bebi na taça do egocentrismo
O vinho impuro que prepara,
E fui seguindo estrada afora,
A esmo percorrendo caminhos
Ora de flores , ora de cardos;
Ora venturosos, ora tristonhos.

Viandante de tortuosas jornadas ,
Busquei alhures: cravos, orquídeas e tulipas
No jardim da vida, deparei-me entretanto ,
Com imenso deserto, o qual
Tentei nas areias do caminho,
Encontrar meu rumo , em meio à cerração!

Sultão sem odaliscas, sem harém,
Sem súditos, sem castelo , sem carruagem ,
Reinei no reinado das "Mil e Uma Noites "
 Nas areias do caminho, me perdi no meu deserto ,
Quando dei por mim,
Estava preso nas muralhas do tempo.

De moinhos de vento, soldadinhos
De papelão, construí minha
Fortaleza! Vi que estava aprisionado
Na própria fortaleza que construí,
À qual, o vento batia na amurada,
E as areias infindas aumentava-me a solidão.

No deserto da vida, me perdi
Pelo caminho, na ânsia
De ao oásis chegar.
Mas encontrei-me ante
Uma miragem que fez

Com que pusesse os olhos
Em pedras, pedregulhos,
Areia e inexpugnável murada,
Buscando, em balde, o rumo certo!

O QUE MEREÇA TER

Nem todas coisas tenho.
Mas não desdenho
Das que não pudera ter!

À insignificância não me recolho:
O fruto só colho,
Se for preciso colher!

Minha dívida pago e agradeço.
Não pago, porém, o preço,
Do que não mereça ter!

Não arrisco o lance,
Sem ter o alcance
Que irei vencer!

À insignificância não me recolho:
O fruto só colho,
Se for preciso colher!

O MONSTRO QUE PARIRAM

A história que lhes conto,
Não é da carochinha,
Ou Conto de Fadas,
E nem ilusão minha,
Trata-se da realidade
Sobrepondo-se
À tragédia anunciada,
Mostrando-lhes
O quadro medonho
Que se lhes apresentava,
Onde o abismo
Abria-se a olhos vistos.
Mas não deram conta
Do furacão
Que se anunciava!...

Depois da tempestade
Pronta,
Tomem bordoadas,
Cacetadas
No lombo!
Tolos, tudo estava explícito,
Não viram!
Como prenda levaram
Terrível tombo!
Ficaram de tanga,
Com a brocha na mão,
Às tontas!
É que cegos, caíram
No atoleiro,
Se lambuzaram
No charco em que se meteram!

De nada vai adiar
Agora choro de crocodilo!
Não se enganaram.
O que conpraram
Sabiam que droga era aquilo!
Como Madalenas arrependidas
Choram pitangas,
E dizem terem sido enganados,
Que a mercadoria
Que compraram,
Não era aquela
O preço que ajustaram.
Choram, se descabelam
Por terem sido ludibriados!

Não são inocentes!
Estavam cientes
Da porcaria
Que compraram !
Viram o bode na sala!
O fedor que dele ainda isala!
O que fizeram?
A sujeira
Do monstrengo disfarçaram.
Não compraram
Gato por lebre. Tinham ciência
Do traste que compraram!
Um jacaré
Em águas rasas criaram!
Não sabem, entretanto,
Como se livrarem
Do monstro que pariram!

DEVER DE CONSCIÊNCIA

Às vezes, nada é definitivo.
Pode crê!
Você pode rever
Sua posição.
Não como um lenitivo
A quem foi prejudicado.
Mas como um dever
De consciência.
O que ontem lhe era dado
Como uma absoluta verdade,
Hoje pode não parecer.
Honesto é reconhecer
O erro, corrigi-lo
Com brevidade.
Assim, estará a agir
Firme e grandiosamente!
Machucou , magoou alguém,
O dever tem
De seu malfeito corrigir:
À sua vítima pedir perdão !
Não é o parecer
Ter decência.
Tem que ser decente!

MATASTE O AMOR, A AMIZADE

Quem és?

Por que te escondes

Na noite escura?

Do que foges espavorido

Vil criatura?!

Não respondes?

Tu sombra te morde nos pés!

O que procuras esconder, criatura,

Em teus devaneios perdido,

Fugindo do próprio vulto,

Que astuto

Segue-te, e te tens querido

Inclemente alcançar,

Na tua noite infinda de amargura?

Responde o vento em reclamo:

Esse ser de pétreo coração ,

Vate querido,

Que de monstro chamo,

Procura o sonho de ventura,

Alentado delírios,

Em louca ilusão!

Nem se dá conta o insano,

Dos crimes cometidos!...

Tempo perdido

Em farras e prazeres mundanos,

Que um dia, inexoravelmente ,

Na poeira do tempo acaba!

Aos isensatos, o reverteres, a paga!

Ele, amigo vento errante,

Não sente o pesadelo cortante,
Atormentando-lhe a alma,
Tirando-lhe a calma?
O remorso não há
De lentamente matar
Esse ser desprovido de alma?!

Cobrando-lhe
Pelo malfeito perpetrado?
E que ainda se gaba
Tê-lo cometido?
Ao qual, a consciência
Lhe tem arremetido,
Cobrando-lhe a traição a um amigo?!

O vento esbraveja em resposta,
Farfalhando em minha porta:
-- Nobre poeta, não vê,
Na perversa criatura,
Estampada na cara,
A sentença que exara
No véu da amargura -- culpado?!

A sombra que emerge dele insiste,
E persiste, em fustiga-lo!...
O castiga no coração
E na alma,
Denuncia, desse ser das brumas,
O crime mesquinho de traição --
Aponta o dedo em riste !

-- Ele é o ser da senda mais triste,
Dentre seres impudentes,
Que na face da terra existe:
Uma criatura execrável,
Um miserável

Cuja maldade,
Nem sombra de remorso sente.

-- Quem és, criatura?
Do que foges espavorido?
O que esconder tens querido
Na noite escura?
Não escutas o eco
Da tua consciência
Que, implacável te acusas?!

Pontua a brisa: -- Amiga Lua,
Esse por quem perguntas, traz consigo,
Um requinte de maldade :
Um punhal cravaste
No peito , na alma , do melhor amigo.
É um ser mísero que mataste
Cruelmente o amor, a amizade!

TRIUFANTE CHEGADA

I

Jamais imaginei
Que poderia chegar
Onde cheguei.
Os passos que dei,
Com modesto rumo traçado,
Alcançaram-me ao patamar
Nunca esperado.

II

Do jeito que caminhei,
Jamais imaginei
Elevar-me a tanta glória,
Hoje o baluarte magistral
Que ergueu-me o nome
No pedestal
Da história!

III

Certo que a vida
É mesmo inesperada.
Quem pode mensurar,
Sequer imaginar,
O que vai nos acontecer
Depois da subida
De tão ingrime estrada?

IV

Verdade que planejei
Detalhe por detalhe a jornada!...
E tudo de mim dei,
Para subir pequena escada,
Porém, por nada
Cogitei, erguer-me ao topo
Da mais Alta Explanada!

ÓRFÃOS DO PODER PÚBLICO

Passa veloz o vento.
Ao volver os olhos
Para a terra,
Lágrima dolente
Do seus olhos desce
Ao ver algo que a alma
Lhe entristece,
E em ato contínuo, para, a fim
De confidenciar
Com as estrelas seu lamento,
Seu pesar:
Lindas estrelinhas,
Que os céus pontilham,
E a linha
Da abóboda celeste trilham
Com suas luzes douradas,
Ouvem as súplicas minhas:
Quem são aquelas criaturas ?
Meu Deus ! Que tormento!
Que agruras
Transparecem
Nas faces delas.Coitadas!
Parece só conhecerem privações!
São a cara do sofrimento,
Cujo semblante transfigura
Acerbas aflições
As quais padecem!

Não sabe, companheiro?
Vo-lo direi.
Prontificou-se a chefe
Dos astros dourados,
Olhos rubros

De tanta lágrima vertida!
Onde moram?Coitados!
Muitos não têm casa.
Dormem pelas calçadas,
Tendo pedaços de papelão
Espalhados pelo chão
Como camas improvisadas,
E o céu por teto,
E os que as têm ,
Se é que podemos dizer assim ,
Residem em casebres de taipa,
Ou se aboletam
Em míseros barracões!...
Aonde vão? Pelos cantos,
Ao Deus-Dará,
Um cortejo dorido
De maltrapilhos, indigentes,
Pobres criaturas
Trazendo nos corpos
Marcas de uma existência sofrida:
Os corações
Em tormenta,
Vertendo lágrimas de dor!...
Uns, já de torpor,
Tontos;
Outros, enlouquecidos --
A alma ferida,
Estendendo a mão
À caridade,
Desvalidos da sorte,
Órfãos do poder público,
Cuja morte,
A alguns já se dá,
Ainda em tenra idade,
Fora os que sucumbem
Nos primeiros dias de vida.

Fez pausa, a estrela em questão,
A Dalva, para chorar seu canto,
Derramar seu pranto!...
E, à dor movida, exclama:
É triste a realidade
Que à razão nos chama
E nos punge o peito:
A nódua do desprezo,
Do descaso ,
Contra o pobre brasileiro,
A infamia
Que mata, que humilha,
Que embrutece,
Que enlouquece,
Que prostra de joelhos
Entregue à aflição,
Ao desespero,
O pobre pai de família
Em situação
De penúria ...!
Bastaria, então,
De amor,
De compreensão,
De solidariedade,
Apenas um gesto!
Mas não o fazem,
Porque trazem
Uma pedra em lugar do coração!
E só quem não conhece
O Brasil, desconhece
Essa mácula infame
Que mancha sua história: a fome!

Uma nova voz,
Em ira atroz,

Do rubro horizonte
Se levanta,
O dedo em riste aponta:
-- Quem são esses
Andarilhos errantes,
Que caminham suplicantes,
Dentre abastada gente
De roupas caras, coloridas,
Das nababescas
Festações desenfreadas,
Dos bolsões
Da vida,
Dos lautos
Banquetes esbanjatórios,
Ostentando sua pompa,
Em meio à grandeza
E o contraste da pobreza --
Miséria que como peste campeia,
E ao pátrio chão enlodeia?!
-- Lamenta o Sol, pasmado ,
A estremecer, encolerizado!

Pontifica a deusa dos namorados:
Não vês, Infante Loiro,
O quadro melancório
Desses miserandos seres
Que aos olhos , se nos apresenta?
São os que essa "gente"
A qual se refere,
Chama de " paraibas,
Baianos" e outros
Termos pejorativos,
E aos quais, finge não ver,
E por ventura, se os virem
Se aproximando,
Vai se afastando,

Como se estivera
Frente a leprosos,
Rebotalhos humanos,
E não pobres pessoas
Que padecem de fome,
Quadro infame
Que que teima em surgir de novo,
Batendo desumana e inclemente
De solapada
À porta
Do pobre povo,
A esperança morta,
Amordaçada, aprisionada
Na insensibilidade
De não terem olhos, nem planos
Para pobres criaturas,
Odiadas pela classe hegemônica,
Que detém as rédeas do poder!

"VACINA NÃO TEM PRESSA"? A MORTE INTERESSA?

(29/12/2020)

Minha gente,
Em que abismo
De tormenta infinda
Vivemos?!
Que mais teremos
De agruras?
Lentas e cruelíssimas amarguras
Havemos de sofrer, mais ainda?
Não basta tantos
Malefícios que já temos?
Não é só algoritmo!
São vidas perdidas aos milhares!...
Que mais vexame é pra dares,
Presidente?!
"Vacina não é urgente?
Não tem pressa"?
A morte interessa?!

ODE À ALEGRIA

Canto a alegria
Que minh'alma exprime!
Canto a esperança,
O amor, a vida!
Canto da mãe --
A dedicação sublime,
Seu amor
De anjo divino
Que nunca
Nos deixa ao abandono,
E ao açoite
Do vendaval d'alma,
Quando se lhe atribula
As preocupações
Do dia a dia,
E faz das tripas coração,
Se preciso for,
Dá a própria vida
Pelo querido filho,
Seguindo o trilho
De um amor sacrossanto
E puro -- todo ele encanto!...
Mãe, ser iluminado
Que vela à noite
Pelo nosso sono,
Que nos embala
E nos prepara
Para seguirmos
Pela longa estrada da vida!

Canto o riacho
Murmurante e belo!
Canto as campinas

Repletas de flores!
Canto a fantasia,
Os anelos
Do amor,
Eterno no mundo,
Que vence a espada
Pela paz e harmonia;
Canto a esperança
De um mundo
Melhor e irmanado!...
E viajando nas asas do imaginar,
Construo meu castelo
De ilusões e sonhos,
Alicerçado pela fantasia
Que alimenta
O meu doce canto!

Canto toda forma de amor...
Porque odeio todo pessimismo,
Todo lamento
E toda amargura!
Canto a felicidade,
A poesia,
Porque não sou daqueles
Que vão pela vida
Chorando mágoas,
Lamentando a má sorte,
Machucando-se nos espinhos,
Que insensatamente,
Os punha em sua própria alma,
Enchendo-se de tristeza e dor!

Canto a alegria,
Na expressão
Mais casta do canto
Em louvor

À vida!...
A emoção
É que me alenta o canto!
Jamais cantarei dores,
Por não ser daqueles
Que cultivam tristezas
E colhem dissabores!
Por que ser triste?
Com pessimista atitude,
Abdicar da felicidade, do amor,
Dos elevados sonhos de venturas
Que sobre-existem
Mesmo que por breves momentos!
A vida é bela!
Embora padecendo agruras,
Quem quer, se desfazer dela?
Seria um louco ,
Um tonto,
Que abriria mão
Do seu bem mais precioso --a vida,
Pois somos bastante ricos
Só em estarmos vivos
E gozando de plena saúde!

DIVINA CRIAÇÃO

Flores se abrindo,
Folhas caindo,
Pétalas espalhadas
Pelo chão,
Pássaros cantando,
Sol se pondo,
Narureza em festa,
O amor celebrando,
Graças ao Criador dando
Pela Divina Criação!

CABRESTO

Não tasca
O que não
Tem jeito!
O erro
É errar
E continuar
Errando,
Sempre teimoso
Apanhando!
Há sujeito
Em quem
Se põe cabresto!
Quanto mais aperta,
Mais quer aperto!
Agora, nada adianta
Fugir, Zé !
Sabe como é?
Puseram-te cabresto!

MONSTROS , PELO ELEITOR PARIDOS

Na política
Não tem
Nada de novo!
A barafunda implica
A prestação
De contas
A ser paga!...
O povo
Por não
Ter planos
De auto-defesa,
Porque não
Sabe votar ,
Paga o pato,
Ao criar
Monstros
Que o vai
Lentamente
Devorando!
O resultado
É que fica
Impotente
Para se livrar
Dos monstrenhos
Paridos,
Gestados, se sabe,
Na burrice,
A sandice
De prejudicar
Mais a si
Do que
Ao outros!...
E na insensatez

Do voto mal dado,
Por sua vez,
Vai criando
Cada aberração
De político surgido
Do nada,
Infestando ,
Infectando
A seara política!
É este o repasto
Que lhe cabe
Na partilha:
Seguir a trilha
Do nefasto
Pagamento
Pela mancada
Do voto errado
De 4 em 4 anos!

NEGÓCIO LUCRATIVO (23/08/19)

Que negócio lucrativo
O combate à corrupção:
Uns, aumentam seu ativo;
Outros, vão pra prisão!

E nessa leva de falsos paladinos
Na luta contra a corrupção,
Vão surgindo os podres dos ladinos
Que viviam na sombra da empulhação !

O negócio é lucrativo !
Bem sabe o sabidão!
Finge ser proativo
No combate à corrupção!

Mas no jogo sujo se entende,
Que o combate à corrupção,
Não passa de engodo que vende
O santarrão , na pura descarração !

FUJAMOS AO NAUFRÁGIO

Vivemos tempos difíceis,
Agruras que aportam
Nesses dias inditosos --
Espinhas do tempo,
Que a uns melindram,
A outros, nada importa!

Outros contratemplos,
Receios e medos,
Já vimos de maior aprumo!
Mesmo prestes a sermos
Abalroados , navegando
Em navio desgovernado ,
Indo de encontro aos rochedos,
Sigamos nosso rumo!

Abramos nas costas
Do tempo, trincheira:
A atitude é a cartucheira;
A incisiva ação
Bala ligeira
A ser disparada
Contra um alvo
Que não guarda posição!

Soldados, praças, generais,
Comandante do esquadrão,
Toda a armada,
Tudo o mais:
Nós, gente supliciada,
Não nos sintamos coitados,
Fujamos da retaguarda,
Combatamos à frente do batalhão

Com denodo e extrema coragem!

É dichote dizer que a infecção
Coronaviriana é morolinha,
Uma gripizinha!
Tudo é cretinice
E tamanha maldade,
De quem afirma
Tais excrescências.
A verdade
É que estamos
Ante o olho do furacão !

Não nos iludamos,
Minha agente,
Tem que ser renhida a luta!
A labuta
É batalha pra forte!
De sorte
Que requer
Estratégia de guerra,
Comandante que não seja
Fraco, covarde,
Um pusilamine
Perdido no novoeiro,
Qual cego em tiroteio,
Não sabendo como agir
Frente ao perigo iminente!

Lançada a sorte,
Neste agro momento
De aflição e tormento!
Não se há
Recuar da refrega,
Ante um inimigo que ataca

Por todos os flancos!
Sigamos mesmo aos troncos
E barrancos
Em busca de alvissareiro norte!

Ao timoneiro
Da nau abalroada,
Carece atitude crível,
Porque não sabe
Como fugir ao acosso
Do ninusculo ser
Que não ver,
Nem sabe quando e donde
Pode surgir
O fero inimigo invisível,
Enquanto no front,
Afunda o colosso,
E os ratos
Ainda relutam em fugir
Da embarcação naufragada!

Não fiquemos de braços cruzados
A chorar nossas dores,
A lamentar dissabores ,
A lambar nossas feridas
Em meio a mais terríveis pragas
Que é o próprio virus
E se manter omisso
Ante à tragédia do Coronavirus !
Outrossim, curemos com
Parcimônia e devidos cuidados,
Nossas chagas!

Outros contratempos ,
Receios e medos,
Já vimos de maior aprumo!

Mesmo prestes

A sermos abalroados ,

Aboletados

Em navio desgovernado,

Sigamos nosso rumo!

Tudo há de passar...

E do destino, o leme mudar,

Como tudo tem um termo

Final nesta vida!

O INDEFENSÁVEL (VITÓRIA DA CONQUISTA 12/02/21)

» Os tortos,

Seguem os tortos,

Como idiotas

Seguem idiotas,

A tudo normalizando ,

Variante daqueles

Que se emporcalham,

Chafurdando

Na lama infecta

Seu natural habitat,

Não importando

Os meios escusos utilizados

Para o alcance

De seus objetivos

Torpes e criminosos!

Na confraria de atos

Que corrompem

Os próprios atos,

O fato

É que não se pode

Negar o inegável!...

De repente,

Algo aconteceu

Tão inesperado, pegando

Em atos inconfessáveis ,

Prenhes de promiscuidade,

Os tortos e tortas

Que seguiam a cartilha

Da contramão da legalidade,

Enrredando idiotas confessos,

Parvos deslumbrados,

Que ante tudo revelado,

Seguem, ainda,
Cegos e bestializados,
Os embusteiros da Lei,
Na ordem de os camaradas
E as camaradas
De corações petrificados,
Atitudes e atos ignaros,
Criaturas de má catadura,
Verdadeiros bandidos
E bandidas, tidos
Por preclaros,
Cujas máscaras
Foram desnudadas,
Mostrando as faces
De rematados bandidos
E bandidas
Travestidos de bons moços
E boas moças, cujos crimes
Por eles praticados ,
Compuscaram toda decência
E preceito de moralidade,
Destacando em revés:
Carência de neutralidade,
Interesses particulares
E político-partidário,
Abusos e atropelos
Às regras judiciais ,
A canalhice de fomentarem
Ódio e rancores,
Preconceito desembestado
Ao apontarem defeitos físicos
Dos seus alvos persecutórios
Ao deitarem zombamento
Da maneira de se vestirem,
A maldade capultada
Por corações perversos

Ao ridicularizarem
A dor de um avô,
Que perdeu o neto de 9 anos!
Agora, sabemos
O que fizeram
No verão passado!

Por vias tortas ,
Servindo a um propósito,
O qual se utiliza
A Providência,
Sortilégio da mão invisível
Que move os cordéis
Do destino --
Justiça Divina
Amarga feito fel,
Que escancarou as portas
Da podridão,
Ao desvendar segredos
Que guardavam
Atos espúrios,
Denúncia de conluios,
Atos provindos
Das catacumbas
Da imundície,
Por seres mesquinhos
E diminutos,
Que convergem
Para crimes indefensáveis,
Ao encontrarem forma
De corromperem
O Sistema de Justiça,
Ato de bandoleiros
Que "agora sabemos
Que sabemos "!\n...
É o torto,

Querendo fugir
Do torto,
O roto, na vã tentativa
De se desfazer
Dos seus farrapos
Que mais e mais
O emporcalha!

Por atos transversos,
Que servem ao desiderato
De corrigir atos tortos
Na confraria
De seres tortos e mesquinhos,
O imponderável acontecido
Desnuda a quantos
Queiram ver,
Com os olhos da verdade
Os escombros
De uma trama infame
E diabólica, urdida
Com requinte de maldade,
Nos escaninhos
Do mantra de combate
À corrupção, escondidos
Na sombra do Telegram,
Onde tramavam
E se corrompiam
Na ânsia da perseguição
À sua primaz vítima!

Do revelado até então,
Tem-se provas incontestáveis
De crimes, maquinações
Diabólicas, estupro
Da Constituição,
Combinação de resultados,

Perseguição implacável
A quem tinham por inimigo
Na mais cruelíssima
Caçada sem precedentes
Na história,
Que corresponde
A indisfarçável lawfare!

-- Não se atormente,
A farfalhar sua mágoa ,
Amigo vento errante,
Agora, "sabe que se sabe"
O que fez no verão passado
Em atitudes e atos perversos,
Deletérios e eivados
De maldades,
Essa gente torta,
De alma putrefata
E inumana!
Coração de pedra!

VERSO MUDO

De todos os pemas
Que compus,
Um foi o melhor
De tudo:
O verso em branco...
Disse tanta coisa,
Mesmo sendo
Verso mudo!

VAI PASSAR

Tudo tem seu tempo certo.
Isso vai passar...
A flor que desabrocha,
Perfuma e encanta,
Um dia murcha
Despetalada e triste,
Jogada pelo canto,
Sem serventia;
A tempestade , que chega
De repente,
Repentinamente a tudo alaga
Com intenso furor ,
Em algum momento, haverá
De arrefecer,
Dando lugar à calmaria;
Amores, sonhos e ilusões,
Morrem no olvidor,
Como tudo que respira, vibra
E floresce, tem seu
Termo final nesta vida...
Isso vai passar!

FANTASMA DE SI PRÓPRIO

O que aparenta ser, não é.
O que não aparenta ser, é.
Tudo dependente
Como se enxerga as coisas.
Não busque longe
O que está perto.
Não corra de si mesmo,
Fugindo do fantasma
Que alimenta
Com indecisões e vacilos.
A vida é bela
Para quem sabe fazê-la bela,
Sem aquela
De correr,
De atropelar
As oportunidades
Que estão, e vão estar
Sempre à espera
De quem tem paciência ,
Cautela e inteligência,
E sabe o momento oportuno
De ir em busca da realização
Do seu intento.
Tome.Vá.Realize.
Você pode, e faz , e exorciza
O fantasma que o fez perder
A confiança em si!

CUIDADO COM AS PALAVRAS

Não gosto quando me calo,
Ou tolamente falo
Coisas demais
Que só servem pra machucar!

Há momentos que calar,
É consentir no erro.
Mas falar, não me atrevo,
Se for pra machucar!

Não gosto quando me calo,
Ou imprudente, falo
Coisas que parece banais!

As palavras têm seu preço,
Outras conotações sem apreço.
Cuidado! Pois podem machucar!

PLANTAÇÃO

PLANTAÇÃO

Nem sempre quem

Planta colhe.

Mas escolhe

O bem plantar!

Pois a boa sementeira

Não é ter

Muita fartura.

É saber

Dividir o pouco que tenha

Com aquele que nada tem.

ESMOLA DO APRENDIZADO

Na lógica distorcida
À qual se aplica com empenho
A uma idiotice deferida
Contra o vento
Dos absurdos , tenho --
Camarada, tudo se resume:
Ter muito estudo,
De que lhe serviria,
Se ao queixume
De quem quer aprender
Das letras -- os rudimentos ,
Fica mudo?
Serve-lhe de qual serventia,
Tanto conhecimento
Ter conquistado
Se cruel e severo,
Nem um minuto,
Como tributo
Ao seu egoísmo fero,
Tira de sabedoria
Para oferecer
Um pouco do que aprendeu
Na escola,
A quem a sorte não deu
A esmola
Do aprendizado ?

MENTIROSO POR COMPULSÃO

O pior cego, é aquele que não quer vê ,
E na mentira crê .Finge que não mente.
E cinicamente o tempo todo mente.

Acredita nas mentiras dos outros,
A verdade desdenha, violenta,
Outras infames mentiras inventa!

É mentiroso por compulsão tão somente !...

Gosta muito de mentir e finge que não mente!

JUCKLIN CELESTINO FILHO

JUSTIÇA MERCENÁRIA

A Justiça sabe
Que a si própria cabe
Com imparcialidade julgar!
Por vezes, é prostituta ...
Vende-se a quem seu alto
Preço pode pagar .
Pelos seus serviços cobra.
Cobra muito caro.
A aposta dobra!
Não raro!
Muito custa.
Pergunte ao pobre, ao ladrão
De galinha, ao negro, à prostituta ,
Quanto a Justiça custa ...
De pronto, responderão:
- Ora, que filho da puta!
Não conhecemos justiça !
Conhecemos seu lado perverso...
O lado inverso:
O descaso, a prisão!

PORTO SEGURO

Sou um barco a navegar,
No mar revolto da vida,
Folha pelo vento varrida,

Navio sem leme e sem Norte ,
Em noite tempestuosa, em apuro,
Buscando calma, a sorte,

De em meio ao vendaval, encontrar

O meu porto seguro !

COLHENDO ESPERANÇA

Mesmo que tenha dias
De céu nublado.
Há dias de céu radiante
E estrelado.
A felicidade está, querida,
Nas coisas simples, escolha.
A esperança
É um fruto maduro, colha,
Minha linda e inocente criança!
E siga sorrindo à vida!
JUCKLIN CELESTINO FILHO

BOBA ALEGRE

Tem gente que se faz de engraçadinha!

Mas de engraçada não tem nada .

Faz tolas brincadeiras

Pensando estar fazendo maravilhas.

Cai nas próprias armadilhas

Que idiotamente inventa!

Por fim, as bordadas não aguenta,

Por uma boba alegre, ser considerada!

LEMBRANÇA (ITABUNA, 12/06/79)

Na tarde que vai dormindo,
O sol entre as nuvens sumindo,
O vento sopra lembranças da cidade
De Itabuna, de tempos idos.
Tempos tão felizes e queridos
No calendário da saudade.

Sinto ainda no ar, o perfume
Que de ti emanava , querida,
"Nas manhãs festeiras e risonhas da vida,
Nas tardes de sonhos dourados" ,
De amor e esperança espraçados,
Nos domingos de céus estrelados!

Que saudade, Soraia querida!
Ainda sinto tua presença querida ,
Nas lembranças que o vento sopra.
Na minha soledade, quando tinha ciúme
Dos teus pertences, até do teu perfume,
Tinha ciúme , Soraia querida!

ORGULHO

Com seu rico dinheiro,
Pode comprar mais ouro.
Pode comprar o que lhe
Convier no balcão peremptório.
Mas não compra saúde.
Não pode comprar a vida!

De cabeça mergulha
No orgulho,
Se achando o tal,
Mais importante
Do que na verdade é,
No plano existencial.

Humilha , pisoteia pobres,
Negros, índios e pessoas
Que odeia única , perversa
E exclusivamente , pela cor
Da pele, pela posição social
A que pertença!

Esquece que somos matéria
Putrefata, e que todo
Sangue é rubro.
Viemos do pó
E ao pó voltaremos,
Pois toda carne é finita!

A VERDADE SUPREMA

Se conheceres a verdade,
Nunca serás vencido.
E esquecerás a maldade;
Se conheceres o Amor,
Esquecerás a falsidade,
A traição e deslealdade.
O Amor é luz
Que brilha
Na escuridão,
Fanal que guia à trilha
Marinha o nauta perdido
Em meio à cerração ,
Sacrossanta verdade --
Palavra excelsa que desarma
Quem vem armado pra guerra ,
Júbilo que reluz
E que traz
Esperança de paz
"Aos homens de boa vontade"
Aqui na Terra!

INIMIGO DE SI MESMO

No certame que compunha a vida,
A batalha em detalhes por ela ,
Num lance arriscado é decidida.
Se queres vencer o oponente,
Vence primeiro a ti --
Derrota teus inimigos internos --
O inferno
Que o envolve -- teu adversário
Em comum -- o medo de perder ,
O receio que te amedronta e apavora
Na inadiável hora
De a refrega decidir.
Avalia as probabilidades crente
Na vitória, e a hora apropriada ,
Bem calculada para agir.
Mas o faça não com demasiada
Confiança, porém, com cautela
E convicção que poderás vencer !